

# **A Informática para a Tradução: As Competências Tecnológicas do Tradutor no Contexto do Mercado Português**

**António Bernardo Martins Curto Rodrigues Calhanas**

**Dissertação de Mestrado em Tradução,  
Área de Especialização em Inglês**

**Setembro 2016**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução, área de especialização em Inglês, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Iolanda Ramos e da Mestre Susana Valdez.

*Versão corrigida e melhorada após defesa pública*

*Aos meus pais. O que me deram não tem preço.*

## **AGRADECIMENTOS**

Não posso começar sem dirigir os meus mais sinceros agradecimentos a várias pessoas que, de certa forma, contribuíram para a realização deste estudo.

Começo pelas origens e agradeço aos meus pais, avós e tios por todo o apoio psicológico, monetário e logístico que tornou possível toda esta viagem desde o seu início, em 2011. Agradeço também pela confiança e certeza de sucesso.

Aos meus amigos, família Sá Nogueira, Diogo Magalhães, João Costa, Miguel Félix, Nicolai Raevschi, Pedro Casares, Pedro Miranda e Pedro Piedade, por me desencilharem quando o caminho assim o obrigava e por não permitirem que me desencilhasse em demasia.

É também necessário agradecer a vários professores com quem privei e aprendi ao longo destes anos. Às Professoras Iolanda Ramos e Susana Valdez, por quem tive o prazer de ser orientado, agradeço toda a paciência, disponibilidade e conhecimento transmitido numa orientação rigorosa e incensurável.

Ao Professor Marco Neves pela sua disponibilidade, simpatia e forma única de transmitir conhecimentos verdadeiramente importantes para a vida profissional futura.

Ao Professor David Hardisty pelo entusiasmo por esta área que, fortuitamente, fez questão de me transmitir.

À Prof. Doutora Gabriela Gândara pela impecabilidade e rigor com que sempre me transmitiu as suas mais variadas erudições.

A todos os participantes do presente estudo que gentilmente facultaram as suas respostas às entrevistas e questionários, tornando possível a obtenção dos dados analisados.

# **A Informática para a Tradução: As Competências Tecnológicas do Tradutor no Contexto do Mercado Português**

**António Bernardo Martins Curto Rodrigues Calhanas**

## **RESUMO**

O avanço tecnológico e a globalização que se fazem sentir na atualidade têm vindo a alterar vários aspetos da sociedade contemporânea. À semelhança de outras profissões, também a prática tradutória se adaptou de modo a fazer frente à evolução das tecnologias e, consequentemente, à maior necessidade de comunicação entre diferentes culturas. Neste enquadramento, questiona-se a definição de competência tradutória, os seus componentes e o estatuto do tradutor atual.

É, deste modo, objetivo da presente dissertação refletir sobre as competências tecnológicas do tradutor contemporâneo, no contexto do mercado português, de forma a contribuir para o mapeamento das competências tradutórias com potenciais aplicações ao nível da didática da tradução.

Por forma a obter respostas sobre quais as competências tecnológicas mais importantes para o mercado nacional, analisam-se, ao longo da presente dissertação, os dados recolhidos de entrevistas e questionários realizados a empresas de tradução e tradutores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, Informática, Ferramentas TAC, Competência Tradutória, Competência Tecnológica, Didática da Tradução.

## **ABSTRACT**

Technological advances and globalization, that encompass the world in which we live today, have been changing various aspects of contemporary society. Similar to in other professions, translation has also evolved in order to cope with the evolution of technology, and consequently the greater necessity to communicate with different cultures. This led to the questioning of what is the definition of translation competence, which are its components and what is the role of the contemporary translator.

Therefore, the objective of this dissertation is to discuss and reflect on the technological competences of the contemporary translator, in the Portuguese translation market. Thus aiming to contribute to the mapping of the translation competences that can potentially be applied to translation didactics.

The data retrieved from interviews and questionnaires to translation companies and translators was then used to obtain answers in regards to the question of which are the most important technological competences for the domestic translation market.

**KEYWORDS:** Translation, Informatics, CAT Tools, Translation Competence, Technological Competence, Translation Didactics.

## Índice

Índice de Siglas .....	1
Índice de Figuras .....	2
Índice de Tabelas .....	3
Introdução .....	4
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico .....	6
1.1. Introdução .....	6
1.2. Competência Tradutória .....	10
1.2.1. Definições de Competência .....	11
1.2.2. Modelos de Competência Tradutória .....	15
1.3. Conclusão .....	23
Capítulo 2 – Metodologia .....	25
2.1. Introdução .....	25
2.2. Referenciais Metodológicos .....	26
2.2.1. Entrevistas .....	28
2.2.2. Inquéritos .....	33
2.3. Conclusão .....	38
Capítulo 3 – Análise dos Dados e Conclusões .....	39
3.1. Introdução .....	39
3.2. Entrevistas .....	39
3.2.1. Perfil das Empresas .....	40
3.2.2. Recursos Humanos .....	42
3.2.3. Competências Gerais do Tradutor .....	44
3.2.4. Competência Tecnológica .....	47
3.3. Questionários .....	50
3.3.1. Perfil do Tradutor .....	51
3.3.2. A Competência Tradutória .....	61
3.3.3. A Competência Tecnológica .....	65
3.4. Conclusão .....	77
Reflexões Conclusivas .....	79
Bibliografia .....	81
Anexos .....	86
Anexo 1 – Áreas de competência presentes no Modelo do EMT .....	i
Anexo 2 – Guião das entrevistas às empresas de tradução .....	v
Anexo 3 – Guião dos questionários apresentados aos tradutores .....	vii
Anexo 4 – Transcrição das entrevistas .....	xiii

## Índice de Siglas

CE – Comissão Europeia

CT – Competência Tradutória

DT – Didática da Tradução

EAT – Estudos Aplicados de Tradução

EDT – Estudos Descritivos de Tradução

EMT – *European Master's in Translation*

ET – Estudos de Tradução

ETT – Estudos Teóricos de Tradução

LC – Língua de Chegada

LP – Língua de Partida

TC – Texto de Chegada

TP – Texto de Partida



## Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa dos Estudos de Tradução proposto por James Holmes e representado por Gideon Toury (1995: 10).....	9
Figura 2 – Modelo de Competência PACTE. (2003: 18).....	18
Figura 3 – Modelo de Competência do EMT (2009:4). ....	20
Figura 4 – Perfil das empresas.....	41
Figura 5 – Tempo de atividade das empresas.....	42
Figura 6 – Número de funcionários em regime in-house. ....	43
Figura 7 – Preponderância de funcionários. ....	44
Figura 8 – Competências gerais mais procuradas no mercado nacional. ....	46
Figura 9 – Competências tecnológicas mais importantes para as empresas. ....	48
Figura 10 – Línguas de trabalho mais frequentes na região norte de Portugal, conforme apresentado por Fernando Ferreira Alves (2011: 315). ....	52
Figura 11 – Tempo de experiência dos profissionais inquiridos VS situação profissional. ....	54
Figura 12 – Situação profissional dos inquiridos VS áreas de trabalho. ....	56
Figura 13 – Tipo de atividades dos profissionais inquiridos VS situação profissional. ....	58
Figura 14 – Classificação de importância dos conhecimentos linguísticos.....	62
Figura 15 – Classificação de importância do conhecimento cultural.....	62
Figura 16 – Classificação de importância da capacidade de pesquisa de informação. ....	63
Figura 17 – Classificação de importância do domínio de ferramentas tecnológicas.....	63
Figura 18 – Classificação de importância da competência no domínio da área de especialização de trabalho. ....	64
Figura 19 – Definição de conhecimento informático. ....	66
Figura 20 – Importância do conhecimento informático para a profissão. ....	67
Figura 21 – Importância do conhecimento informático para a profissão. ....	68
Figura 22 – Classificação da importância da competência na utilização de motores de busca e recursos online. ....	70
Figura 23 – Classificação da importância da competência em avaliar a pertinência da informação. ....	70
Figura 24 – Classificação da subcompetência em usar vários softwares. ....	71
Figura 25 – Classificação da subcompetência no domínio de bases terminológicas. ....	72
Figura 26 – Classificação da subcompetência na adaptação e domínio de novas ferramentas. ....	72
Figura 27 – Classificação da subcompetência na produção de documentos em diferentes formatos. ....	73
Figura 28 – Classificação da subcompetência de estar ciente dos limites da tradução automática.....	74
Figura 29 – Classificação da subcompetência no uso de plataformas para trabalho colaborativo. ....	74

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Número total de empresas por atividade económica e CAE 7430 (INE 2016). .....	29
Tabela 2 – Número de empresas de tradução por localização geográfica (INE 2016). .	30
Tabela 3 – Competências gerais mais procuradas pelas empresas entrevistadas. ....	47
Tabela 4 – Pares linguísticos mais frequentes nos profissionais inquiridos (incluindo retroversões). ....	50
Tabela 5 – Pares linguísticos mais frequentes nos profissionais inquiridos (sem retroversões). ....	51
Tabela 6 – Localidades dos profissionais inquiridos. ....	52
Tabela 7 – Idades dos profissionais inquiridos. ....	53
Tabela 8 – Experiência dos profissionais inquiridos. ....	53
Tabela 9 – Áreas de trabalho dos profissionais inquiridos. ....	55
Tabela 10 – Tipo de atividade dos profissionais inquiridos. ....	57
Tabela 11 – Habilitações literárias dos profissionais inquiridos. ....	59
Tabela 12 – Habilitações literárias dos profissionais em regime in-house numa empresa de tradução. ....	59
Tabela 13 – Cursos de formação avançada. ....	60
Tabela 14 – Cursos de formação avançada dos profissionais licenciados em Tradução.	61
Tabela 15 – Competências gerais mais utilizadas pelos inquiridos em contexto profissional. ....	65
Tabela 16 – Subcompetências tecnológicas mais usadas em contexto profissional. ....	75
Tabela 17 – Subcompetências tecnológicas mais usadas pelos tradutores da área literária. ....	76

## Introdução

A investigação sobre competência tradutória apresenta-se como uma mais-valia para o enriquecimento dos Estudos de Tradução.

A tradução, multidisciplinar por natureza, tem evoluído a par da evolução das sociedades, principalmente após o fenómeno da globalização. Este fenómeno, propulsionado pelos avanços tecnológicos, obrigou a que a tradução se atualizasse a fim de fazer frente à constante disseminação do conhecimento. A introdução de novas tecnologias foi reconhecida pela tradução, que as usa a fim de tornar a sua prática mais rápida e eficaz, contribuindo também para o aumento da sua qualidade.

Com a evolução das práticas tradutórias tem vindo a ser pedido aos tradutores a execução de novas tarefas levando, segundo alguns autores (cf. Bassnett 2014), a uma alteração do estatuto do tradutor e dificuldade em definir competência tradutória. A competência tradutória, que via, na década de 70, a sua definição muito próxima da linguística<sup>1</sup>, foi alvo de maior atenção. Atualizou-se o conceito de competência a fim de fazer frente à evolução da prática tradutória e são propostos vários modelos de competência que visam a descrição das necessidades formativas de um futuro tradutor. Porém, devido ao elevado número de tarefas que podem atualmente ser adjudicadas ao tradutor, bem como a complexidade do estudo da aquisição da competência tradutória (nomeadamente através de protocolos de verbalização), estes modelos ficam, para alguns autores, aquém de um retrato global e exato das competências exigidas ao profissional da tradução contemporâneo. Vê-se assim a necessidade de pensar a competência tradutória não como um conjunto de competências estanques mas como passível de ser atualizada ao longo do tempo e de acordo com o contexto tradutório (cultura e língua de partida e chegada, tipologia de texto, objetivo da tarefa de tradução em causa). Os modelos de competência, contudo, são considerados válidos para fins de análise no âmbito da Didática da Tradução.

---

<sup>1</sup> Definição de competência tradutória proposta por Wolfram Wilss: “an interlingual supercompetence [...] based on a comprehensive knowledge of the respective SL and TL, including the text-pragmatic dimension, and consists of the ability to integrate the two monolingual competencies on a higher level” (1976: 58)

Apesar da rápida evolução dos mercados e, consequentemente, das competências do tradutor, é indispensável que se averigue, ainda que a curto prazo, quais as competências que os mercados mais procuram nos profissionais da tradução. Após esta averiguação será possível adequar a forma como se processa o ensino da informática para esta área, a fim de formar tradutores qualificados e preparados para o mercado nacional, sendo esta uma das principais aplicações da presente dissertação.

Deste modo, o objetivo da presente dissertação é perceber quais as competências tecnológicas a dominar no contexto do mercado português. Para que tal fosse possível recorreu-se a entrevistas às empresas da Associação Portuguesa de Empresas de Tradução, complementadas com inquéritos a tradutores independentes, internos e institucionais. A APET tem na sua lista de constituintes empresas de tradução nacionais, situadas no norte, centro e sul do país, o que permite obter uma perspetiva do mercado português, ainda que não representativa, dado o número de empresas associadas. Os dados referentes às entrevistas às empresas são posteriormente cruzados com os dados do inquérito a uma amostra de 137 tradutores, para que se analisem discrepâncias entre as duas classes profissionais ou se firmem os resultados obtidos.

Assim, apresenta-se no primeiro capítulo uma revisão de bibliografia relevante sobre o presente tema, seguida de, no segundo capítulo, uma descrição da metodologia utilizada que, neste caso, consiste na realização de questionários a empresas de tradução e inquéritos a tradutores. Apresentam-se os resultados no capítulo final, aos quais se acrescentam as conclusões ao *corpus* analisado.

# Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

## 1.1. Introdução

O presente estudo enquadra-se no ramo dos Estudos Aplicados de Tradução, conforme proposto por James S. Holmes (1972) na sua obra basilar para a fundação dos Estudos de Tradução. A fim de enquadrar este estudo neste ramo específico, analisa-se neste capítulo a referida obra, bem como bibliografia pertinente, examinam-se várias definições de competência tradutória e apresentam-se ainda alguns modelos de competência.

Nos anos de 70 do século XX, a tradução começa a ser merecedora de maior reflexão por parte de investigadores desta área como James S. Holmes (1972) e Itamar Even-Zohar (1978). Sugeriam estes que a tradução, como área multidisciplinar, seria meritória de uma atenção alargada em comparação com aquela que lhe tinha sido conferida até então:

(...) the subject of translation has enjoyed a marked and constant increase in interest on the part of scholars in recent years, with the Second World War as kind of turning point. As the interest has solidified and expanded, more and more scholars have moved into the field, particularly from the adjacent fields of linguistics, linguistics philosophy, and literary studies, but also from such seemingly more remote disciplines as information theory, logic, and mathematics, each of them carrying with him paradigms, quasi-paradigms, models, and methodologies that he felt could be brought to bear on this new problem. (Holmes 1972: 173)

É James Holmes que, em 1972, dá pela primeira vez a este campo interdisciplinar o nome de Estudos de Tradução, numa época em surgiam inclusivamente dúvidas mesmo quanto à sua designação:

Through the years, diverse terms have been used in writings dealing with translating and translations, and one can find references in English to "the

art" or "the craft" of translation, but also to the "principles" of translation, the "fundamentals or the "philosophy". (Holmes 1972:174)

Afirma também, nesta sua publicação que se tornaria central para o desenvolvimento desta área disciplinar, que os Estudos de Tradução são uma disciplina empírica e que, como tal, revelam dois objetivos principais: (i) descrever regularidades tradutórias e produtos tradutórios e (ii ) estabelecer “princípios gerais” com poder explicativo e previsional (Holmes 1972: 176). Desta forma, foi-lhe possível afirmar também que os ET têm três principais ramos de estudo: os Estudos Descritivos de Tradução (EDT), os Estudos Teóricos de Tradução (ETT) e os Estudos Aplicados de Tradução (EAT).

Para que se apresente infra a metodologia apropriada que permita responder à pergunta de investigação, pretende-se aqui contextualizar o presente estudo dentro de um dos ramos supracitados, através da análise e definição dos mesmos. Os Estudos Descritivos de Tradução correspondem ao ramo descritivo, atentando na observação e estudo de: (i) o produto final da prática tradutória, ou seja, as traduções, (ii) a função das traduções no sistema da cultura de chegada e (iii) no processo tradutório, ou seja, o que ocorre aquando da prática tradutória. Holmes designa estes três sub-ramos de, respetivamente, estudos orientados para o produto, para a função e para o processo. Este autor define os estudos orientados para o produto como a análise do produto da prática tradutória, na forma de traduções individuais, ou a comparação duas traduções do mesmo texto de partida, sejam estas apenas para uma língua de chegada ou para várias. Por sua vez, os estudos orientados para a função não têm como objetivo analisar o produto da prática tradutória, mas a forma como este influencia o sistema da cultura de chegada — conceito teorizado mais tarde por Itamar Even-Zohar (cf. Even-Zohar 1978) — e de que forma é que este meio sociocultural se manifestou na tradução, ou não tradução, de determinado texto de partida. Por sua vez, os estudos orientados para o processo são definidos como aqueles cuja problemática gira em torno da forma como o tradutor vê e pensa a atividade tradutória à medida que a executa ou, nas palavras de Holmes (1976: 177), “The problem of what exactly takes place in the ‘little black box’ of the translator’s ‘mind’ as he creates a new, more or less matching text in another language”.

Para além destes, um dos principais ramos dos estudos de tradução propostos por James Holmes são os Estudos Teóricos de Tradução. Trata-se de uma vertente de estudos não focada na observação direta da prática da tradução, no produto dessa prática, ou na influência que esta tem no sistema de chegada, mas em usar os resultados obtidos nos estudos descritivos de tradução, cruzando-os com dados retirados de outras áreas de estudo, a fim de delinear e construir teorias e modelos que visam prever e explicar o produto da prática tradutória e a tradução:

Theoretical translation studies or translation theory, is, as its name implies, not interest in describing existing translations, observed translation functions, or experimentally determined translating process, but in using the results of descriptive translation studies, in combination with the information available from related fields and disciplines, to evolve principles, theories, and models which will serve to explain and predict what translating and translations are and will be. (Holmes 1972: 177)

Os Estudos Aplicados de Tradução, que Holmes apresenta em último lugar, dizem respeito à aplicação dos Estudos de Tradução em situações como, por exemplo, o a da formação de tradutores:

This second situation, that of translator training, has raised a number of questions that fairly cry for answers: questions that have to do primarily with teaching methods, testing techniques, and curriculum planning. It is obvious that the search for well founded, reliable answers to these questions constitutes a major area (and for the time being, at least, the major area) of research in applied translation studies. (Holmes 1972: 181)

As áreas descritas por James Holmes são representadas por Gideon Toury, em 1995, no seguinte diagrama que apelida de "mapa" dos Estudos de Tradução (1995: 10):

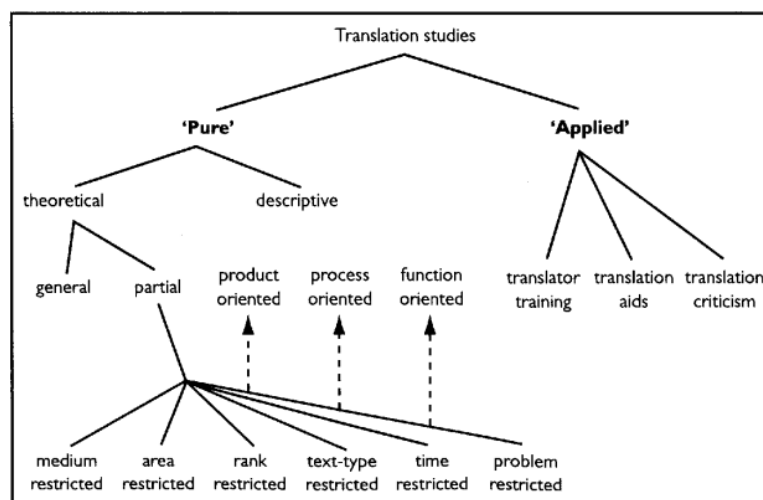


Figura 1 – Mapa dos Estudos de Tradução proposto por James Holmes e representado por Gideon Toury (1995: 10).

Percebe-se assim que, neste último ramo, a investigação é aplicada em situações de ensino e formação de tradutores. Não seria expectável que o ensino da tradução e a formação de tradutores se mantivessem estáticos e sem alterações, dado o carácter de constante atualização da profissão em si. Assim, esta área tem sido objeto de debate e têm sido propostas alterações à forma como se ensina a tradução, fazendo com que, por exemplo, esta passasse a dar maior enfoque ao estudante, aproximando a prática da tradução ao mundo profissional real. Christian Nord apresenta em 1991 um modelo que, nas palavras de Dorothy Kelly, é "very complete and explicitly didactic" (2010: 390) no qual defende que os estudantes de Tradução não devem traduzir qualquer texto de partida sem um propósito realístico, afastando-se do que se verificava, de forma generalista, até então no ensino da linguística comparada (Nord 1991: 21). Kelly afirma que este modelo traz benefícios para o formando, visto que este se consegue manter interessado. Para além disso, Kelly afirma também que as propostas detalhadas apresentadas por Nord, os materiais selecionados para a formação de estudantes e a dificuldade progressiva das tarefas apresentadas proporcionam uma aquisição gradual da competência tradutória. (Kelly 2010: 391). De forma complementar, acrescenta-se um crescente número de vozes que advogam o trabalho colaborativo em contexto de sala de aula para o fomento da aquisição da competência tradutória (como, por exemplo, Kiraly 2001, Donata et al 2016).



Pode, então, verificar-se que a Didática da Tradução e a Competência Tradutória (CT) mantêm uma clara relação de proximidade, visto que a primeira visa idealmente a obtenção da segunda. Se, conforme descrito por Holmes (1972), os estudos que visem a aplicação dos ET em áreas como a da formação de tradutores — por sua vez relacionada com a CT — se enquadram nos EAT e uma vez que o presente estudo tem como objetivo fundamental a averiguação de quais as competências tecnológicas que o tradutor deve dominar, podendo este ter aplicações na formação de tradutores, é possível enquadrá-lo neste ramo.

## 1.2. Competência Tradutória

Quanto à descrição do conceito de competência tradutória, notam-se algumas discrepâncias por parte dos principais autores quanto à sua designação. Pym fala de *translation ability* (1993: 26), Nord emprega o termo *transfer competence* (1991: 161), Toury designa-o de *translational competence* (1995: 250-51), Lowe de *translation skill* (1987: 57), e ainda Wilss que sugere *translation performance* (1989: 129). Por sua vez, Mariana Orozco e Amparo Hurtado Albir firmam o uso de *Competence* no seu estudo, datado de 2002, já que, segundo as mesmas, este é o termo mais comumente usado noutros campos científicos afins:

Of all these proposals, we prefer translation *competence* because it already has a long research tradition in other fields, such as Applied Linguistics, and therefore we have no need to create a new word, since the combination of ‘translation’ and ‘competence’— understood as ‘an expert knowledge in a specific area’—, conveys exactly the idea we have of this concept. (2002: 375)

Adota-se, por estes mesmos motivos, o termo *Translation Competence* para o propósito deste estudo, traduzido para Competência Tradutória (CT), por ser frequentemente utilizado em estudos e modelos de competência recentes.

O conceito de CT é abordado desde muito cedo na história dos Estudos de Tradução, como se pode perceber no estudo do investigador alemão Wolfram Wilss de 1976. Nota-se, contudo, variação não só na nomenclatura a aplicar ao conceito, mas

também na sua definição. São vários os autores que o abordam, conforme afirma Hurtado Albir no seu artigo *Measuring Translation Competence Acquisition* (Orozco & Hurtado Albir 2002: 373), porém não o definem, como é o caso de Nord (1991), Riedemann (1996), Lörscher (1991), Toury (1991), Krings (1986), Fraser (1996), Lowe (1986), Hansen (1997) e Kiraly (1995).

### 1.2.1. Definições de Competência

A pesquisa bibliográfica dedicada à definição de competência tradutória revelou várias propostas relevantes. Seguindo a ordem cronológica, Wolfram Wilss propõe em 1976 que se defina CT como: “an interlingual supercompetence [...] based on a comprehensive knowledge of the respective SL and TL, including the text-pragmatic dimension, and consists of the ability to integrate the two monolingual competencies on a higher level” (Wilss 1976: 58). A definição de Wilss foca-se, primordialmente, no conhecimento linguístico. Tal dever-se-á ao facto de as competências estarem em constante evolução — conforme será abordado *infra* neste estudo — e de a definição proposta por Wilss poder estar desatualizada visto que, na altura, a necessidade de, por exemplo, competências inerentes ao conhecimento tecnológico não serem relevantes.

É de frisar também o artigo redigido por Roger Bell, que define CT de uma perspectiva mais minimalista como: “the knowledge and skills the translator must possess in order to carry out a translation” (1991: 43). Mais tarde, em 1996, Hurtado Albir (investigadora principal do grupo PACTE que tem vindo a estudar desde 1997 a questão da competência tradutória e a sua aquisição) define, também de uma forma minimalista, a CT como: “the ability of knowing how to translate” (1996: 48). No ano de 2000, também Hurtado, mas como membro do grupo PACTE, afirma que CT é: “the underlying system of knowledge and skills needed to be able to translate.” (2000: 100). Porém este grupo não se fica por aqui na sua definição de CT. Completa esta aceção com quatro afirmações importantes, conforme explicam Mariana Orozco e Amparo Hurtado Albir (2002: 376):

- A) A CT pode ser atualizada de várias formas e em diferentes situações;
- B) A CT consiste em conhecimento processual;
- C) O conhecimento estratégico é primordial;
- D) A maior parte do processo tradutório é realizada de forma automatizada.

À luz destas afirmações percebe-se que a CT possui várias características que a tornam única. Começando pelas premissas B e C, o grupo PACTE explica a existência de dois tipos de conhecimento, o conhecimento declarativo, que será, à partida, mais teórico e consciente do que o segundo tipo e o conhecimento processual que, por sua vez, apresenta um caráter mais prático e automatizado. O primeiro tipo de saber é adquirido através do ensino e, como tal, facilmente verbalizável, ao passo que o segundo se obtém gradualmente através da prática e o seu processamento é maioritariamente automático. O tradutor pode procurar verbalizar todo o processo tradutório, porém, ao tentar pensar sobre um processo automatizado, um profissional da tradução está, nas palavras dos irmãos Stuart e Hubert Dreyfus, a refletir criticamente sobre as suas próprias intuições:

While most expert performance is ongoing and nonreflexive, when time permits and the outcomes are crucial, an expert will deliberate before acting. But... this deliberation does not require calculative problem solving, but rather involves critically reflecting on one's intuitions. (Dreyfus e Dreyfus 1986: 31-32)

Então, aquando da tentativa de verbalização deste conhecimento processual, o profissional está, unicamente, a refletir de uma forma crítica, ainda que subconscientemente, sobre as suas intuições (aquilo que faz de forma automatizada). É exatamente esta crítica subconsciente à reflexão sobre o processo tradutório individual de um tradutor que faz com que o conhecimento processual seja de difícil transmissão e maioritariamente automático, provando assim a afirmação D e revelando que, para além de se mostrar automático, o processo tradutório é também originário de um conhecimento processual pessoal. Porém, o PACTE sublinha a existência simultânea dos dois tipos de conhecimento na competência tradutória. Um tradutor inexperiente possui inicialmente conhecimento declarativo e, através da prática, adquire gradualmente conhecimento processual.

Abordando a premissa A, segundo o PACTE a competência é atualizada de várias formas e em situações diferentes, à semelhança do que afirma ser a aquisição da mesma, explanando que a aquisição representa um processo dinâmico consistente na construção de novo conhecimento sobre conhecimento antigo. Esta conceção de constante atualização da CT não é exclusiva do grupo. Também Albrecht Neubert (2000) afirma que a CT é constituída por um rol de competências em constante atualização, à semelhança do que se processa na sua aquisição, conforme se pode perceber na obra

*Developing Translation Competence*. Neubert defende a impossibilidade de domínio de todas as competências necessárias à prática tradutória, considerando que o tradutor, que domina com mestria o par linguístico com o qual trabalha, não consegue deter as mesmas capacidades em todas as áreas nas quais exerce a sua profissão. Explica que um profissional da tradução, por exemplo da área jurídica, nunca deterá tantos conhecimentos quanto o destinatário da tradução. Assim, nas suas palavras: “As a result, competence is always open-ended” (Neubert 2000: 4). Há outras razões que justificam esta constante atualização das competências, no sentido em que se revela possível observar que (i) sendo a língua um sistema vivo e em constante alteração e componente fulcral da competência tradutória, então, também as competências carecem de atualização constante, requerendo por parte do tradutor uma frequente e pertinaz busca por novos termos, expressões idiomáticas e atualização constante de léxico, fazendo face à evolução linguística. Também o facto de (ii) o processo tradutório estar em constante desenvolvimento, fazendo face ao rápido avanço tecnológico presente, e obrigando a que o tradutor atualize, de mesmo modo, as suas competências a este nível. Este desenvolvimento e alteração do processo tradutório pode ser observado através da constatação de que a tradução não é uma simples transposição linguística, mas um complexo processo no qual se analisam textos de partida, se escolhem as melhores ferramentas tecnológicas a usar, se distribui, converte, edita, revê, reedita, envia e discute, por vezes em trabalho colaborativo, com profissionais em diferentes continentes.

Parece, então, evidente que o processo tradutório se alterou ao longo dos anos, sendo que atualmente é imperativo que o tradutor domine competências tecnológicas de que não necessitaria. Dado o panorama atual será talvez seguro afirmar que a tendência é para que estas competências se continuem a atualizar, dada a rápida evolução da tecnologia disponível e do processo tradutório.

Num paralelismo expectável com a evolução do processo tradutório, também no próprio estatuto do tradutor se podem notar diferenças. Susan Bassnett (2014: 127) afirma que se pode assistir, por exemplo, a uma aproximação da tradução à interpretação, visto considerar que a principal disparidade entre um intérprete e um tradutor era o facto de o primeiro trabalhar em tempo real, interpretando aquilo que ouvia para outra língua, enquanto este último se sentava na sua secretária e escrevia a sua versão do texto original. Porém, com o avanço tecnológico, esta barreira parece dissipar-se, podendo ser pedido a um tradutor que trabalhe em tempo real através da internet, sendo o texto de chegada

revisto à medida que é produzido e submetendo o tradutor à necessidade de novas competências para singrar no mercado de trabalho. Afirmar ainda, que na tradução para jornalismo, por exemplo, o tradutor não é muitas vezes visto como tal, mas sim como "jornalista internacional", notando uma alteração do estatuto do profissional da tradução (2014: 128). Conclui Bassnett: "Translation in some fields can be described as a hybrid, or a collaborative activity, and technological advances now demand different skills from translators" (2014: 145).

Percebe-se que, à luz dos avanços tecnológicos, pode ser requerido que o tradutor efetue tarefas diferentes daquelas que lhe eram designadas à data do nascimento dos Estudos de Tradução como, por exemplo, localização de um software informático que pode, em alguns casos, requerer domínio de linguagem de programação. Revela-se, então, necessário que a definição de competência tradutória deixe de ter um caráter fixo, passando a uma definição que englobe a contingência de o tradutor ter de realizar outras tarefas que não a simples transposição de uma língua para outra e, como tal, que se mostre permeável à inovação e atualizável.

Uma das definições que parece refletir esta necessidade de abertura é a proposta pelo EMT. O *European Master's in Translation*, uma parceria entre a Comissão Europeia e alguns institutos de ensino superior que oferecem formação académica ao nível do mestrado em tradução, foi criado em 2006 a fim de dar resposta à necessidade constante, por parte da União Europeia, como organização multilingue, de apostar na formação de tradutores. Este grupo tem vindo, desde então, a desenvolver estratégias para a formação de profissionais na área da tradução. Nada disto seria possível sem que definissem também CT. Visto que o seu principal objetivo é o de adequar a formação de tradutores aos requerimentos dos mercados internacionais, o EMT avança uma definição de CT que se nota não ter um caráter estagnado, no sentido de fazer frente a esta diversificação das tarefas do profissional. A definição proposta explica que competência é a combinação de tudo o que um tradutor deve dominar, como aptidões, conhecimentos, comportamentos e saberes, para levar a cabo determinada tarefa sobre determinadas condições (EMT 2009: 3). Por conseguinte, à luz desta definição, os conhecimentos não têm de ser unicamente linguísticos ou informáticos, os referidos comportamentos podem ser de cariz sociológico, as condições podem incluir, por exemplo, a pressão de trabalhar com revisão em tempo real e, de notar, a tarefa a realizar não tem imperativamente de ser a tradução.

A definição de competência tradutória revela-se complexa. Vários autores abordam esta temática de formas diferentes, contudo, poderá notar-se um esforço para definir CT de uma forma cada vez mais minimalista e fluida, dando espaço para que se satisfaçam novas carências dos mercados.

### **1.2.2. Modelos de Competência Tradutória**

Teoricamente, o conceito de competência tradutória aparenta estar definido. Porém, o facto é que se revela perenemente indefinível um conceito que possui uma essência não fixa e sujeita a novas adições. Anthony Pym apresenta-se como um dos grandes críticos da elaboração de modelos de competência, afirmando que não há qualquer definição de tudo aquilo o que um tradutor deve saber (Pym 2003: 488). É possível, contudo, apresentar modelos de competência, ainda que, aparentemente, sejam passíveis de virem a ser alterados.

Os modelos de competência são nada mais do que uma representação e especificação das competências que um tradutor deve possuir, como é evidente, em determinada altura. Estes tendem a dividir os conhecimentos em grupos de competências principais e grupos secundários de subcompetências.

Sublinhe-se que Wolfram Wilss (1976) propõe um dos mais complexos modelos abordados no decorrer deste estudo. O seu modelo engloba oito competências, com duas subcompetências cada uma, perfazendo um total de 16 competências e subcompetências relacionadas, formando uma “supercompetência” (Wilss 1976: 119). Wilss inicia a sua descrição das competências do tradutor afirmando que a CT, como um saber único e uniforme, constitui algo inexistente ou indefinível: “translational competence as a uniform qualification for translational work is, to all intents and purposes, nonexistent and probably also nondefinable” (1976: 120).

Esta dificuldade em definir um modelo uniforme de CT e, consequentemente, em apresentar os requisitos mínimos do tradutor, advém da constatação de que, segundo Wilss, há necessidade de (i) diferenciar diferentes competências para as diferentes áreas de trabalho e (ii) destringir a tradução da retroversão.

Ainda assim, Wilss avança para o modelo possível de "supercompetência". Para o poder concretizar é necessário ignorar a subcategorização que estaria presente caso se procedesse à análise de todas as diferentes competências necessárias, para, por exemplo, tradução técnica. O autor afirma que este modelo deve ser composto por oito competências principais, uma respeitante a cada área da tradução que, por sua vez, incluiriam duas subcompetências inter-relacionadas, referentes à receção da língua de partida e à reprodução da língua de chegada.

Roger Bell, por sua vez, avança com um modelo mais simples (1991: 36). O autor afirma que as competências que o tradutor deve dominar são:

- A) Domínio da língua de chegada (LC);
- B) Conhecimento do tipo textual;
- C) Domínio da língua de partida (LP);
- D) Domínio da área e do tema a traduzir;
- E) Domínio do contraste linguístico;
- F) Competência comunicativa.

Assim sendo, a competência A refere-se ao domínio da língua de partida e a C ao domínio da língua de chegada, destinando-se o ponto B ao conhecimento do tipo de texto a traduzir, isto é, ao domínio linguístico capaz de identificar diferentes tipos de texto. Já na competência E Bell aborda o conhecimento do contraste linguístico, ou seja, todas as diferenças linguísticas existentes entre as línguas componentes do par de trabalho. Esta competência está intrinsecamente relacionada com as competências A e C, visto que um tradutor não conseguirá dominar as diferenças linguísticas sem que domine modelarmente ambas as línguas de trabalho. A competência F, competência comunicativa, diz respeito a aspetos gramaticais, sociolinguísticos e discursivos.

Com efeito, um tradutor deve dominar de forma exímia as línguas com as quais trabalha, o contraste linguístico, a área na qual traduz, bem como outras competências gramaticais, sociolinguísticas, discursivas, entre outras. A lista das competências aumentaria exponencialmente se fossem acrescentados todos os fatores linguísticos e todas as novas tarefas do tradutor contemporâneo provenientes do avanço tecnológico, da alteração do processo tradutório e do estatuto do tradutor. Assim, a fim de fazer face à problemática do sem-fim de competências do tradutor, surgem modelos de competência

que, à semelhança do que se verificou com a própria definição do termo "competência", se mostram mais abrangentes e capazes de englobar atualizações da CT.

Hurtado Albir (1996: 70), antes da formação do grupo do qual é investigadora principal, também deu a sua contribuição para um modelo de CT. Este, em 1996, divide a CT em:

- A) Competência linguística;
- B) Competência extralinguística;
- C) Competência textual;
- D) Competências profissionais;
- E) Competência de transferência.

Saliente-se das competências acima uma maior abrangência para que possam inteirar novas subcompetências. Nos pontos D e E, Hurtado deixa lugar para a integração de eventuais novas subcompetências que os profissionais possam necessitar para fazer frente à evolução dos mercados, aos avanços tecnológicos e à globalização.

Anthony Pym (2003), sobre a influência das tecnologias na tradução, segue esta ideia de atualização dos modelos de competência. Segundo Pym, Marisa Presas, investigadora da Universidade Autónoma de Barcelona, também deixou espaço no modelo de CT para a atualização do mesmo, prevendo a necessidade do uso de ferramentas tecnológicas e sugerindo nesse modelo competências linguísticas nucleares como a receção do TP, produção de um rascunho do TC e produção de um TC final, às quais propõe a adição de “competências periféricas” que incluem o uso de ferramentas auxiliares da tradução, nomeadamente, ferramentas tecnológicas. (Presas 1997, *apud* Pym 2003: 7)

O grupo PACTE apresenta em 2003 um modelo “holístico e dinâmico” (PACTE 2000: 16). Afirma que, tendo em conta que todos os modelos até então propostos são baseados na observação do comportamento dos tradutores, alguns dos componentes do seu modelo, também abordados por outros teóricos, marcam presença obrigatória, como por exemplo: competência bilingue, competência de transferência, conhecimento da área, entre outros. Diz também que vários estudos afirmam a necessidade da existência de duas importantes subcompetências, estando a primeira relacionada com a capacidade de resolução de problemas e a segunda com determinadas qualidades e capacidades psicológicas do tradutor. No seu modelo, o grupo também apresenta um componente de



resolução de problemas ("*strategic component*") e um componente psicofisiológico ("*psycho-physiological component*"), cujos mecanismos presentes são ativados com a utilização, por parte do profissional, das restantes cinco subcompetências.

Pode observar-se o modelo de competência proposto pelo grupo PACTE no seguinte diagrama:

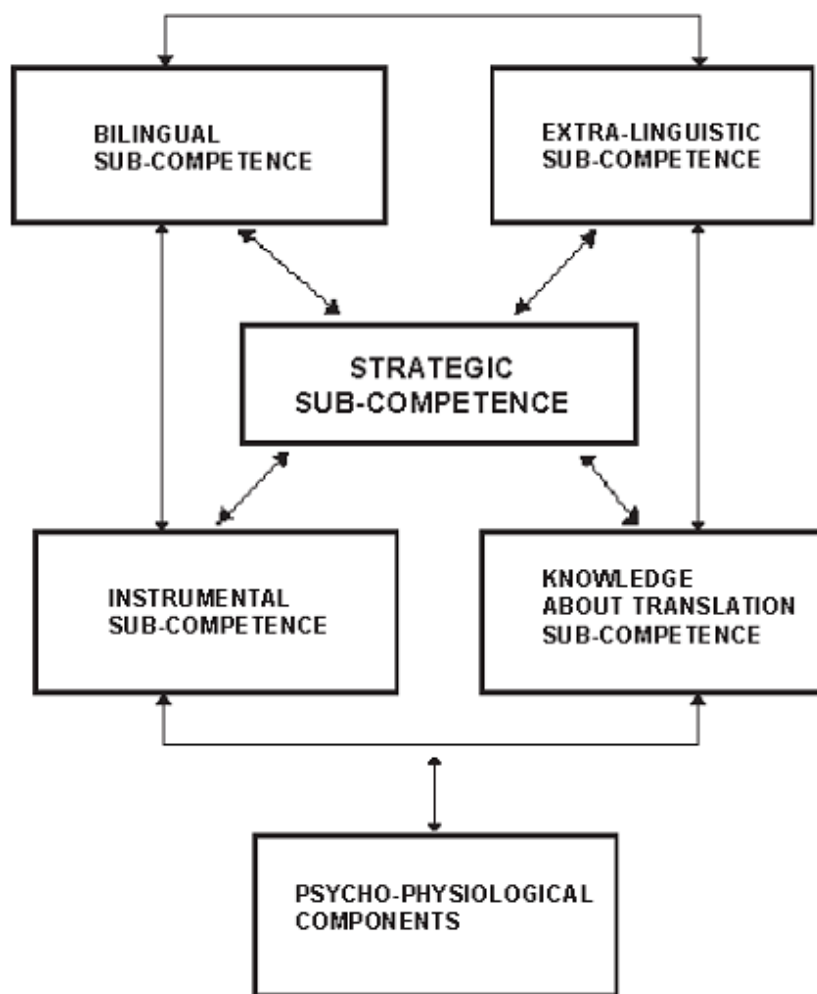


Figura 2 – Modelo de Competência PACTE. (2003: 18).

Conforme referido anteriormente, este modelo apresenta cinco subcompetências principais, todas influenciadas pela que se apresenta ao centro, ativando aquando da sua utilização o componente psicofisiológico presente abaixo.

Os componentes presentes neste modelo são:

- A subcompetência bilingue, que engloba todos os conhecimentos a dominar que digam respeito à capacidade de comunicar em duas línguas. O PACTE afirma que

esta subcompetência é formada por conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, gramaticais e lexicais, englobando todos os aspetos necessários para um perfeito conhecimento linguístico.

- A subcompetência extralinguística, conhecimento maioritariamente declarativo, referente a conhecimentos não relacionados com a linguística como é o caso do domínio bicultural (domínio das culturas das línguas de trabalho), conhecimento enciclopédico, ou seja, domínio de aspetos gerais ou cultura geral e o conhecimento da área de trabalho.
- A subcompetência do conhecimento da tradução é, para o PACTE, referente a todos os saberes sobre a profissão. São exemplos destes o domínio dos tipos de tradução, métodos, processos, conhecimento de mercados, capacidade de identificação de problemas e resolução dos mesmos.
- A subcompetência instrumental refere-se ao domínio de todos os instrumentos necessários à prática tradutória, incluindo as fontes de informação, ferramentas tecnológicas e ferramentas de comunicação.
- A subcompetência estratégica, no centro do modelo, é referente ao processo tradutório. Pretende englobar a capacidade de escolha do processo tradutório mais adequado, de avaliar em qualquer altura esse mesmo processo ou os seus resultados e identificar problemas a fim de proceder a uma eficaz resolução. Esta subcompetência atua as restantes à medida que se desenrola o processo tradutório e, por esse mesmo motivo, encontra-se no centro do modelo.
- A componente psicofisiológica abrange aspetos intrínsecos ao tradutor como a memória, perceção, atenção ao detalhe, curiosidade, rigor, raciocínio lógico, capacidade de síntese, entre outros.

Uma das vantagens deste modelo do grupo PACTE é exatamente o seu dinamismo, permitindo que este se adapte às novas competências que vão surgindo. Note-se que o dinamismo deste modelo permite uma constante atualização e inclusão de novas competências que possam vir a surgir como consequência da evolução dos mercados ou do processo tradutório. A competência instrumental, aqui apresentada em aberto, permite inclusão de, por exemplo, o domínio de softwares de reconhecimento de voz que poderão fazer parte do quotidiano tecnológico dos processos de tradução futuros. Um exemplo disto é a possível utilização destes softwares de reconhecimento de voz para projetar legendas de um vídeo ou palestra numa língua estrangeira, em tempo real, para os

telemóveis dos membros do público, conforme apresentado em comunicação oral (2016) à Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes pelo Professor David Hardisty da Universidade Nova de Lisboa.

Também em resposta ao avanço tecnológico e à globalização, o EMT propôs um modelo de CT. Este modelo, dirigido principalmente a formadores e formandos desta área, surge na sequência da constatação de cinco premissas (2009: 1):

- A) Os mercados desenvolveram-se, em paralelo com o desenvolvimento tecnológico, levando ao desenvolvimento das práticas tradutórias e dos critérios de qualidade para os serviços de tradução;
- B) O alargamento da UE enfatizou a necessidade crescente de traduções e iterou a dificuldade de recrutamento de tradutores qualificados;
- C) Tendo em conta que o exercício da profissão não é regulado, surge uma procura por excelência;
- D) Para o EMT existe a necessidade de melhorar as condições de trabalho e a remuneração dos tradutores;
- E) O crescente número de cursos de tradução requer a formação de uma estrutura base para que sejam formulados os *curricula*, o que, por sua vez, implica avaliação de quais as competências do tradutor na atualidade.

O modelo proposto pelo EMT, assente nestas cinco premissas, salienta a importância da análise constante das competências do tradutor. O EMT, com vista à constante atualização dos requerimentos dos mercados e das práticas tradutórias, propõe seis áreas gerais de competência:

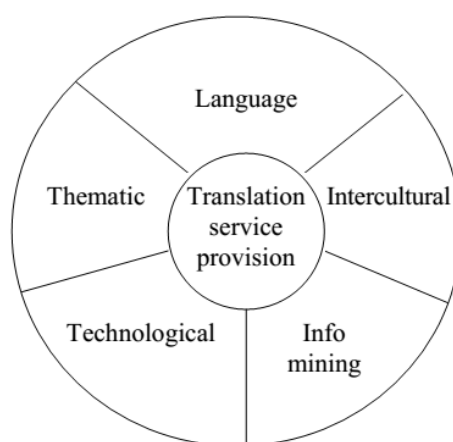


Figura 3 – Modelo de Competência do EMT (2009:4).

Estas seis áreas de competência também se dividem em subcompetências. É nestas subcompetências que o EMT prevê a adição de novas aptidões: “Together, they comprise the minimum requirement to which other specific competences may be added (for example in localisation, audiovisual translation or research)” (2009: 3).

As seis áreas de competência são:

- A) A área da competência linguística, que admite a adição de subcompetências relacionadas com o par linguístico com o qual o tradutor trabalha, bem como a proficiência em ambas as línguas e a sensibilidade para as diferenças entre as mesmas;
- B) A competência de prestação de serviços de tradução que, por sua vez, inclui subcompetências que o tradutor deve possuir que não estão diretamente relacionadas com a componente linguística da profissão, nomeadamente de estar ciente do papel do tradutor, saber como abordar e lidar com clientes, ter ética profissional, entre outras;
- C) A competência intercultural, lidando com fatores como o contraste das dimensões sociolinguísticas e textuais dos sistemas culturais retratados nas línguas de trabalho;
- D) A competência de extração de informação, que se prende com o saber definir, procurar e extrair documentação e informação necessária ao exercício da tradução;
- E) A competência temática, que aborda a capacidade de adquirir conhecimento de uma área de especialidade;
- F) A competência tecnológica, sendo esta a capacidade de usar de forma rápida e eficaz ferramentas de auxílio à tradução, revisão, edição, garantia de qualidade, etc. (ver Anexo 1)

As subcompetências apresentadas neste modelo são, segundo o EMT, interdependentes. Por outras palavras, o tradutor deve dominar todas estas subcompetências, assim, deve dominar a subcompetência de prestação de serviços de tradução a par da, por exemplo, subcompetência intercultural que, por sua vez, implica o domínio da subcompetência tecnológica ou temática. Note-se que, ao se verificar esta interdependência e ao dar-se também a atualização de uma das subcompetências, como por exemplo, uma das componentes tecnológicas, também se verificará a atualização de todo o modelo, visto existir uma influência mútua. Exemplificando, se o tradutor adquirir,

por exemplo, novas subcompetências linguísticas, estas afetarão diretamente as subcompetências relacionadas com a prestação de serviços de tradução. O EMT apresenta outro exemplo desta interdependência explanando que a capacidade de tomar decisões lógicas influenciará diretamente a capacidade de prestação de serviços de tradução do profissional.

Assim sendo, pode perceber-se que os modelos de competência apresentam um caráter temporário. Inicialmente, a competência tradutória baseava-se essencialmente nos aspetos linguísticos inerentes à profissão, posteriormente, a globalização e os avanços tecnológicos trouxeram grandes mudanças à forma como se traduz, de um tal modo que se tornou indefinido para alguns autores o estatuto do tradutor, no sentido em que são esperadas novas capacidades por parte do profissional da tradução (Bassnett 2014: 128), provocando, deste modo, uma necessidade de atualização e de capacidade dinâmica dos modelos de competência. Confrontados com esta realidade, vários autores propuseram competências de base mais abrangentes e com capacidade de comportar novas subcompetências. É neste contexto que Anthony Pym propõe, em 2003, uma abordagem minimalista a esta questão, avançando com um modelo composto por apenas duas competências (2003:489):

- A) A capacidade de produzir mais do que um TC para um determinado TP.
- B) A capacidade de escolher de forma rápida, justificada e confiante o TC que melhor se adequa ao seu propósito.

Ainda que possa parecer demasiado vago e abrangente reduzir toda a CT a apenas duas competências, na verdade, e em concordância com o que afirma Pym, deve reconhecer-se a não-existência de conhecimento fixo nesta área (Pym 2003: 490), nem ao nível linguístico, uma vez que a língua se altera constantemente, nem ao nível do conhecimento processual, que está claramente sujeito a constantes alterações por força dos avanços tecnológicos. Mais ainda, se Susan Bassnett (2014) afirma que mesmo no que concerne o conceito de tradução e o papel do tradutor existe discórdia (2014: 145), então, a CT não pode ser representada, a longo prazo, por um modelo fixo. Assim, a hipótese mais viável de representação da CT é uma aproximação minimalista e abrangente aos modelos de competência. Visto não ser possível prever quais serão as futuras competências do tradutor, nem de que forma diferentes tradutores resolvem determinados problemas (revelando assim diferentes competências), argumenta-se a favor de uma definição minimalista de CT.

A este modelo minimalista de Pym pode acrescentar-se aquela que se revela uma das mais importantes competências do tradutor atual: a capacidade de adquirir e atualizar subcompetências. A possível adição desta competência faz-se sem prejuízo de todas as subcompetências presentes nos modelos anteriores, que se revelam importantes para o tradutor. Porém, por estarem sujeitas a adição e atualização, revela-se fácil compreender que a competência principal é exatamente a capacidade de conseguir atualizar, de forma autónoma, as competências existentes e proceder à aquisição de novas competências. Seguramente que dentro da primeira competência proposta neste modelo de Pym se encaixam, por exemplo, competências tecnológicas que permitam a produção de vários TC, com as respetivas subcompetências inerentes que, neste caso, se podem averiguar a curto prazo. Esta averiguação é pertinente tanto do ponto de vista didático do tradutor em contexto de sala de aula, como para o tradutor profissional já inserido no mercado de trabalho.

### **1.3. Conclusão**

Neste capítulo foi possível enquadrar o presente estudo nos Estudos Aplicados de Tradução, através da constatação de que estes são um ramo de estudos com aplicação na área da formação de tradutores. A formação de profissionais da tradução, por sua vez, encontra uma relação de proximidade com a CT.

Para além deste enquadramento, foi necessário definir competência tradutória para que se pudesse proceder ao estudo da mesma. Notou-se, contudo, que a definição deste conceito é complexa devido à constatação de que a CT está em constante evolução. Surgem, ainda assim, modelos de competência que visam uma representação e especificação das competências dos tradutores. Verifica-se também a evolução destes modelos, com as suas competências base a mostrarem-se cada vez mais abrangentes, por forma a permitir a inclusão das novas subcompetências impostas aos tradutores pela evolução das práticas tradutórias.

Apesar das aproximações minimalistas à CT se mostrarem uma forma de fazer frente à constante evolução da mesma, a construção dos modelos de competência é necessária para que se averiguem, a curto prazo, quais as competências dos profissionais

da tradução e assim se adequa a sua formação aos requisitos dos mercados. Deste modo, por forma a responder às perguntas de investigação usa-se, no segundo capítulo, como base metodológica da presente dissertação, um dos modelos de CT supracitados.

## Capítulo 2 – Metodologia

### 2.1. Introdução

Com o objetivo de coligir dados elucidativos de quais as competências tecnológicas que o tradutor deve possuir no contexto do mercado português atual, realizou-se, entre janeiro e fevereiro de 2016, um conjunto de entrevistas e questionários a empresas de tradução portuguesas e tradutores, respetivamente. Apresenta-se, neste capítulo, os motivos pelos quais se optou por esta metodologia, bem como uma descrição e explanação da mesma.

No capítulo anterior concluiu-se que a competência tradutória não possui um caráter fixo e está sujeita a constante atualização. Apesar desta constante atualização das competências e da rápida evolução tecnológica, é essencial que se analisem quais as competências que o tradutor atual deve possuir, para que se possa adequar a formação do profissional da tradução aos requisitos do mercado de trabalho.

Especificamente, este estudo visa perceber quais as subcompetências que, dentro da área das competências tecnológicas, os tradutores mais utilizam para a realização do seu trabalho. Assim, analisou-se literatura relevante no sentido de compreender como responder a estas perguntas de investigação. Dos estudos relevantes damos destaque à tese de Doutoramento intitulada “As faces de Jano: Contributos para uma cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região norte de Portugal” (2011) de Fernando Ferreira Alves, da Universidade do Minho. Revela esta investigação uma bem conseguida análise à prática tradutória no norte de Portugal, baseada numa série de questionários e complementada com entrevistas. É de salientar também o estudo levado a cabo por Elina Lagoudaki intitulado “Translation Memories Survey 2006: Users’ perceptions around TM use” (2006), tendo este sido um ponto de partida para o estabelecimento de ligações entre as questões apresentadas e os resultados pretendidos.



## 2.2. Referenciais Metodológicos

A análise de bibliografia sobre estudos anteriores e com elos de afinidade ao presente revelou dois principais métodos de sondagem de mercado: questionários e entrevistas. Tal como acontece com o estudo de Fernando Ferreira Alves (2011), considerou-se a possibilidade de realização de entrevistas, desta feita a empresas de tradução. Este método revela-se não só uma forma de auscultação do mercado, como também um contributo para discussão académica sobre o tema da adequação da formação de tradutores aos requisitos tecnológicos do mercado:

(...) iniciámos esse primeiro estudo direccionado para a análise do perfil sociológico dessas empresas de tradução, cujo objetivo consistia em traçar o retrato modelo de um universo socioprofissional ainda por explorar e, ao mesmo tempo, contribuir para uma reflexão académica em torno das características, necessidades e requisitos do sector, bem como dos contextos e enquadramentos no domínio do trabalho que envolviam a prestação de serviços de tradução. (Alves 2011: Anexo 2)

Por possuir um carater abrangente, almejando compreender inúmeros aspetos das empresas de tradução, Fernando Ferreira Alves opta, no seu estudo, pela realização de inquéritos, método que permite a inclusão de resposta fechada. Considera-se que, para os propósitos do presente estudo, as entrevistas se revelam mais proveitosas visto a resposta aberta ter a capacidade de revelar opiniões sobre a competência tecnológica que não seriam fornecidas de outra forma.

Dada a possibilidade de os dados recolhidos nas entrevistas serem insuficientes ou pouco específicos, e tendo a consciência de que as empresas de tradução podem ter uma perspetiva diferente da dos tradutores, optou-se por complementar as mesmas com um inquérito online a tradutores, consistente maioritariamente de perguntas de resposta fechada. Deste modo visa-se sondar tanto o contexto empresarial do mercado português, como o tradutor, tentando perceber eventuais discrepâncias entre os dois setores.

A fim de concretizar os objetivos propostos pelo presente estudo foi necessário procurar perceber (i) qual a melhor forma de abordar e questionar os representantes das empresas e os tradutores, (ii) até que ponto estarão estes inteirados da questão da

competência tradutória para que possam apresentar respostas proveitosas para o estudo a desenvolver e (iii) caso estejam inteirados, se conseguirão expressar-se claramente de maneira que os dados recolhidos sirvam os propósitos deste estudo.

A realização de entrevistas é um método que permite o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, podendo este ser devidamente esclarecido sobre o teor e características intrínsecas da temática a abordar, ficando assim inteirado, capaz de responder e de se expressar corretamente, apresentando respostas preeminentes. O complemento das entrevistas com inquéritos online a tradutores, não só permite a obtenção de respostas de outra categoria profissional, como é uma metodologia com o potencial de obter um elevado número de respostas num curto espaço de tempo – fator importante dado o tempo previsto para a realização do presente estudo – firmando os resultados obtidos através das entrevistas ou apresentando discrepâncias entre dois contextos profissionais diferentes, sendo ambas as possibilidades passíveis de interpretação e relevantes para a presente investigação.

Para que fosse possível delinear a estrutura das entrevistas e inquéritos a apresentar às empresas e tradutores, foi necessário escolher um modelo de competência a utilizar para que se abordassem as competências nele representadas, a fim de inquirir os profissionais. Sendo que uma das potenciais utilizações deste estudo é a atualização e criação de *curricula* na área da tradução, decidiu-se que o modelo mais adequado a empregar como base à realização dos questionários seria o proposto pelo EMT. A criação deste modelo assenta na constatação de que é necessário fortalecer a comunicação entre as instituições europeias (EMT 2009: 1). Para que tal seja possível, o EMT sublinha a necessidade de otimizar o ensino da tradução. Um dos fatores que justifica esta necessidade de otimização é a rápida evolução da prática tradutória, pressionada pela globalização e pela evolução tecnológica. Desta forma concluiu-se que o trabalho levado a cabo pelo EMT na produção do seu modelo de competência tem objetivos análogos aos do presente estudo.

### **2.2.1. Entrevistas**

Por forma a auscultar o mercado de tradução no contexto empresarial procedeu-se à realização de entrevistas. A escolha das entrevistas como base metodológica assentou na constatação de que estas podem servir vários propósitos e são prática recorrente na investigação nas Ciências Sociais e Humanas.

John Cresswell, investigador norte americano, afirma que o recurso a métodos qualitativos deve ser considerado quando se pretende um entendimento específico sobre determinado tema, tal como no presente estudo, que apenas é possível através do diálogo:

We also conduct qualitative research because we need a complex, detailed understanding of the issue. This detail can only be established by talking directly with people, going to their homes or places of work, and allowing them to tell the stories unencumbered by what we expect to find or what we have read in the literature. (Cresswell 2007:40)

Ao entrevistar empresas de tradução, as respostas, de teor qualitativo, permitem uma abordagem mais profunda ao tema e especificamente à análise das competências tecnológicas do tradutor, bem como a identificação de diversas opiniões, passíveis de análise em estudos futuros ou, caso se verifique relevante, na presente dissertação. Fernando Ferreira Alves enfatiza também a utilidade deste método de investigação:

Pelo seu potencial ímpar, este conjunto de técnicas de investigação, sobretudo as entrevistas semiestruturadas a que recorreremos, bem como as notas de campo (Anexo 12), permite enquadrar e ajustar as nossas expectativas acerca de um determinado problema social à sua própria realidade e, ao mesmo tempo, apreender mais de perto determinadas realidades sociais que outras técnicas de investigação não permitem, nomeadamente as que derivam da análise quantitativa. Por outro lado, este aparato metodológico possibilita ainda a identificação, através da comparação e análise do discurso, de comportamentos distintos entre grupos sociais, potenciando, em simultâneo, um conhecimento mais aprofundado desses comportamentos, bem como das manifestas

diferenças no interior de cada um dos grupos identificados.  
(Alves 2011: 64-65)

O objetivo principal das entrevistas a empresas de tradução foi perceber quais as competências que um tradutor deve possuir para que seja contratado, entender qual a importância da competência tecnológica para as empresas entrevistadas e, dentro da competência tecnológica, perceber qual a subcompetência mais preponderante para a contratação do profissional da tradução.

Tendo em conta que se almejava, nesta fase do estudo, a obtenção de dados representativos das empresas de tradução em Portugal, foi necessário tentar apurar qual o número total de empresas, a fim de compreender o tamanho da amostra e averiguar a sua representatividade.

Verificou-se, conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística a 11 de fevereiro de 2016 e referentes ao ano de 2013, a existência de um total de 2816 empresas, das quais 2606 são unipessoais e 210 são sociedades por quotas, conforme representado na seguinte tabela:

Período de referência dos dados	Localização geográfica		Empresas (N.º) por Atividade económica (Classe - CAE Rev. 3) e Forma jurídica; Anual (1)										
			Atividade económica (Classe - CAE Rev. 3)										
			Total				Atividades de tradução e interpretação						
			Forma jurídica										
			Total	Empresa individual	Sociedade		Total	Empresa individual	Sociedade				
			N.º	N.º	N.º		N.º	N.º	N.º				
2013	Portugal	PT	1097492		741832		355660		2816		2606		210

Tabela 1 – Número total de empresas por atividade económica e CAE 7430 (INE 2016).

No que concerne à sua localização geográfica, verificou-se que aproximadamente 55% (1547) do total de empresas está localizado na área metropolitana de Lisboa, conforme apresentado na seguinte tabela:

Localização geográfica (NUTS - 2013)		Atividade económica (Subclasse - CAE Rev. 3)	Empresas (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Atividade económica (Subclasse - CAE Rev. 3); Anual	Período de referência dos dados
			2013	N.º
Portugal	PT	Atividades de tradução e interpretação	2816	
Continente	1	Atividades de tradução e interpretação	2757	
Norte	11	Atividades de tradução e interpretação	580	
Alto Minho	111	Atividades de tradução e interpretação	32	
Cávado	112	Atividades de tradução e interpretação	67	
Ave	119	Atividades de tradução e interpretação	24	
Área Metropolitana do Porto	11A	Atividades de tradução e interpretação	423	
Alto Tâmega	11B	Atividades de tradução e interpretação	5	
Tâmega e Sousa	11C	Atividades de tradução e interpretação	7	
Douro	11D	Atividades de tradução e interpretação	12	
Terras de Trás-os-Montes	11E	Atividades de tradução e interpretação	10	
Centro	16	Atividades de tradução e interpretação	390	
Oeste	16B	Atividades de tradução e interpretação	64	
Região de Aveiro	16D	Atividades de tradução e interpretação	64	
Região de Coimbra	16E	Atividades de tradução e interpretação	119	
Região de Leiria	16F	Atividades de tradução e interpretação	70	
Viseu Dão Lafões	16G	Atividades de tradução e interpretação	28	
Beira Baixa	16H	Atividades de tradução e interpretação	10	
Médio Tejo	16I	Atividades de tradução e interpretação	20	
Beiras e Serra da Estrela	16J	Atividades de tradução e interpretação	15	
Área Metropolitana de Lisboa	17	Atividades de tradução e interpretação	1547	
Área Metropolitana de Lisboa	170	Atividades de tradução e interpretação	1547	
Alentejo	18	Atividades de tradução e interpretação	86	
Alentejo Litoral	181	Atividades de tradução e interpretação	15	
Baixo Alentejo	184	Atividades de tradução e interpretação	8	
Lezíria do Tejo	185	Atividades de tradução e interpretação	27	
Alto Alentejo	186	Atividades de tradução e interpretação	11	
Alentejo Central	187	Atividades de tradução e interpretação	25	
Algarve	15	Atividades de tradução e interpretação	154	
Algarve	150	Atividades de tradução e interpretação	154	
Região Autónoma dos Açores	2	Atividades de tradução e interpretação	36	
Região Autónoma dos Açores	20	Atividades de tradução e interpretação	36	
Região Autónoma dos Açores	200	Atividades de tradução e interpretação	36	
Região Autónoma da Madeira	3	Atividades de tradução e interpretação	23	
Região Autónoma da Madeira	30	Atividades de tradução e interpretação	23	
Região Autónoma da Madeira	300	Atividades de tradução e interpretação	23	

Tabela 2 – Número de empresas de tradução por localização geográfica (INE 2016).

Após a pesquisa pelos indicadores referentes ao número total de empresas de tradução e à sua localização geográfica, foi necessário alterar aquela que seria a amostra inicialmente prevista para as entrevistas do presente estudo devido a dois fatores:

- a) O número do total de empresas de tradução é um número demasiado elevado, tendo em conta a duração prevista para este estudo, para que fosse possível entrevistar uma amostra representativa do total.
- b) A pouca receptividade a este tipo de estudo académico por parte das empresas até então contactadas, sendo apenas uma das 11 com as quais se tinha tentado contacto, apenas uma se mostrou disponível a participar no presente estudo.

A representatividade dos dados em estudo é um fator a ter em conta. Wood e Kroger creditam os dados qualitativos obtidos através de extrapolação se estes se mostrarem "fiáveis e sólidos" (2000:167). A fim de que os dados recolhidos se mostrem fiáveis e sólidos e, consequentemente, representativos, Wood e Kroger afirmam que estes devem cumprir um conjunto de critérios, conforme descrito por Gabriela Saldanha e Sharon O'Brien (2013: 40-41). Destes destacam-se os seguintes: organização e documentação de todos os dados recolhidos, demonstração de todo o processo de investigação e construção do argumento, plausibilidade das hipóteses apresentadas.

Deste modo, dado o enfoque técnico dos resultados a obter no presente estudo, pretende-se tratar os mesmos de maneira que (i) se mostrem ordenados e acessíveis a leitores alheios à temática; (ii) se possam revelar todos os passos tomados no decorrer da investigação; (iii) os resultados apresentados sejam coerentes e conseguidos através de análise exaustiva; (iv) todas as ilações retiradas façam sentido e se mostrem plausíveis; (v) se revelem pertinentes para estudos futuros e para o desenvolvimento da área.

Assim, de forma a reduzir a amostra, cingiu-se as entrevistas às 17 empresas associadas da APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução). Destas 17, pelo que se conseguiu apurar à data deste estudo, não foi possível contactar a CentralT, visto esta não possuir site, o número de telefone não estar atribuído e a morada estar desatualizada. Reduziu-se deste modo a amostra para um total de 16 empresas cuja relevância é acervada por Fernando Ferreira Alves que afirma, no estudo de caso intitulado "Economia e mercado: Breve radiografia das empresas de tradução portuguesas" (Alves 2011: Anexo 2), que as principais empresas de tradução portuguesas são constituintes desta associação:

Efectivamente, começámos a nossa investigação por analisar as principais empresas de tradução que operavam, à data, no mercado português, cujo denominador comum era o facto de serem membros associados da APET (Alves 2011: Anexo 2).

Ainda é de notar que os membros associados da APET encontram-se sediados no norte, centro e sul do país, permitindo assim obter uma perspetiva transversal às regiões do país ainda que com as devidas ressalvas tendo em conta o número reduzido do universo analisado.

Na delineação do guião das entrevistas, e à semelhança do que se verificou com a estruturação dos questionários, descrita infra, procurou-se distinguir entre as competências esperadas de um tradutor *in-house* e as de um tradutor *freelancer*. Assim, pode, por exemplo, ser esperado que o primeiro domine de forma exímia a competência tecnológica, e que o segundo seja, principalmente, proficiente na competência de prestação de serviços de tradução. Torna-se assim importante que se perceba, no início da entrevista, com que categorias profissionais trabalha a empresa entrevistada e que se atente na possibilidade de que esta utilize tanto tradutores internos como independentes, adequando assim as questões.

No decorrer das entrevistas houve também vários aspetos a ter em conta, nomeadamente o facto de ser necessária autorização prévia para se proceder à gravação da sessão – prática considerada importante no sentido em que facilitará a análise dos dados recolhidos – e a importância da explicação dos objetivos do projeto, certificando a integração do entrevistado no âmbito do estudo e atestando que este se encontra ciente dos métodos utilizados na realização do mesmo.

Assim, na sua estrutura, o guião (cf. Anexo 2) apresenta uma forma simples na qual a primeira parte se destina a recolher dados sobre a empresa, a segunda foca-se na competência tradutória e a última na competência tecnológica. Numa fase inicial, e após pedida a autorização para a gravação e ser feito um rápido enquadramento do entrevistado ao estudo, é pedida uma breve apresentação da empresa. Pretende-se nesta fase entender quais os pares linguísticos com que a empresa trabalha mais frequentemente, há quantos anos está em atividade e que tipo de profissionais emprega em maior número (*in-house* ou *freelancers*). Após este passo a entrevista foca-se na competência tradutória, questionando os entrevistados sobre quais consideram ser as competências mais

relevantes para o mercado contemporâneo de tradução português, se consideram que existem diferenças nas competências exigidas aos tradutores *in-house* e aos *freelancer* e, quando procedem à contratação de um tradutor, qual ou quais as competências que mais valorizam. No âmbito da competência tecnológica pretende-se saber que conhecimentos da mesma são valorizados aquando da contratação de um tradutor e também se diferentes conhecimentos são exigidos de acordo com as tarefas executadas pelo profissional (como, por exemplo, gestor de projetos, tradutor-legendador, revisor, tradutor, entre outros).

Após a delineação da estrutura do guião da entrevista, foram contactadas, telefonicamente, as 16 empresas de tradução associadas à APET. Apesar de inicialmente estarem previstas entrevistas presenciais às empresas, notou-se algum desconforto por parte das mesmas. Optou-se então por realizar as entrevistas pelo telefone, após a explanação dos objetivos do estudo e pedida a autorização para gravação da chamada.

Foi possível entrevistar 12 das 16 empresas de tradução disponíveis, o que representa 75% do total.

Os dados obtidos, em formato de áudio e formato escrito, são apresentados e analisados no Capítulo 3 do presente estudo.

### **2.2.2. Inquéritos**

Para a delineação da estrutura dos questionários (cf. Anexo 3), foram tidos em conta alguns fatores essenciais, nomeadamente o facto de (i) ser necessário auscultar quais as competências que os tradutores consideram mais importantes, de entre todas as presentes no modelo adotado, (ii) se considerar útil saber quão importante os tradutores consideram, especificamente, a competência tecnológica, (iii) poder existir uma diferença entre a competência que os tradutores consideram mais importante e aquela que mais utilizam no seu local de trabalho. Por outras palavras, o prestador de serviços de tradução pode considerar que a competência de domínio cultural é imprescindível à prática da tradução, porém, devido aos avanços tecnológicos, utilizar maioritariamente competências tecnológicas no seu local de trabalho. Por último, (iv) ser necessário adaptar o modelo escolhido em prol da fácil compreensão por parte do tradutor, ou seja, atentar na forma como se apresentam ao inquirido as competências nele presentes, tendo sempre



em conta que o profissional da tradução pode não estar inteirado da definição de competência, modelo de competência ou das competências presentes no modelo a abordar, neste caso, o do EMT.

Visto que o presente estudo se cinge ao mercado português, e tendo em conta a forma escolhida para divulgação dos questionários – apresentada *infra* no presente capítulo – que visa a obtenção do maior número de respostas possível num curto espaço de tempo, foi necessário atentar na possibilidade da existência de respostas de tradutores que não trabalham no mercado português. Sendo assim, os questionários foram limitados a tradutores que tenham a língua portuguesa como língua de trabalho. Assim, no sentido de fazer face a este problema, os questionários foram redigidos em português e apresentaram, no início, uma questão que visa excluir os participantes que não traduzam maioritariamente para o português.

Também o local de atividade se revelou um dado importante que permite (i) perceber, através do cruzamento de dados, se há discrepâncias relevantes nas subcompetências tecnológicas mais utilizadas nas diferentes zonas do país e (ii) uma adequação precisa a futuros estudos que possam carecer dos resultados aqui obtidos.

A idade do tradutor e os anos de experiência também foram dados importantes a inquirir já que foram identificados como potencialmente reveladores de até que ponto é que estas variáveis influenciam a sensibilização para o uso de ferramentas tecnológicas no exercício da profissão, tentando perceber se as competências tecnológicas são mais desenvolvidas pelos tradutores mais jovens e se existiria uma resistência por parte dos tradutores mais experientes em desenvolver estas competências.

Existem diversas variáveis que podem influenciar a necessidade de diferentes competências por parte do profissional da tradução. Revelou-se, desta forma, importante saber se o inquirido trabalha como *in-house* ou *freelancer*, em que área traduz e que funções relacionadas com a tradução desempenha mais frequentemente (tradução, revisão, gestão de projetos, legendagem, entre outras). Foram contempladas estas variáveis nas perguntas 5, 6 e 7.

Também no que concerne às habilitações literárias podem surgir questões que levem a um diferente uso de competências tecnológicas. Revela-se importante perceber, por exemplo, se um tradutor que frequentou um curso superior em Tradução se mostra

mais consciente relativamente à importância da competência tecnológica para a profissão. Por ser factual que nem todos os tradutores são formados em Tradução (cf. Durão 2007: 93) foi necessário dar ao inquirido várias hipóteses de resposta fechada, que incluem formação ao nível do Ensino Básico, Secundário, Licenciatura em Tradução, Licenciatura em Línguas, outras Licenciaturas, Mestrado em Tradução, Mestrado em Línguas, outros Mestrados, Doutoramento em Tradução, Doutoramento em Línguas e outros Doutoramentos, a fim de perceber se existe uma correlação entre a formação e a importância dada à competência tecnológica. Dá-se do mesmo modo o caso de o tradutor poder ter frequentado uma formação avançada em Tradução, após a obtenção de um grau académico, pelo que foi incluída uma questão na qual se prevê a aquisição de competência tecnológica através da realização de um destes cursos. Esta questão serviu também para observar quão preponderante é o ensino das competências tecnológicas nos *curricula*, na qual se pôde perceber, ao confrontar com os dados da questão anterior, se, por exemplo, um tradutor que concluiu uma Licenciatura em Tradução teve apenas contacto com uma ferramenta TAC, ou se lhe foram transmitidos conhecimentos informáticos a vários níveis. Surgiram deste modo as perguntas 8 e 9 do questionário.

Conforme referido anteriormente, logrou-se saber quais as competências tradutórias mais importantes para os tradutores inquiridos. A pergunta foi concebida de maneira que o tradutor classifique, por ordem de importância, todas as competências presentes no modelo do EMT, devidamente adaptadas ao público-alvo. Deste modo pretende-se perceber, através da relação com outras questões, o que influencia a priorização das diferentes competências tradutórias. Porém, conforme frisado anteriormente, face à possibilidade da existência de uma discrepância entre as competências que o tradutor encara como mais importantes e aquelas que mais usa no seu dia-a-dia, apresenta-se após a questão referente às competências tradutórias, uma que visa inquirir qual a que o tradutor mais sente necessidade de usar durante a atividade profissional, conforme se pode perceber nas questões 10 e 11.

Dando enfoque à competência tecnológica, e por estar associada ao conhecimento informático, antes de se questionar o tradutor sobre quais as subcompetências que mais utiliza, inquire-se, nas perguntas 12, 13 e 14, sobre o que entende por conhecimento informático, o quão importante considera o mesmo para o exercício da profissão e porquê. Após este passo, apresenta-se uma lista daquelas que se salientam como as principais subcompetências tecnológicas, de acordo com o modelo do EMT, que se pede ao tradutor

que classifique por ordem de importância. Atentando novamente na possibilidade de existência de divergências entre as subcompetências de uso diário e aquelas consideradas mais importantes, inquire-se também o tradutor sobre essa questão, conforme se pode verificar nas perguntas 15 e 16.

A 17.<sup>a</sup> pergunta, não obrigatória e destinada apenas aos tradutores que desempenham funções simultâneas de *freelancer* e *in-house*, tem como objetivo perceber até que ponto se sentem diferenças entre as subcompetências necessárias para um tradutor nestas duas classes profissionais.

Deste modo, o inquérito apresenta uma estrutura dividida em três partes: (i) o perfil do tradutor, na qual se procura definir o participante, (ii) a competência tradutória, na qual se pretende explorar as competências em geral e (iii) a competência tecnológica, na qual se procura apurar quais as subcompetências tecnológicas usadas pelos tradutores no exercício da sua função.

Os inquéritos apresentam-se como uma forma de obtenção de respostas que chega a um elevado número de profissionais, permitindo auscultar os tradutores. As respostas obtidas através deste método são analisadas e comparadas com o *corpus* resultante das entrevistas, a fim de firmar as conclusões retiradas ou apontar diferenças entre as duas categorias.

Para a elaboração dos questionários utilizou-se a ferramenta online *Google Forms*, concebida precisamente com a finalidade pretendida no presente estudo. Esta ferramenta permite a criação de ficheiros *Excel* com análises estatísticas e a vantagem de estar otimizada para dispositivos móveis, permitindo que o inquirido responda mesmo sem acesso ao computador.

No que concerne aos métodos de divulgação dos inquéritos, e ainda que o *Google Forms* disponibilize a impressão dos mesmos a fim de que sejam preenchidos em formato de papel, visto que a esmagadora maioria dos tradutores afirma aceder frequentemente à internet (cf. Lagoudaki, 2006:10), e que se tornaria mais rápido tratar todos os dados recolhidos em formato digital, privilegiou-se o uso de meios informáticos para a disseminação dos questionários. Foram assim utilizados os seguintes métodos:

- Redes sociais, nomeadamente o *Facebook* e fóruns, onde foram abordados vários grupos de tradutores;

- *E-mail*, através do envio de correio eletrónico a vários tradutores;
- Contatos diretos, pedindo diretamente a colaboração de alguns tradutores cujas respostas foram consideradas potencialmente relevantes.

Os inquéritos foram disponibilizados online no dia 1 de fevereiro de 2016, tendo estes estado disponíveis para resposta por um período de 15 dias. Na tentativa de divulgar pelo maior número de profissionais possível, o inquérito foi partilhado nos seguintes grupos da rede social *Facebook*:

- Tradutores com Vida
- Pedra de Roseta Traduções
- Tradutores, Intérpretes e Curiosos
- Translators and Interpreters (ProZ.com)
- Tradutores de Portugal
- Tradutores/Intérpretes
- Tradutores contra o acordo ortográfico<sup>2</sup>

Para além destes grupos, procedeu-se também à partilha em páginas do *Facebook* de Universidades que lecionam tradução, alertando os possíveis informantes de que os inquéritos se destinavam apenas a pessoas que exerçam uma atividade profissional diretamente ligada à tradução, interpretação ou outra relacionada com estas últimas.

Foram também contactados diretamente vários profissionais; foram enviados um total de 18 e-mails e contactados pessoalmente um número aproximado de 15 indivíduos. Foi sempre solicitado que, para além do preenchimento do inquérito, os tradutores procedessem à sua partilha pelos colegas de profissão, a fim de maximizar a disseminação do mesmo.

---

<sup>2</sup> Hiperligações dos respetivos grupos:

Tradutores Com Vida: <https://www.facebook.com/groups/453713148030201/?fref=ts>

Pedra de Roseta Traduções: <https://www.facebook.com/groups/pedra.de.rosetaPT/?fref=ts>

Tradutores, Intérpretes e Curiosos: <https://www.facebook.com/groups/tradutoresgrupo/>

Translators and Interpreters (ProZ.com): <https://www.facebook.com/groups/46836864539/>

Tradutores de Portugal: <https://www.facebook.com/groups/133355216719187/?fref=ts>

Tradutores/Intérpretes: <https://www.facebook.com/groups/tradutoreseinterpretes/>

Tradutores contra o acordo ortográfico: <https://www.facebook.com/TradutoresContraAO90/?fref=ts>

### **2.3. Conclusão**

A fiabilidade dos métodos escolhidos é acervada por vários autores de estudos cujas finalidades são paralelas ao presente. Contudo, revelou-se necessário alterar a amostra prevista inicialmente devido ao tamanho da mesma, em oposição com a duração prevista para a realização da presente dissertação.

Após estipulada nova amostra para as entrevistas e definidos os guiões, tanto das entrevistas às empresas como dos questionários a tradutores, deu-se início ao contacto com as empresas associadas da APET e à disseminação dos questionários pelos meios seleccionados.

Analisa-se, no capítulo subsequente, os dados recolhidos através desta metodologia, a fim de responder às perguntas de investigação.

## Capítulo 3 – Análise dos Dados e Conclusões

### 3.1. Introdução

O presente capítulo tem como objetivo recolher e analisar os dados obtidos através da metodologia descrita no capítulo anterior. Conforme descrito, foi levado a cabo um questionário e entrevistas a tradutores e empresas de tradução respetivamente. Das entrevistas, realizadas às empresas associadas à APET, almejou-se receber informação sobre quais as subcompetências tecnológicas que priorizam aquando da contratação de um tradutor. Foi possível contactar 16 das 17 empresas associadas, porém apenas 12 se mostraram disponíveis para participar no presente estudo. Não foi possível entrevistar as restantes quatro empresas por se verificar difícil entrar em contacto com a direção e os funcionários disponíveis não possuírem autorização para responder a quaisquer questões. Todas as empresas cujo contacto telefónico não foi possível foram contactadas por e-mail, sendo que três delas não responderam e uma afirmou não querer participar no estudo. 143 tradutores *freelancers* responderam ao questionário, redigido de forma a procurar perceber quais as competências tecnológicas que lhes são mais requeridas por parte do mercado português contemporâneo, tendo como base as competências presentes no modelo de competência proposto pelo EMT.

No presente capítulo analisar-se-á os dados recolhidos e o cruzamento dos mesmos, a fim de procurar responder às perguntas de investigação do presente estudo e apresentar dados relevantes cuja aplicação se possa revelar potencialmente proveitosa para estudos futuros.

### 3.2. Entrevistas

As entrevistas às empresas de tradução permitiram perceber quais as subcompetências tecnológicas que os tradutores devem possuir, compreendendo, através de perguntas objetivas, quais os conhecimentos que estas empresas esperam que os tradutores possuam aquando da sua contratação.

Manter-se-ão, ao longo desta análise, em anónimo as empresas das quais provêm os dados retirados, visto tal ter sido repetidamente requerido nas entrevistas pelas mesmas. Esta opção por parte dos entrevistados deve-se, na maior parte dos casos, ao facto de não ter sido possível entrar em contacto direto com a direção, tendo as entrevistas sido realizadas a funcionários como tradutores, gestores de recursos humanos, gestores de projeto e revisores, que se afirmaram capazes de responder às perguntas necessárias, porém em anonimato, por não existir certeza de autorização superior para a utilização do nome da empresa. Como tal, não se revela de que empresas provêm dados específicos, a fim de evitar qualquer violação de confidencialidade. Como forma de identificar as empresas e facilitar a análise de dados foi atribuído a cada uma um código de P\_01 a P\_12.

### **3.2.1. Perfil das Empresas**

Dado o enfoque específico desta associação seria talvez expectável que estas empresas se dedicassem exclusivamente à tradução. Porém, para 50%, também a interpretação tem o seu peso no volume total de negócios. Dentro da área da comunicação, também a prestação de serviços dentro da área da informática se revela uma das atividades secundárias de algumas das empresas entrevistadas (16,6%), ainda que com menos proeminência. Na observação de respostas divergentes, salienta-se uma empresa que presta serviços na área da consultoria informática, que representam 15% do total de volume de negócios. Esta área pode aparentemente estar afastada da tradução, mas, conforme refere o Diretor Executivo da empresa em questão (P\_12), ambas as áreas apresentam várias analogias, no sentido em que são multidisciplinares e dificilmente sobreviveriam uma sem a outra. Curiosamente, as duas empresas cujas atividades paralelas à tradução representam um volume de negócios substancial e relacionado com áreas tecnológicas ou dependentes de tecnologia são também aquelas que operam há menos tempo. Poderá ser isto demonstrativo, mediante confirmação através de um estudo em maior escala, de que as empresas com menos tempo no mercado possuem uma maior abertura para atividades relacionadas com a tecnologia, ao passo que as mais antigas oferecem alguma resistência aos avanços tecnológicos, mantendo o recurso aos mesmos no mínimo indispensável à prática tradutória.

Demonstram-se os dados referentes ao perfil das empresas entrevistadas no seguinte gráfico:

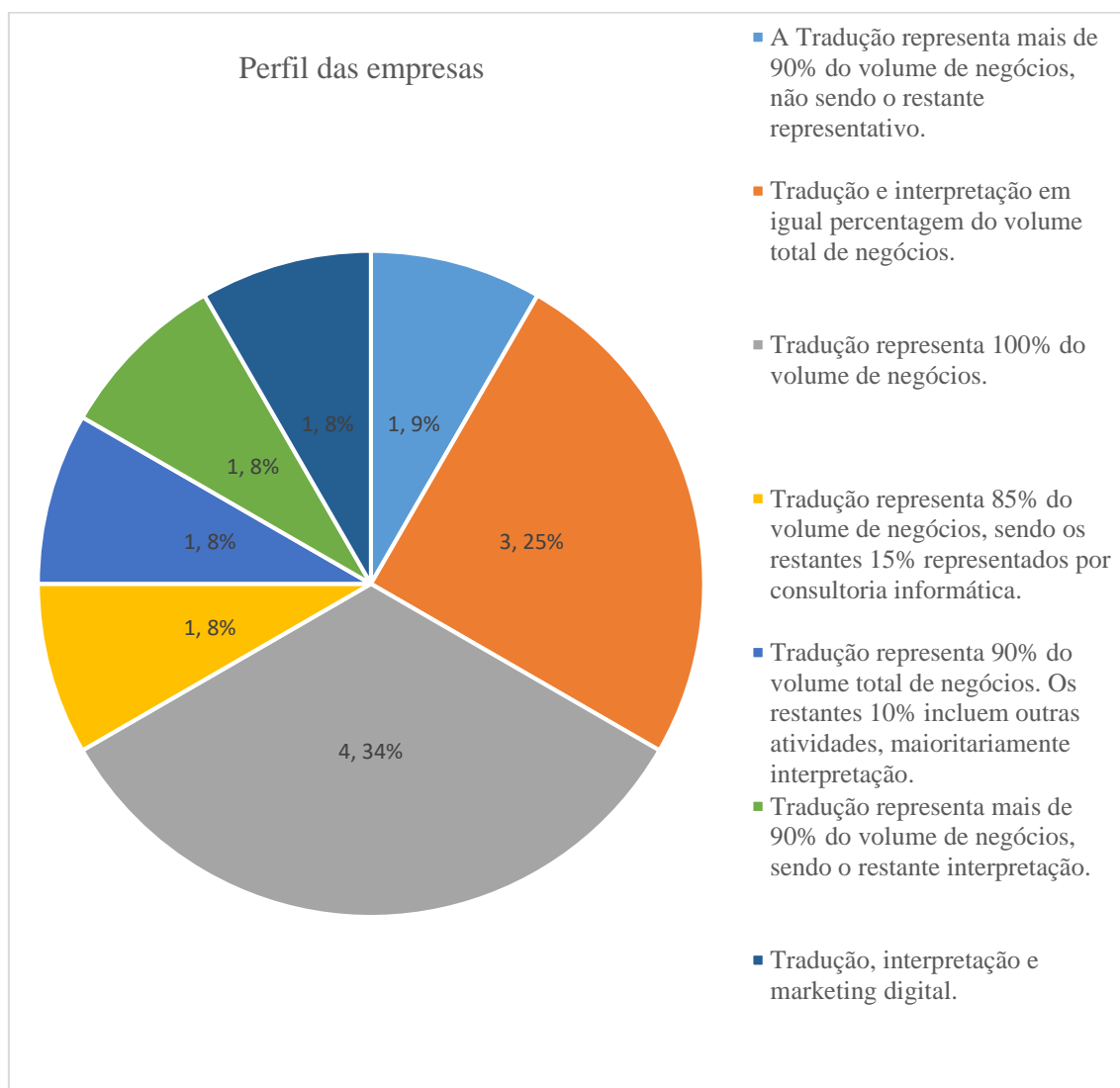


Figura 4 – Perfil das empresas.



No que concerne ao tempo de atividade das empresas entrevistadas, verifica-se que a maioria das empresas está constituída há mais de 10 anos, conforme representado no seguinte gráfico:

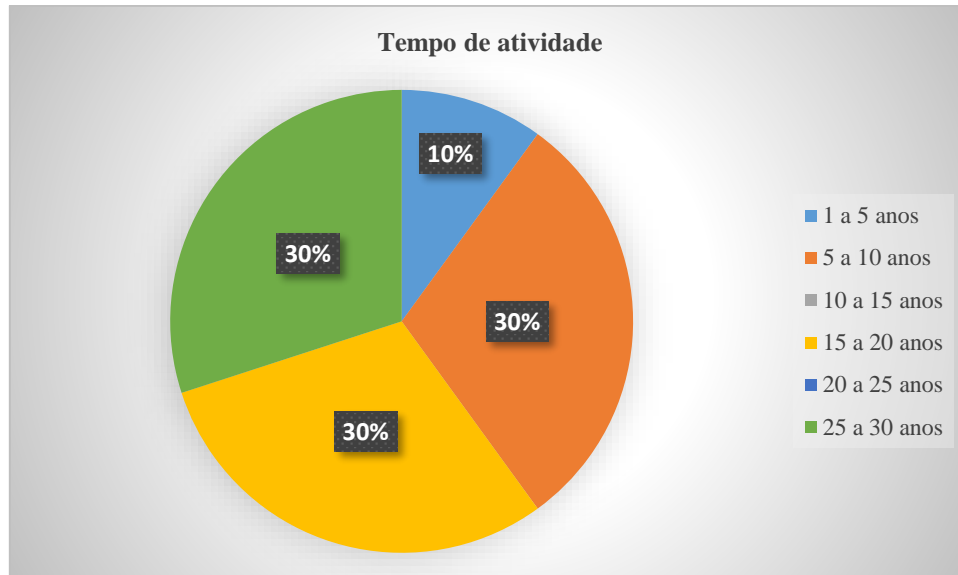


Figura 5 – Tempo de atividade das empresas.

Duas das empresas não facultaram uma data concreta, pelo que não foi possível averiguar a média sem eliminar os valores apresentados por P\_02 e P\_06. Sem estes dados, a média de idades das empresas entrevistadas é de 16,8 anos. Em todo o caso, se adicionado qualquer dos valores – mínimo de 15 para P\_02 e sete para P\_06, ou máximo de 20 para P\_02 e oito para P\_06 – a média descenderá para 15,8 e 16,3, respetivamente.

### 3.2.2. Recursos Humanos

No que respeita ao número de funcionários em regime *in-house*, a média é de aproximadamente nove funcionários, sendo que uma das empresas (P\_06) se recusou a fornecer informação sobre este assunto devido à problemática abordada anteriormente, conforme representado no seguinte gráfico:

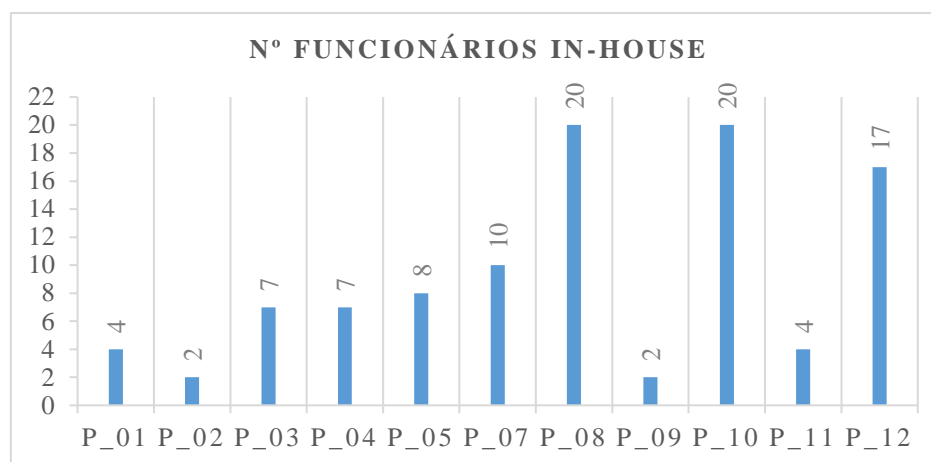


Figura 6 – Número de funcionários em regime in-house.

Nos extremos, observam-se duas empresas que afirmam utilizar apenas tradutores internos (P\_07 e P\_12) e três que, por outro lado, dizem recorrer apenas a *freelancers* para a prática tradutória (P\_01, P\_04 e P\_09), sendo que os funcionários que trabalham em regime *in-house* se dedicam a outras funções como a administração, gestão de projetos, controlo de qualidade, entre outros.

O número de funcionários em regime *freelancer* não pôde ser apurado visto que, segundo as empresas entrevistadas, os *freelancers* são constantes de bases de dados, pelo que nenhuma facultou um número exato. Salienta-se apenas que a empresa P\_08 afirma ter na sua base de dados mais de 200 trabalhadores *freelancer* que efetuam várias funções relacionadas com a tradução e aos quais recorrem frequentemente, afirmando porém que utilizam com igual preponderância tradutores *in-house* e *freelancer*.

Pode notar-se, portanto, que o número de tradutores *freelancer* constante nas bases de dados das empresas é elevado mas que, aquando da prática da tradução, apenas 16,7% das empresas dizem recorrer exclusivamente a tradutores *freelancer*, e 8,3% dizem recorrer apenas tradutores *in-house*, conforme demonstrado no seguinte gráfico:

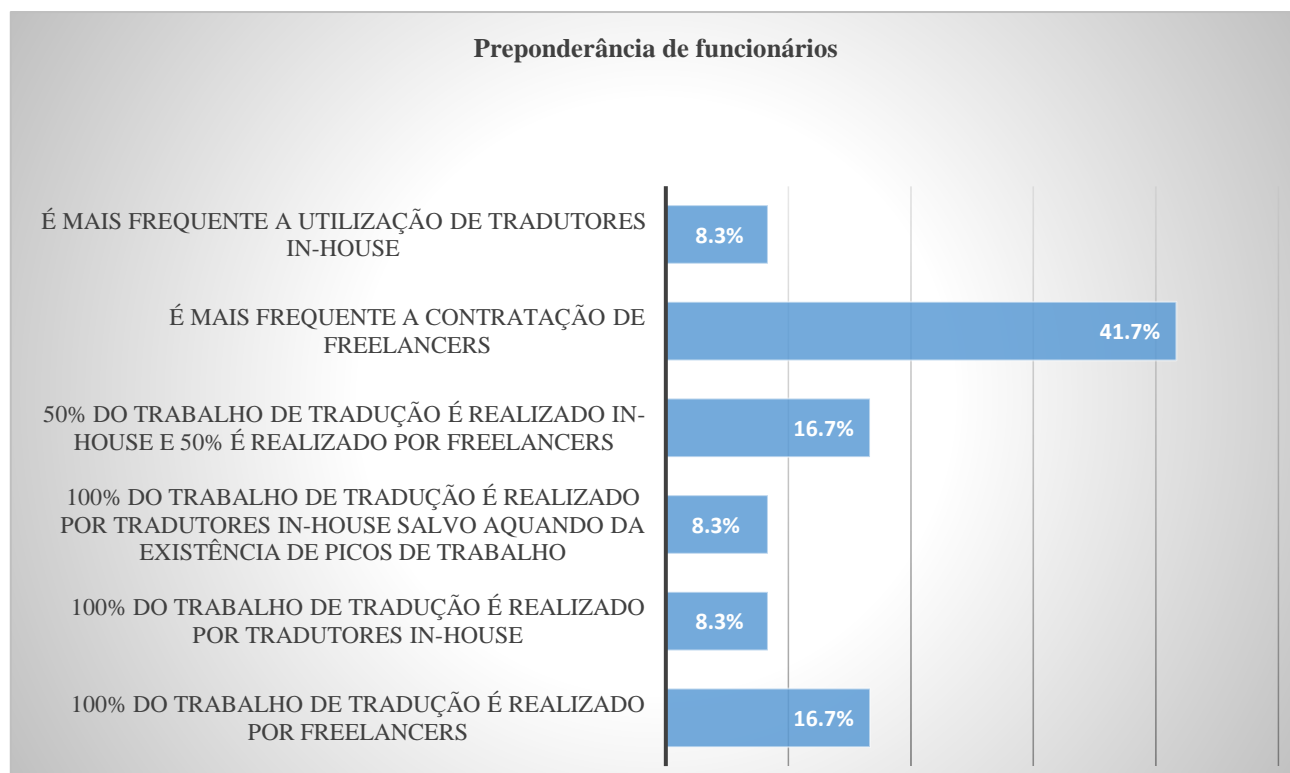


Figura 7 – Preponderância de funcionários.

Nas respostas nota-se ainda que uma das empresas afirma utilizar "praticamente só *freelancers*", resposta esta que foi agregada às respostas das empresas nas quais é mais frequente a contratação de *freelancers*. As empresas apontam, contudo, a questão da qualidade como justificação para tal. Algumas das empresas entrevistadas preferem que a tradução seja feita apenas em regime *freelancer* para que internamente todos os esforços sejam dirigidos para a revisão e controlo de qualidade, enquanto outras decidem realizar tanto o processo de tradução como o de revisão internamente, apontando as mesmas razões.

### 3.2.3. Competências Gerais do Tradutor

Cerca de 67% das empresas entrevistadas não diferenciam entre as competências necessárias para um tradutor *in-house* e um tradutor *freelancer*, sendo que 25% afirmam que os tradutores em regime *in-house* devem ter conhecimentos mais abrangentes e polivalentes. Estas empresas apontam como razão para tal o facto de o tradutor interno necessitar, por vezes, de lidar com situações que não se aplicam ao tradutor *freelancer*, a saber: a capacidade de trabalho em equipa e a disponibilidade para realizar tarefas

diferentes da tradução (revisão, gestão de projetos, resolução de problemas informáticos, entre outras), que podem ser frequentemente requeridas ao profissional no contexto empresarial. É exemplo deste caso o seguinte excerto da transcrição da entrevista à P\_11:

(...) à partida *in-house* deverá ser alguém mais abrangente que possa lidar com outro tipo de coisas. Nós sabemos que determinado tradutor está mais especializado em X, outro em Y, e quando atribuímos os trabalhos temos em conta essas especificidades de cada um. O *in-house*, no fundo, tem de poder socorrer todos os fogos. (cf. Anexo 4)

Apenas a empresa P\_09 afirmou não conseguir responder a esta questão por não usar tradutores *in-house*.

Quando questionadas sobre quais julgam ser as competências mais procuradas num tradutor em Portugal surge, por parte de uma das empresas entrevistadas, a expressão "mínimos olímpicos" para se referir ao domínio das línguas de trabalho. Diz a representante desta empresa que sem esta competência ninguém pode/consegue ser tradutor, visto esta ser essencial. Na verdade, até então, todos os entrevistados tinham apontado o domínio das línguas de trabalho como a competência mais procurada ou uma das mais procuradas num tradutor. Desta forma, sempre que esta competência surgia como resposta a esta pergunta, era pedido que fosse fornecida uma segunda opção, dada a quase obrigatoriedade da mesma.

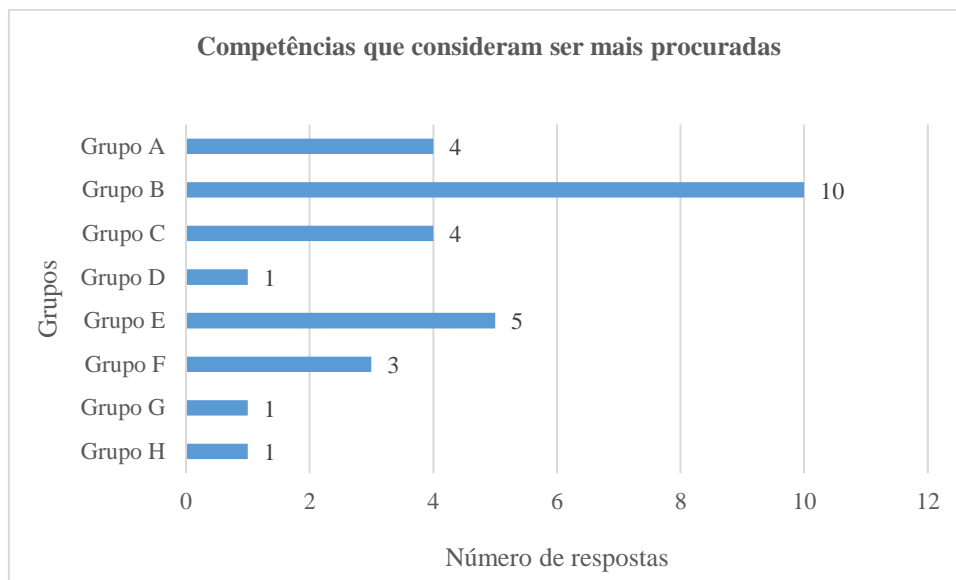
Para além desta competência fundamental, surgem então novas respostas que apontam para a importância do domínio de pelo menos uma ferramenta TAC, da capacidade de adaptação a novas ferramentas tecnológicas e do domínio da área de especialidade, seja por formação superior ou experiência.

De forma a analisar as respostas das empresas agruparam-se as mesmas de acordo com as suas ideias gerais, dando origem aos seguintes grupos:

- Grupo A: Experiência
- Grupo B: Tecnologia
- Grupo C: Prestação de serviços de tradução
- Grupo D: Capacidade de pesquisa
- Grupo E: Competências interpessoais
- Grupo F: Habilitações literárias

- Grupo G: Competência cultural
- Grupo H: Domínio da área de especialidade

Surge, deste modo, o seguinte gráfico:



*Figura 8 – Competências gerais mais procuradas no mercado nacional.*

No gráfico acima pode observar-se que dez das empresas entrevistadas (83,3%) consideram que atualmente as competências relacionadas com a tecnologia, ferramentas TAC e informática são as mais procuradas num tradutor. Cerca de 33% das empresas consideram a experiência em tradução essencial num tradutor. Também a competência de prestação de serviços de tradução – que envolve várias subcompetências como ética profissional, capacidade de lidar com clientes, entre outras (cf. Anexo 1) – foi apontada como importante por 33% das empresas, seguido das 25% que acervam também uma frequência equivalente ao Ensino Superior. Nota-se a repetida referência a à competência tecnológica sob a forma do domínio de ferramentas TAC, informática, tecnologia e a capacidade de adaptação a novas ferramentas.

Relativamente às competências que mais valorizam aquando da contratação de tradutores, as respostas das empresas são muito variadas. Apesar do reconhecimento da importância da competência tecnológica, principalmente do domínio de ferramentas TAC, como competência importante no mercado de trabalho, a não mestria desta parece não se revelar fator de exclusão do futuro colaborador para 91,6% das empresas, que não

apresentam a competência tecnológica como a mais importante aquando da contratação de um novo tradutor:

Código	Competências mais importantes na contratação
P_01	Prestação de serviços de tradução.
P_02	Experiência em tradução.
P_03	Prestação de serviços de tradução.
P_04	Capacidade de trabalho em equipa e adaptação.
P_05	Competência linguística.
P_06	Desenvoltura e capacidade de solucionar problemas.
P_07	Domínio de ferramentas TAC e das línguas de trabalho.
P_08	Atenção ao detalhe.
P_09	Domínio das línguas de trabalho.
P_10	Experiência em tradução na área de trabalho.
P_11	Competência linguística.
P_12	Competência linguística e capacidade de pesquisa.

*Tabela 3 – Competências gerais mais procuradas pelas empresas entrevistadas.*

Surge novamente, de forma muito frequente, a preocupação com o domínio linguístico, em relação ao qual se salienta a seguinte resposta por parte de um dos entrevistados, Diretor Executivo da empresa P\_12, uma das que conta com menor tempo de atividade: "Há uma série de competências que toda a gente consegue adquirir com mais ou menos facilidade (...) Contudo, a competência linguística, ou já a tem ou não é agora que a vai ganhar (...)" (cf. Anexo 4). Seguido desta, a experiência em tradução apresenta-se como um fator preponderante para a contratação de um tradutor, que deve também ser capaz de trabalhar em equipa e deter boa capacidade de adaptação a novos projetos e ferramentas, disponibilidade de aprendizagem e agilidade, a fim de conseguir solucionar problemas.

### **3.2.4. Competência Tecnológica**

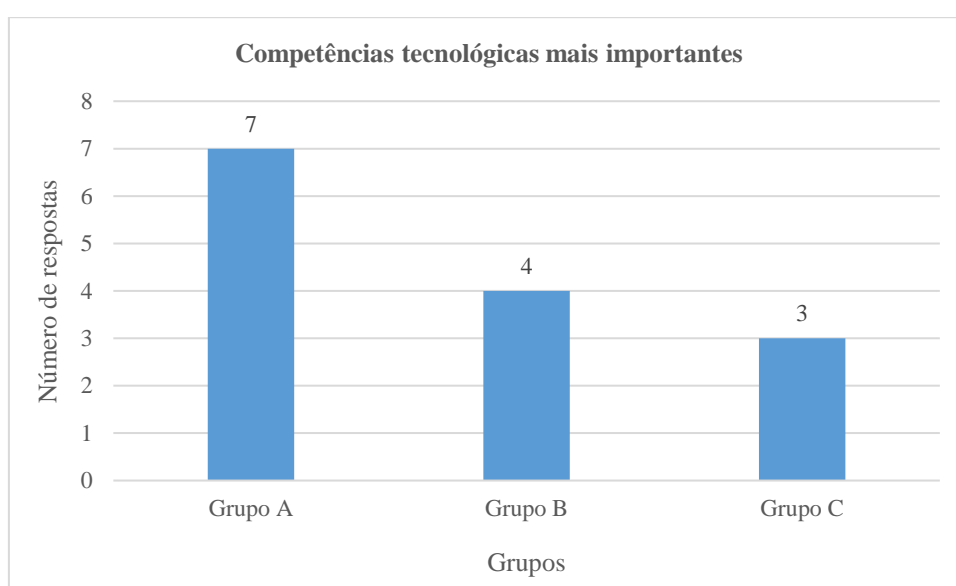
Mais especificamente sobre a competência tecnológica, a maioria das empresas entrevistadas admite que as competências requeridas pelo tradutor dependem do trabalho em questão. Certos projetos podem requerer maior competência de pesquisa de informação do que domínio de ferramentas TAC, enquanto noutros, de domínio geral, a

mestria de uma ferramenta TAC pode representar um enorme benefício para o processo tradutório.

Para que fosse possível a sua análise, também as respostas a esta questão foram agrupadas, dando origem aos seguintes grupos:

- Grupo A: Ferramentas TAC
- Grupo B: Domínio da informática em geral
- Grupo C: Capacidade de pesquisa

Podem observar-se as respostas no seguinte gráfico:



*Figura 9 – Competências tecnológicas mais importantes para as empresas.*

Aquando da contratação de tradutores, contudo, 58,3% das empresas de tradução dizem dar preferência aos tradutores que se mostram proficientes numa ou mais ferramentas TAC, revelando ainda algumas destas que a maioria dos tradutores não possui esta competência, conforme se pode perceber no seguinte excerto da entrevista à P\_07:

Um tradutor tem de ter um domínio quer da língua de partida quer da língua de chegada, ter uma grande cultura geral, tem de dominar muito bem as ferramentas de tradução, vulgo *CAT*, e hoje em dia nós notamos que a maior parte dos tradutores não dominam as ferramentas que utilizam. (cf. Anexo 4)

De notar ainda que, no decorrer da entrevista à P\_12, o entrevistado afirma notar diferença nas competências tecnológicas apresentadas pelos tradutores formados em diferentes estabelecimentos de ensino. O Diretor Executivo da P\_12 apresenta como justificação para este facto uma construção desadequada dos *curricula* de alguns dos estabelecimentos. Pode ler-se seguidamente um excerto da entrevista:

Tenho notado que os tradutores que saem das faculdades, ou seja, que têm um ou dois anos de experiência, não têm essas competências, não sabem usar uma ferramenta de tradução minimamente. Noto que há algumas faculdades onde isso não acontece (...) Há faculdades onde eles têm perfeita noção que só têm três ou quatro aulas com ferramentas de tradução, que não utilizam memórias de tradução, que só abrem projetos e traduzem diretamente no ficheiro. Isso não faz sentido nenhum no mercado em que nos encontramos. Hoje em dia é impensável não usar uma ferramenta. Portanto, há muito essa lacuna. (cf. Anexo 4)

As restantes quatro empresas afirmam que, mais importante do que o domínio destas ferramentas de auxílio à tradução, é o conhecimentos da informática em geral, a desenvoltura para lidar com qualquer tipo de problemas informáticos e a capacidade de aprendizagem e evolução. A razão para tal prende-se com o facto de que quando o profissional se revela um utilizador avançado da competência tecnológica no geral, consegue rapidamente desenvolver conhecimentos de uma determinada ferramenta, ou dominar rapidamente atualizações de ferramentas anteriormente usadas – facto comum nas principais ferramentas TAC. Por outro lado, caso o tradutor não domine a competência tecnológica, o tempo de formação necessário para que este domine uma nova ferramenta será muito superior. Pode esta apetência para a informática estar relacionada com a terceira competência mais requerida pelas empresas, a capacidade de pesquisa, uma vez que a esmagadora maioria da pesquisa é, atualmente, realizada com recurso à Internet, sendo esta um dos mais preponderantes aspetos do conhecimento tecnológico. Assim, um tradutor que possua esta capacidade informática conseguirá obter melhores resultados de pesquisa, bem como pesquisar mais rapidamente e, consequentemente, apresentar traduções com uma qualidade potencialmente superior.



### 3.3. Questionários

Dos questionários apresentados aos tradutores foram obtidas 143 respostas no período de 15 dias – de 1 a 15 de fevereiro de 2016.

Antes de se proceder à análise dos dados foi necessário excluir os tradutores que não estavam familiarizados com o mercado português. Para que tal fosse possível, conforme explanado no capítulo anterior, foram analisadas as respostas à primeira pergunta, relativa ao par linguístico com o qual o tradutor mais trabalha. Por se notar que um tradutor familiarizado com o mercado português terá como principal língua de chegada o português, foi esse o critério de exclusão. Das respostas dos tradutores foram analisados os seguintes dados:

Pares linguísticos	Nº	%
Tradutores com um par linguístico		
Português - inglês	4	2,8%
Inglês - português	112	78,3%
Inglês - alemão	1	0,7%
Francês - português	8	5,6%
Alemão - português	7	4,9%
Espanhol - português	7	4,9%
Tradutores com mais de um par linguístico		
Inglês - português e espanhol - português	1	0,7%
Alemão - inglês; francês - inglês; português - inglês	1	0,7%
Inglês - português e alemão - português	1	0,7%
Português - inglês; espanhol - inglês; francês - inglês	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>143</b>	<b>100%</b>

*Tabela 4 – Pares linguísticos mais frequentes nos profissionais inquiridos (incluindo retroversões).*

Das 143 respostas recebidas a este questionário, sete destas (4,9%) referem-se a tradutores que podem não ter conhecimento do mercado português, perfazendo um total de 136 respostas passíveis de utilização no presente estudo, e com as quais se trabalhará doravante.

### 3.3.1. Perfil do Tradutor

Enceta-se a análise dos dados retirados dos questionários pela situação profissional dos tradutores inquiridos, na qual se pretende obter dados elucidativos referentes a: línguas de trabalho, local de atividade, idade, experiência profissional, tipo de atividade, áreas de especialização, situação profissional, habilitações literárias e possíveis carências de formação avançada.

Da análise da primeira pergunta pode concluir-se que a esmagadora maioria dos tradutores inquiridos traduz do inglês, conforme demonstrado na tabela seguinte:

Pares Linguísticos	Nº de Respostas	%
Tradutores com um par linguístico		
Alemão - português	7	5,1%
Inglês - português	112	82,4%
Espanhol - português	7	5,1%
Francês - português	8	5,9%
Tradutores com mais de um par linguístico		
Inglês - português e alemão - português	1	0,7%
Inglês - português e espanhol - português	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100.0%</b>

*Tabela 5 – Pares linguísticos mais frequentes nos profissionais inquiridos (sem retroversões).*

O par linguístico dominante (inglês - português com 82,4% das respostas) é seguido pela tradução de espanhol, francês e alemão para a língua portuguesa (5,1%, 5,9% e 5,1% respetivamente). Nenhum dos tradutores afirmou traduzir maioritariamente do italiano para o português. Os dados retirados mostram concordância com o estudo de Fernando Ferreira Alves (2011) que afirma que, na região norte de Portugal, as línguas de trabalho mais comuns são o inglês, francês, espanhol e alemão, com maior predominância para a língua inglesa:

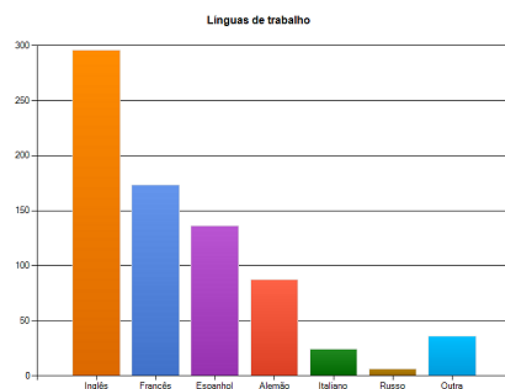


Figura 10 – Línguas de trabalho mais frequentes na região norte de Portugal, conforme apresentado por Fernando Ferreira Alves (2011: 315).

Relativamente ao local de atividade, foram escolhidas 20 localidades principais passíveis de resposta por parte dos inquiridos. A distribuição dos resultados foi a seguinte:

Localidades	Nº de profissionais	%
Açores	1	0,7%
Aveiro	4	2,9%
Beja	0	0%
Braga	3	2,2%
Bragança	1	0,7%
Castelo Branco	2	1,5%
Coimbra	15	11%
Évora	2	1,5%
Faro	8	5,9%
Guarda	0	0%
Leiria	5	3,7%
Lisboa	58	42,6%
Madeira	1	0,7%
Portalegre	0	0%
Porto	22	16,2%
Santarém	4	2,9%
Setúbal	8	5,9%
Viana do Castelo	1	0,7%
Vila Real	0	0%
Viseu	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

Tabela 6 – Localidades dos profissionais inquiridos.

A maioria dos profissionais concentra-se na região de Lisboa (43%), seguido do Porto com 16% dos tradutores inquiridos, sendo que não se obtiveram respostas de tradutores nas regiões de Beja, Guarda, Portalegre e Vila Real.

Relativamente à idade dos profissionais, a maioria afirma ter idade compreendida entre os 20 e os 30 anos (35% do total), seguido de 33% que afirmam ter entre 31 e 40 anos e 18% entre os 41 e 50 anos. Obtiveram-se ainda respostas de 19 tradutores com mais de 50 anos (14%) e apenas um com idade inferior a 20, conforme se pode verificar na seguinte tabela:

<b>Idades</b>	<b>Nº de Profissionais</b>	<b>%</b>
<20	1	0,7%
20-30	47	34,6%
31-40	45	33,1%
41-50	24	17,6%
>50	19	14%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7 – Idades dos profissionais inquiridos.*

Outra das questões colocadas aos tradutores visava apurar qual o tempo de experiência dos inquiridos. A maior parte dos tradutores participantes deste inquérito tem menos de cinco anos de experiência em tradução, 31% do total. Pode também constatar-se que 29% afirmam ter experiência entre cinco e 10 anos, 18% entre 15 e 20, 10% entre 10 e 15, 8% entre 20 e 30, apenas 4% entre 30 e 40, e nenhum dos tradutores inquiridos afirmou ter mais de 40 anos de experiência. Apresentam-se estes dados na seguinte tabela:

<b>Tempo de experiência</b>	<b>Nº de profissionais</b>	<b>%</b>
<5	42	30,9%
5-10	40	29,4%
10-15	14	10,3%
15-20	24	17,6%
20-30	11	8,1%
30-40	5	3,7%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 8 – Experiência dos profissionais inquiridos.*

Relativamente à situação profissional dos tradutores, o questionário contemplava cinco hipóteses de resposta. A grande maioria dos tradutores inquiridos afirma trabalhar como *freelancer*, tendo esta opção sido escolhida por 105 profissionais, perfazendo 77% do total, número ao qual podemos adicionar 15 que afirmam trabalhar simultaneamente como *in-house* e *freelancer*. Estes dados estão em consonância com aqueles apresentados por Fernando Ferreira Alves em 2011. Afirma o autor que, segundo o estudo realizado por DePalma em 2008, a maioria das empresas emprega menos de cinco funcionários, sendo este facto revelador de um elevado número de tradutores *freelancer* no mercado (Alves 2011: 232). Pode ainda observar-se que 8% do total de inquiridos diz trabalhar como *in-house* numa empresa de tradução, 2% como tradutores institucionais e apenas 1% como tradutor *in-house* em empresas cuja tradução não é a principal área de negócios.

Ao cruzar estes dados com os anos de experiência dos tradutores inquiridos foram obtidos os seguintes resultados:

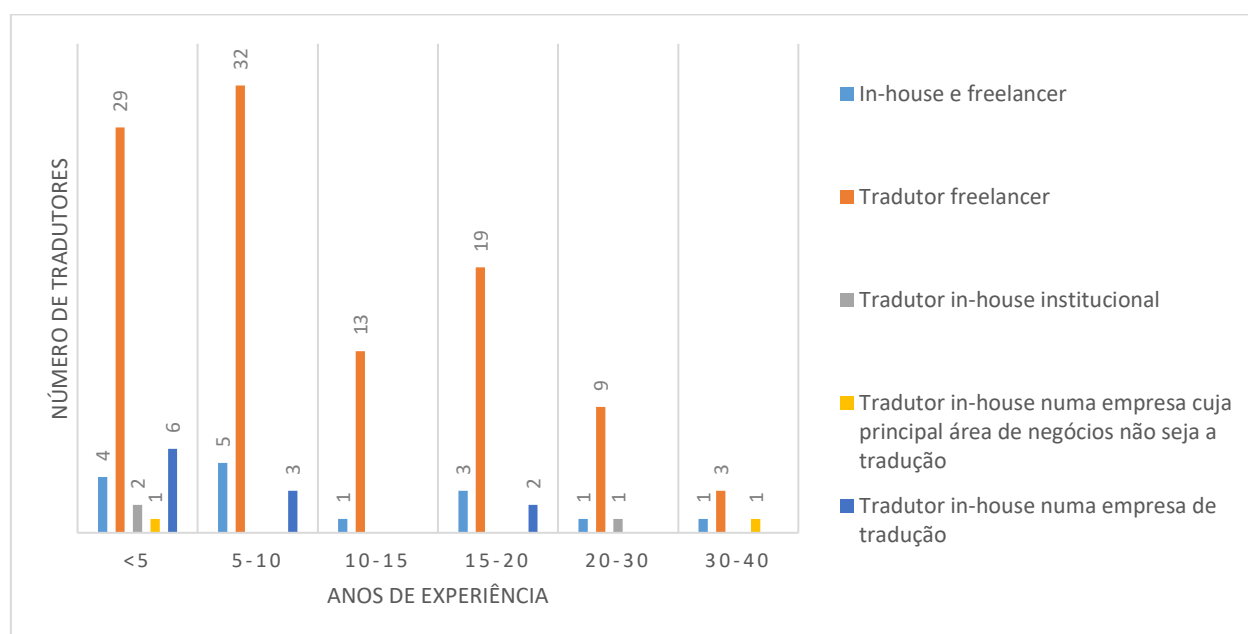


Figura 11 – Tempo de experiência dos profissionais inquiridos VS situação profissional.

Conforme se pode verificar, a maior parte dos tradutores que afirma trabalhar como *in-house* tem menos de cinco anos de experiência, facto que poderá provavelmente ser explicado pelas parcerias entre as universidades e as empresas de tradução. É frequente a contratação, por parte de empresas de tradução, de estagiários recém-formados através de protocolos entre as duas organizações.

À semelhança do que se verificou com as respostas à primeira pergunta do questionário, referente aos pares linguísticos com os quais os tradutores trabalham mais frequentemente, também quando questionados sobre qual a área na qual traduzem, alguns tradutores afirmam trabalhar maioritariamente com mais de uma, selecionando a opção "outros" e discriminando todas as áreas nas quais traduzem. Selecionaram esta opção também os profissionais cuja área de tradução não se encontrava prevista nas opções de resposta fechada do questionário. Foram, deste modo, recolhidos os dados presentes na tabela seguinte:

Áreas	Nº respostas	%
Tradutores que trabalham apenas numa área		
Assuntos empresariais	1	0,7%
Audiovisual* <sup>3</sup>	25	18,4%
Científica* <sup>3</sup>	13	9,6%
Educação	1	0,7%
Generalista* <sup>3</sup>	23	16,9%
IT	1	0,7%
Jurídica	5	3,7%
Literária* <sup>3</sup>	7	5,1%
Técnica* <sup>3</sup>	56	41,2%
Tradutores que trabalham em mais de uma área		
Audiovisual e Criativa	1	0,7%
Direito e Finanças	1	0,7%
Jurídica e económica	1	0,7%
Técnica, Médica e Jurídica	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 9 – Áreas de trabalho dos profissionais inquiridos.*

Na análise das áreas contempladas em resposta fechada, assinaladas na tabela acima, pode observar-se que a grande maioria dos participantes (41,2%) afirma trabalhar maioritariamente na área técnica. O número cai para menos de metade nas áreas audiovisual e generalista (18,4% e 16,9%, respetivamente) e apenas uma minoria diz traduzir na área científica (9,6%). Dos 12 tradutores que optaram pela resposta aberta, um trabalha frequentemente em três áreas diferentes, e três em duas. Das áreas não contempladas inicialmente no questionário os tradutores adicionaram assuntos empresariais, audiovisual, criativa, direito, finanças, IT, jurídica, económica e médica, sendo que, destas, aquela que apresenta mais profissionais é a área jurídica. De notar que o presente estudo, seguindo a definição de tradução técnica de Jenny Williams e Andrew

---

<sup>3</sup> Áreas contempladas em resposta fechada no questionário apresentado aos tradutores.

Chesterman (Williams e Chesterman 2002: 12) considera as áreas médica, económica e jurídica como ramos da tradução técnica. Aparentemente há confusão por parte de alguns dos tradutores inquiridos quanto à definição do conceito de tradução técnica, com tradutores a separar, conforme faz Amparo Hurtado Albir numa definição por si proposta (cf. A. Hurtado Albir 2001: 94) a tradução técnica dos outros tipos de tradução.

Considera-se importante o cruzamento desta informação com as respostas referentes à situação profissional dos inquiridos na tentativa de retirar dados referentes às áreas de especialização que as empresas mais procuram.

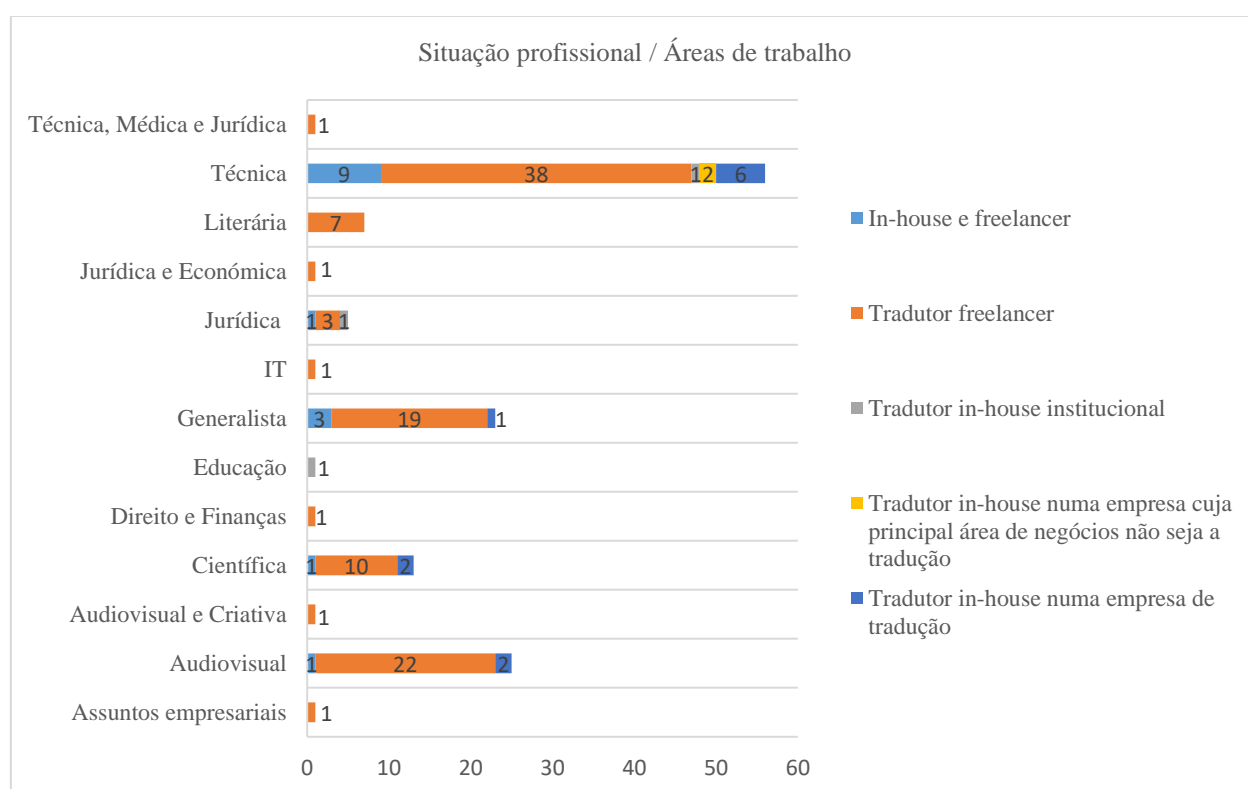


Figura 12 – Situação profissional dos inquiridos VS áreas de trabalho.

O presente gráfico surge do cruzamento dos dados acima mencionados. De salientar que, dos 105 tradutores que trabalham em regime *freelancer*, sete são tradutores literários, o que representa 100% dos inquiridos especializados nesta área. Ou seja, todos os tradutores literários inquiridos no âmbito do presente estudo são *freelancers* podendo isto ser indicativo de que as editoras contratam maioritariamente tradutores independentes, ficando a revisão a cargo das próprias, ainda que esta suposição careça de investigação própria a fim de retirar conclusões concretas. Importa também notar o facto de a maioria dos tradutores em regime *in-house* se especializar na área técnica, podendo

isto ser revelador de uma tendência das empresas de tradução nas quais trabalham os profissionais aqui inquiridos para esta área. Fernando Ferreira Alves nota, no seu estudo de 2011 já mencionado anteriormente, que a maior parte dos tradutores do norte de Portugal afirma traduzir da área jurídica (2011: 383). Será de interesse que, em estudos que incidam sobre as áreas de atividade dos tradutores e das empresas, se possa reunir dados mais abrangentes quanto à especialização mais procurada no mercado português contemporâneo.

Os tradutores foram também questionados sobre que atividades relacionadas com a tradução executam mais frequentemente. As opções de resposta fechada incluíam tradução, legendagem, revisão e gestão de projetos. Contemplava-se também a possibilidade de resposta aberta, pela qual optaram quatro dos tradutores inquiridos, acrescentando à lista aulas e formações, gestão terminológica e interpretação simultânea. Pode observar-se que 74% dos inquiridos se dedicam maioritariamente à tradução, 9% à revisão e legendagem e apenas 5% à gestão de projetos. A opção de resposta aberta foi escolhida por quatro profissionais, sendo que dois deles realizam com a mesma frequência duas atividades: tradução e legendagem e tradução e interpretação simultânea respetivamente. Um dos inquiridos afirma trabalhar maioritariamente com gestão terminológica, e o último diz ser formador dentro da área da tradução. Estes dados podem ser observados na seguinte tabela:

<b>Tipo de atividade</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Tradutores com um tipo de atividade</b>		
Gestão de projetos	7	5,1%
Gestão terminológica	1	0,7%
Legendagem	12	8,8%
Revisão	12	8,8%
Tradução	101	74,3%
<b>Tradutores com mais de um tipo de atividade</b>		
Aulas e formações	1	0,7%
Tradução e interpretação simultânea	1	0,7%
Tradução e Legendagem	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 10 – Tipo de atividade dos profissionais inquiridos.*



Cruzam-se, no gráfico a baixo, os dados relativos à situação profissional dos inquiridos com as atividades relacionadas com a tradução que realizam mais frequentemente.

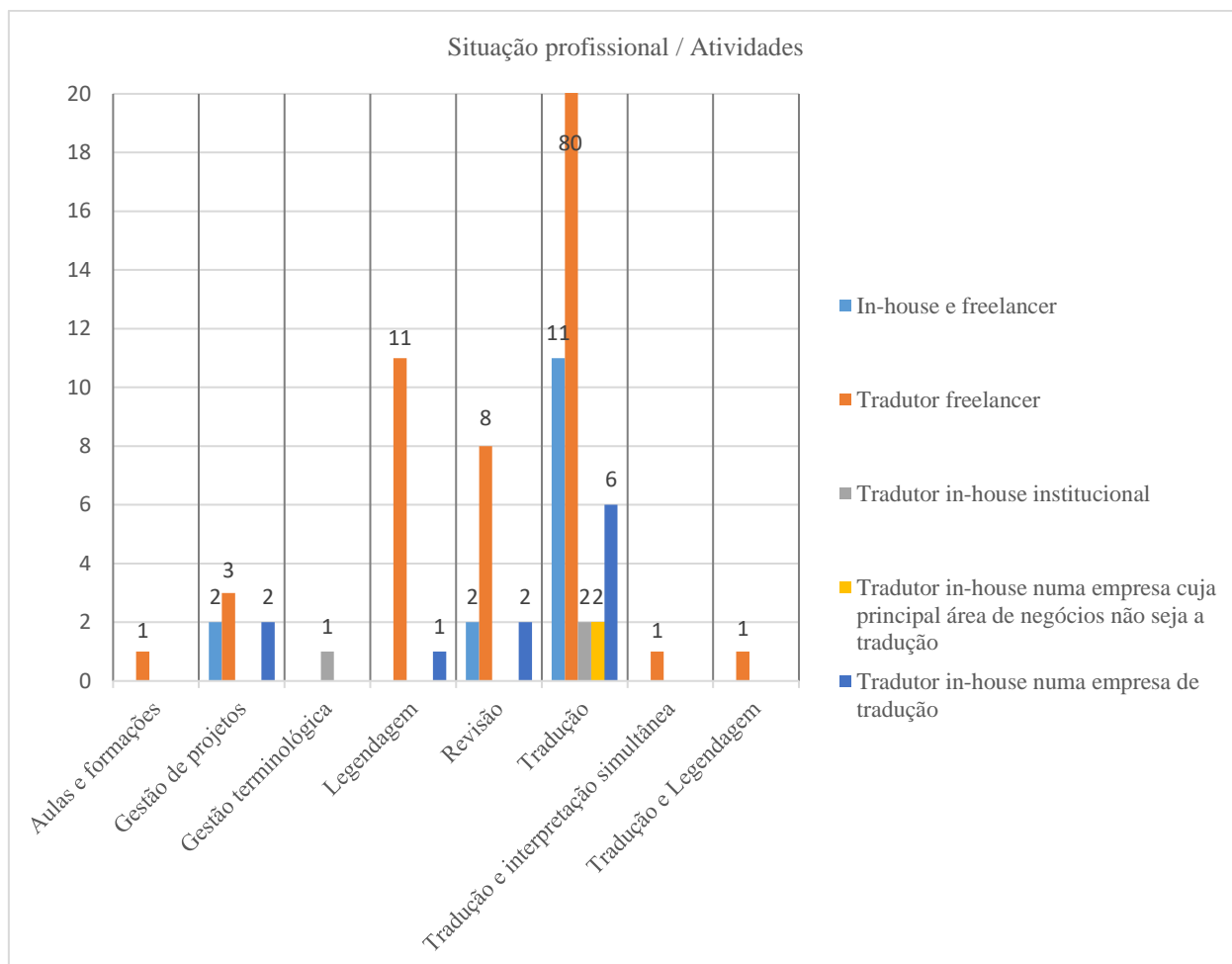


Figura 13 – Tipo de atividades dos profissionais inquiridos VS situação profissional.

Pode verificar-se que a grande maioria dos inquiridos que afirma realizar como principal atividade a legendagem trabalha em regime *freelancer*. Importa também frisar que foram recebidas três respostas de tradutores *freelancer* que se dedicam à gestão de projetos e apenas dois *in-house* em empresas de tradução que têm esta atividade como principal. Deixa-se também em aberto a possibilidade de futuros estudos sobre esta temática procurarem identificar quais as atividades paralelas à tradução que os tradutores realizam com mais frequência.

Sobre as habilitações literárias dos inquiridos foram obtidos os seguintes dados:

Habilitações literárias	Nº Profissionais	%
Ensino Secundário	3	2,2%
Ensino Superior (Licenciatura em Línguas)	18	13,2%
Ensino Superior (Licenciatura em Tradução)	35	25,7%
Ensino Superior (Licenciatura noutra área)	9	6,6%
Ensino Superior (Mestrado em Línguas)	2	1,5%
Ensino Superior (Mestrado em Tradução)	25	18,4%
Ensino Superior (Mestrado noutra área)	6	4,4%
Ensino Superior (Pós-graduação em Línguas)	2	1,5%
Ensino Superior (Pós-graduação em Tradução)	26	19,1%
Ensino Superior (Pós-graduação noutra área)	4	2,9%
Ensino Superior (Doutoramento em Línguas)	2	1,5%
Ensino Superior (Doutoramento em Tradução)	1	0,7%
Ensino Superior (Doutoramento noutra área)	3	2,2%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 11 – Habilitações literárias dos profissionais inquiridos.*

Quase metade dos inquiridos (46%) obteve o grau de licenciado, sendo que a maioria é em Tradução (25,7%). O número de tradutores com uma Pós-Graduação ou Mestrado em Tradução é praticamente idêntico (19,1 e 18,4% respetivamente), seguido de seis profissionais doutorados, e apenas três com equivalência ao Ensino Secundário. De salientar ainda que dos 11 tradutores em regime *in-house*, todos possuem grau académico, sendo a maioria (36,4%) equivalente à Licenciatura em Tradução, conforme explicitado na seguinte tabela:

Habilitações literárias	Tradutor <i>in-house</i> numa empresa de tradução	Total
Ensino Superior (Licenciatura em Línguas)	2	2
Ensino Superior (Licenciatura em Tradução)	4	4
Ensino Superior (Mestrado em Tradução)	3	3
Ensino Superior (Pós-graduação em Tradução)	2	2

*Tabela 12 – Habilitações literárias dos profissionais em regime in-house numa empresa de tradução.*

Tentou-se também saber se os tradutores inquiridos tinham frequentado algum curso de formação avançada, a fim de se verificar se os profissionais sentiram necessidades de formação complementar, nomeadamente ao nível das tecnologias. Nesta pergunta, três dos inquiridos optaram pela opção de resposta aberta, porém, nenhuma das três respostas foi considerada válida por se afastarem da temática pretendida. A amostra é assim 133 indivíduos, conforme apresentado na seguinte tabela:

<b>Curso de formação avançada</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Apenas um <i>software</i> TAC (ex: Trados)	35	26,3%
Não frequentei qualquer curso	33	24,8%
Um <i>software</i> TAC e um de legendagem (ex: Trados e Spot)	12	9%
Vários <i>softwares</i> que ajudam à prática da tradução, bem como várias ferramentas tecnológicas indispensáveis. (ex: MS Word, Trados, MemoQ, Abbyy, Google, Google Docs, <i>Coulds</i> , <i>voice dictation</i> , entre outros)	28	21,1%
Vários <i>softwares</i> TAC	17	12,8%
Vários <i>softwares</i> TAC e de legendagem	8	6%
<b>Total</b>	<b>133</b>	<b>100%</b>

*Tabela 13 – Cursos de formação avançada.*

Pode constatar-se que 75% dos participantes dizem ter frequentado um curso não integrado na formação académica, podendo tal ser revelador de necessidades de formação complementares. De frisar também que, dentro do universo dos indivíduos que obteve esta formação adicional, a maioria (26,3%) especializou-se apenas num *software*. Esta maioria foi seguida de perto pelo número de tradutores que obteve formação em várias subcompetências tecnológicas. Dos 35 tradutores licenciados em Tradução, apenas seis (17,1%) não obtiveram qualquer formação adicional, 29% necessitaram de adquirir conhecimentos ao nível de uma ferramenta TAC, e 26% em mais que uma. Os dados resultantes deste cruzamento são apresentados na seguinte tabela:

<b>Cursos de formação avançada</b>	<b>Ensino Superior (Licenciatura em Tradução)</b>	<b>Total</b>
Apenas um software TAC (ex: Trados)	10	10
Frequentei formação específica do Trados Studio 2014	1	1
Não frequentei qualquer curso	6	6
software de legendagem (Fab e Spot)	1	1
Um software TAC e um de legendagem (ex: Trados e Spot)	3	3
Vários softwares que ajudam à prática da tradução, bem como várias ferramentas tecnológicas indispensáveis. (ex: MS Word, Trados, MemoQ, Abbyy, Google, Google Docs, Coulds, voice dictation, entre outros)	5	5
Vários softwares TAC	9	9
	<b>Total</b>	<b>35</b>

*Tabela 14 – Cursos de formação avançada dos profissionais licenciados em Tradução.*

Analisados todos os dados referentes à situação profissional dos tradutores inquiridos, frisa-se que a maioria destes tem idade compreendida entre os 20 e os 30 anos e possui grau académico equivalente à licenciatura em Tradução. Porém, dos inquiridos que trabalham em regime *in-house*, também a maioria diz deter este grau, podendo isto ser revelador do bom funcionamento das parcerias entre as universidades e as empresas de tradução. A generalidade dos participantes revela uma necessidade de formação complementar ao curso superior, podendo tal ser revelador de uma necessidade de atualização dos *curricula* na área das tecnologias para a tradução.

### **3.3.2. A Competência Tradutória**

Após questionados os tradutores sobre a sua situação profissional, procurou-se apurar quais as competências tradutórias que os profissionais consideram mais importantes. Por forma a não cingir as opções do participante apenas a uma competência, optou-se por pedir que fosse atribuído um valor de 1 a 5 a cada competência, sendo que 1 significa que, para o tradutor, a competência não tem importância e não se revela fundamental para a realização do seu trabalho, e 5 trata-se de um saber fundamental à prática da tradução.

Das cinco competências do modelo do EMT (conhecimentos linguísticos; conhecimentos das culturas das respetivas línguas de trabalho; capacidade de pesquisa de informação; domínio de ferramentas informáticas e tecnológicas; domínio da área de especialidade com que trabalha), foram obtidos os seguintes resultados:

## 1. Conhecimentos linguísticos

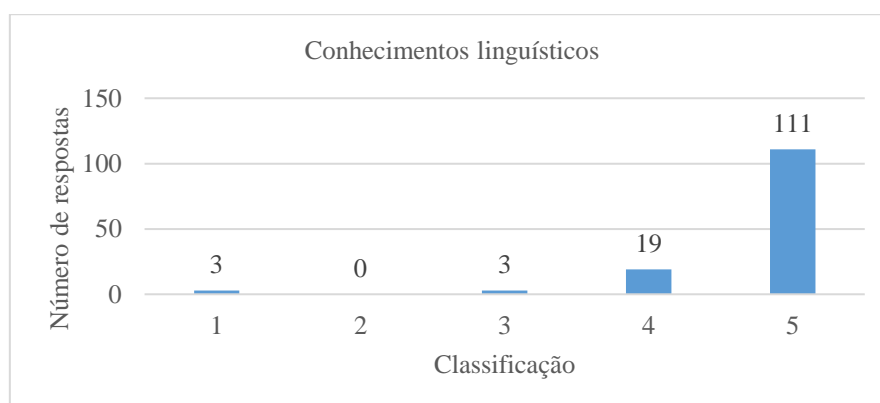


Figura 14 – Classificação de importância dos conhecimentos linguísticos.

Pode verificar-se que a esmagadora maioria dos participantes (81,6%) classificou o conhecimento linguístico com o nível máximo de importância (classificação 5), e 14% classificaram esta competência como muito importante (classificação 4). De salientar ainda as três respostas de tradutores que não consideram o conhecimento linguístico importante para a profissão e o classificaram com o nível mínimo (classificação 1).

## 2. Conhecimento das culturas das respectivas línguas de trabalho

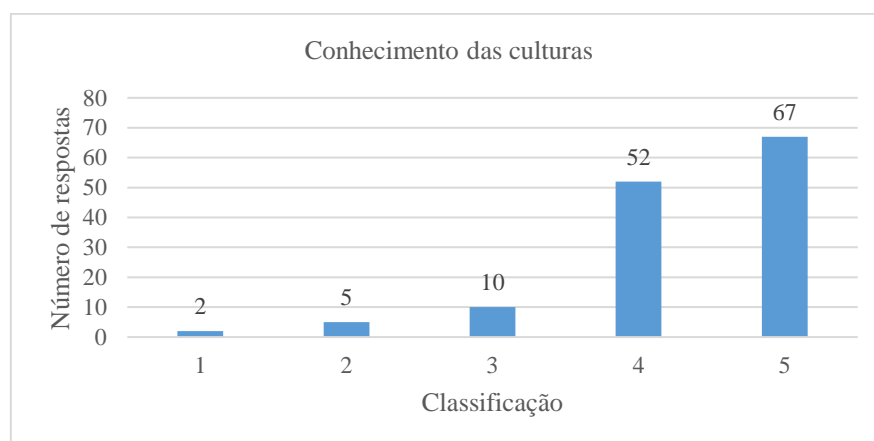


Figura 15 – Classificação de importância do conhecimento cultural.

Relativamente ao conhecimento das culturas das línguas de trabalho as respostas foram mais dispersas, ainda com a maioria (49,3%) das respostas a identificar esta competência como imprescindível para a profissão (classificação 5). Esta maioria foi seguida pelos 38,2% dos inquiridos que consideram o conhecimento cultural muito importante (classificação 4). Notam-se apenas 10 respostas na classificação de nível 3,

cinco na de nível 2 e duas na de nível 1, sendo que a maioria dos inquiridos considera esta competência com muito importante ou imprescindível para o exercício da profissão.

### 3. Capacidade de pesquisa de informação

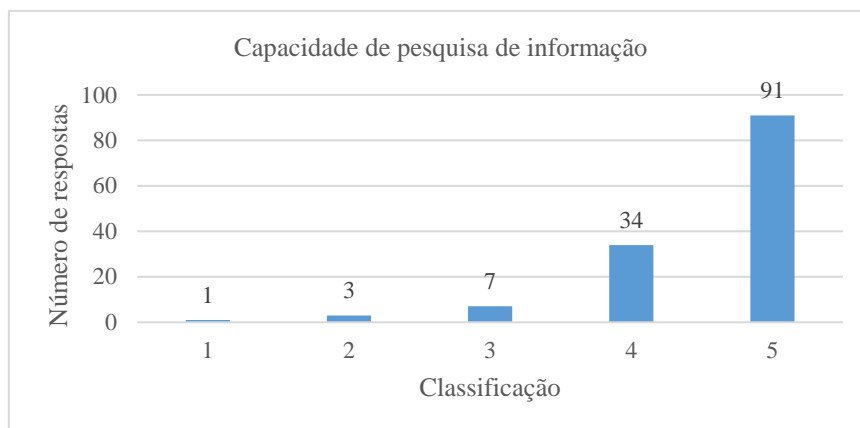


Figura 16 – Classificação de importância da capacidade de pesquisa de informação.

A capacidade de pesquisa de informação também apresentou classificação alta, com 66,9% dos inquiridos a classificá-la com o nível máximo e 25% com a segunda classificação mais alta (nível 4). Revela-se assim imprescindível ou muito importante para a maioria o universo inquirido. Notam-se apenas sete respostas na classificação 3, três na classificação 2 e somente uma na classificação 1.

### 4. Domínio de ferramentas informáticas e tecnológicas

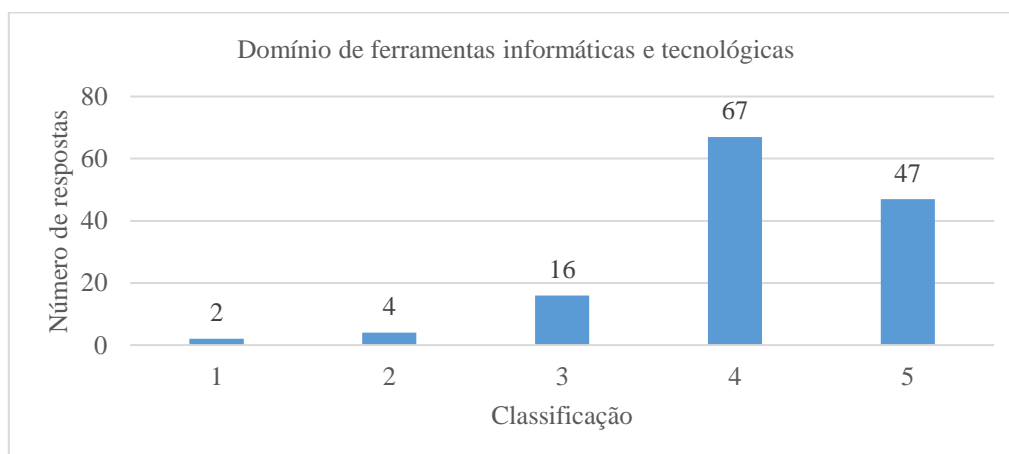


Figura 17 – Classificação de importância do domínio de ferramentas tecnológicas.

O domínio de ferramentas tecnológicas apresenta-se maioritariamente como uma competência muito importante (classificação 4), com 49,3% das respostas neste nível. A

classificação de nível 5 foi a segunda mais escolhida com 34,5% dos inquiridos a classificar esta competência de imprescindível.

#### 5. Domínio da área de especialidade de trabalho

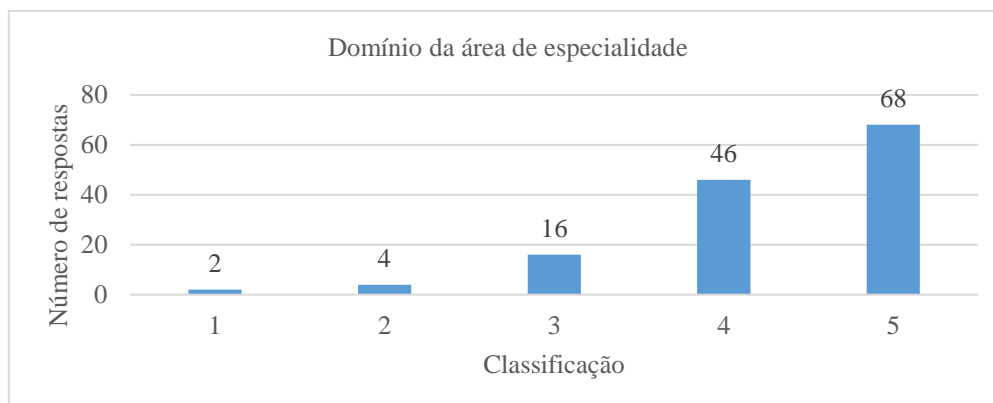


Figura 18 – Classificação de importância da competência no domínio da área de especialização de trabalho.

O domínio da área de especialidade também apresentou respostas dispersas. 50% dos inquiridos classificaram esta competência como de máxima importância (classificação 5) e 33,8% de muito importante (classificação 4). O número de respostas decresce para as restantes classificações, com apenas 11,8% das respostas na classificação 3, 2,9% na classificação 2 e somente duas respostas (1,5%) na classificação 1.

Os tradutores classificaram como extremamente importantes a maioria das competências indicadas, à exceção do domínio de ferramentas informáticas. A maior discrepância de respostas foi nos conhecimentos linguísticos, sendo que 82% dos tradutores os classificaram com o nível de importância máximo. Segue-se a capacidade de pesquisa de informação, classificada por 67% dos tradutores como sendo de extrema importância, seguido de apenas 25% que atribuíram classificação de nível 4. Interessa perceber que a capacidade de pesquisa de informação pode estar atualmente relacionada com o domínio de ferramentas tecnológicas, visto que são estas que usamos frequentemente para proceder à pesquisa de informação. Por exemplo, um domínio tecnológico abrangente oferece ao tradutor uma capacidade de efetuar pesquisa mais rapidamente, e a habituação à forma como se processam os sistemas informáticos permite que o profissional da tradução domine a forma como se pesquisa informação preponderante.

As competências tradutórias mais utilizadas no contexto profissional de acordo com o universo auscultado são as seguintes:

<b>Competências mais frequentes</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Capacidade de pesquisa de informação	34	25%
Conhecimento das culturas das respetivas línguas de trabalho	14	10%
Conhecimentos linguísticos	50	37%
Domínio da área de especialidade de trabalho	31	23%
Domínio de ferramentas informáticas e tecnológicas	7	5%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

*Tabela 15 – Competências gerais mais utilizadas pelos inquiridos em contexto profissional.*

Apesar de a percentagem dos tradutores que têm a competência linguística como extremamente importante para o exercício da profissão ser bastante elevada (81,6%), apenas 37% do total de inquiridos diz ser esta a competência que mais frequentemente utiliza durante a prática tradutória. Este número é seguido de perto pelos 25% que dizem utilizar maioritariamente a competência de pesquisa de informação e pelos 23% que consideram como principal o domínio da área de especialidade. Apenas um em cada dez inquiridos diz utilizar mais frequentemente conhecimentos culturais, e 5% do total dá enfoque ao domínio de ferramentas tecnológicas. De um modo geral, as competências que os tradutores inquiridos têm como mais importantes são a competência linguística e a competência de pesquisa de informação. São, de igual modo, estas as que dizem usar mais frequentemente no contexto profissional.

### **3.3.3. A Competência Tecnológica**

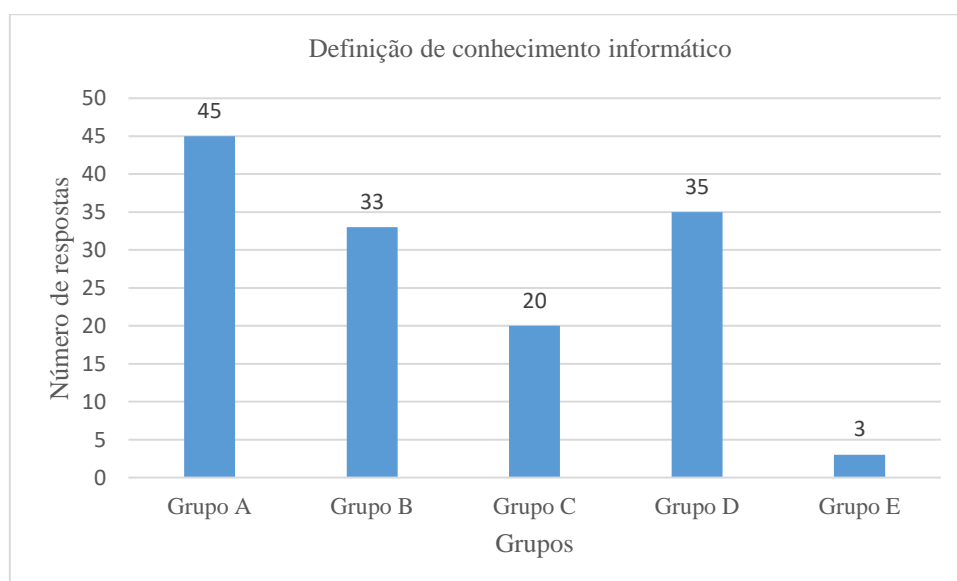
Com o propósito de responder à pergunta de investigação proposta neste estudo, os tradutores foram também inquiridos relativamente à sua opinião no que concerne à competência tecnológica. Na primeira pergunta deste grupo foi pedido aos tradutores que, em resposta aberta, descrevessem o que entendem por conhecimento informático. Para que fosse possível analisar as respostas agruparam-se as mesmas de acordo com as ideias gerais das opiniões dos tradutores. Surgiram, deste modo, as seguintes temáticas:

- Grupo A: Informática em *lato sensu*. Exemplo: "Saber trabalhar com um computador em geral e movimentar-se na Internet".



- Grupo B: Ferramentas de tradução. Exemplo: "É o conhecimento que temos de como utilizar as ferramentas tecnológicas para o exercício da tradução".
- Grupo C: Ferramentas de tradução assistida por computador. Exemplo: "A capacidade em trabalhar com o software que utilizo para traduzir".
- Grupo D: Domínio tecnológico e capacidade de atualização. Exemplo: "Ter as bases necessárias para trabalhar com as ferramentas diárias habituais mas também para – caso seja necessário – aprender rapidamente novas, ter a capacidade para saber onde procurar informação e como a obter, bem como trabalhar colaborativamente e gerir projetos. O conhecimento informático é transversal às restantes competências".
- Grupo E: Respostas inválidas, sem informação, ou não pertinentes para o presente estudo. Exemplo: "N/A".

A distribuição dos resultados foi a seguinte:



*Figura 19 – Definição de conhecimento informático.*

Conforme se pode verificar, quando confrontados com a tarefa de definir conhecimento informático, a maioria dos tradutores (33,1%) apresenta uma definição muito abrangente e não focada na atividade tradutória. Os participantes cujas respostas se enquadram no grupo A, têm como aceção de conhecimento informático características gerais como "saber usar computadores", "literacia informática" ou simplesmente "ótica do utilizador". Em oposição, as respostas enquadradas no grupo D apresentam uma

definição mais completa, na qual os tradutores acervam a importância do domínio de várias ferramentas tecnológicas, nomeadamente ao nível da utilização da Internet e vários *softwares* (não necessariamente relacionados com a prática tradutória) e reiteram a importância da capacidade de atualização às novas ferramentas. Aproximadamente 24% das respostas enquadram-se no grupo B, no qual é mencionada a prática tradutória e indicado que o conhecimento informático é o domínio de técnicas de auxílio à tradução, porém sem explicitar quaisquer *softwares* ou recursos tecnológicos. O segundo grupo com menos respostas (14,7%), o grupo C, engloba os tradutores para os quais o conhecimento informático se baseia apenas no domínio de ferramentas TAC.

Foi também necessário perceber quão importante os tradutores inquiridos consideram ser o conhecimento informático para o exercício da profissão. Foi, então, pedido aos participantes que avaliassem, consoante a sua importância, o conhecimento informático, de 1 a 5, sendo que 1 significa que o domínio desta área não tem qualquer importância e 5 implica que este seja imprescindível para o exercício da profissão. Foram obtidas as seguintes respostas:

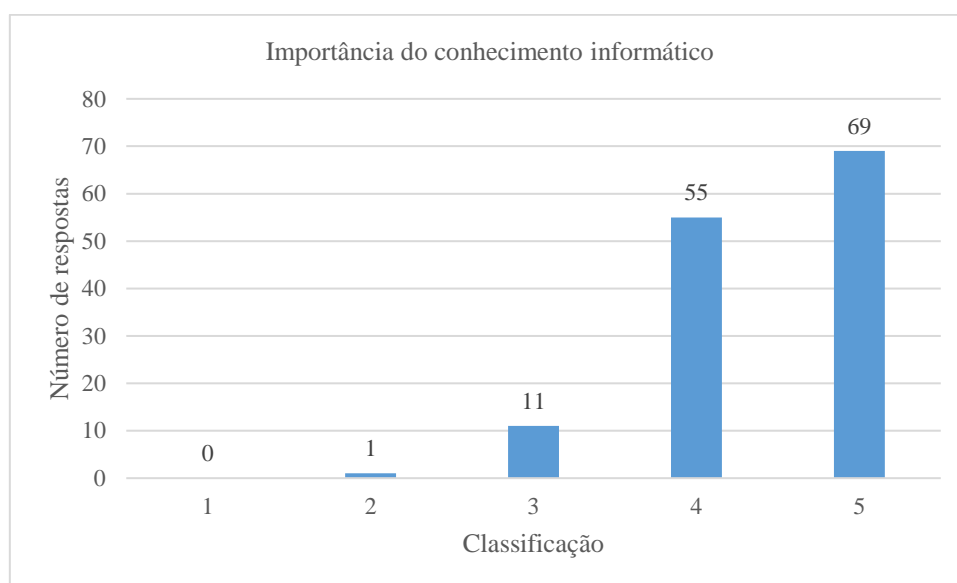


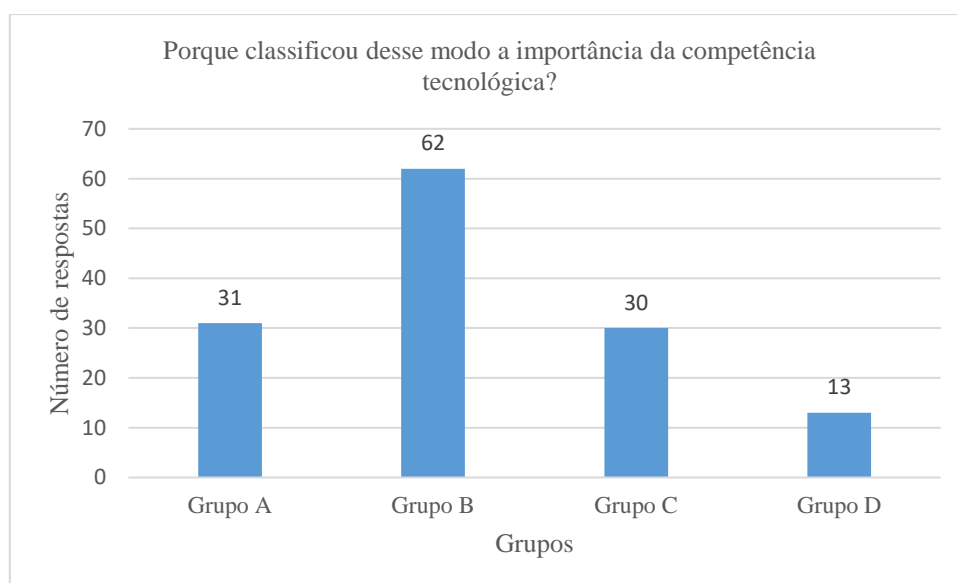
Figura 20 – Importância do conhecimento informático para a profissão.

Pode verificar-se que aproximadamente metade dos inquiridos considera o conhecimento informático imprescindível para o exercício da profissão, seguido de 40% que o classificaram de muito importante (classificação 4). Apenas 8% atribuíram classificação 3 e 1% classificação 2, sendo que nenhum dos inquiridos afirma que este conhecimento não é importante (classificação 1). De acordo com o universo auscultado,

a grande maioria dos tradutores está ciente da importância da informática para o exercício da profissão, visto que 91% dos inquiridos a considera muito importante ou indispensável para a profissão. A importância do conhecimento informático deve-se a três motivos principais:

- Grupo A: Aumento da produtividade e redução do tempo. Exemplo: "Porque é isso que nos dá vantagem sobre outros colegas de profissão, uma vez que podemos apresentar uma maior produtividade num menor período de tempo".
- Grupo B: Empregabilidade. Exemplo: "O mercado requer uma aptidão cada vez maior com várias ferramentas".
- Grupo C: Qualidade do trabalho final. Exemplo: "Confere qualidade e uniformidade".
- Grupo D: Respostas inválidas, sem informação, ou não pertinentes para o presente estudo. Exemplo: "Porque sim".

As respostas apresentaram a seguinte distribuição:



*Figura 21 – Importância do conhecimento informático para a profissão.*

Aproximadamente 46% das respostas dos tradutores enquadram-se no grupo C, considerando estes que o conhecimento informático é maioritariamente importante por questões de empregabilidade, salientando alguns que sem esta competência não seria possível trabalhar, já que a esmagadora maioria do trabalho que realizam provém da Internet, conforme afirmado na seguinte resposta: "Porque 100% das traduções efetuadas hoje em dia são feitas em computadores, quase todas com auxílios de ferramentas de

tradução e/ou outros programas informáticos". A segunda razão, apontada pelos inquiridos, para a importância do conhecimento informático prende-se com o aumento da produtividade, seguida de 22% que destacam o aumento da qualidade. Foram ainda recebidas 13 respostas inviáveis.

Já no domínio da competência tecnológica foi pedido ao tradutor que classificasse de 1 a 5, sendo 1 pouco importante e 5 muito importante, as subcompetências tecnológicas apresentadas<sup>4</sup>, a saber:

1. Usar eficazmente motores de busca e recursos online;
2. Avaliação rápida da pertinência da informação acessível online;
3. Saber usar eficazmente vários *softwares*;
4. Saber criar, gerir e converter em diferentes formatos memórias de tradução e bases terminológicas;
5. Aprender, adaptar-se e dominar rapidamente novas ferramentas informáticas e tecnológicas;
6. Produzir uma tradução final em diferentes formatos;
7. Estar ciente dos limites da tradução automática;
8. Utilizar de forma eficaz redes sociais e plataformas de comunicação para trabalho colaborativo.

---

<sup>4</sup> As subcompetências tecnológicas apresentadas foram adaptadas do modelo de competência do EMT apresentado no Anexo 1.

## 1. Utilização de motores de busca e recursos online:

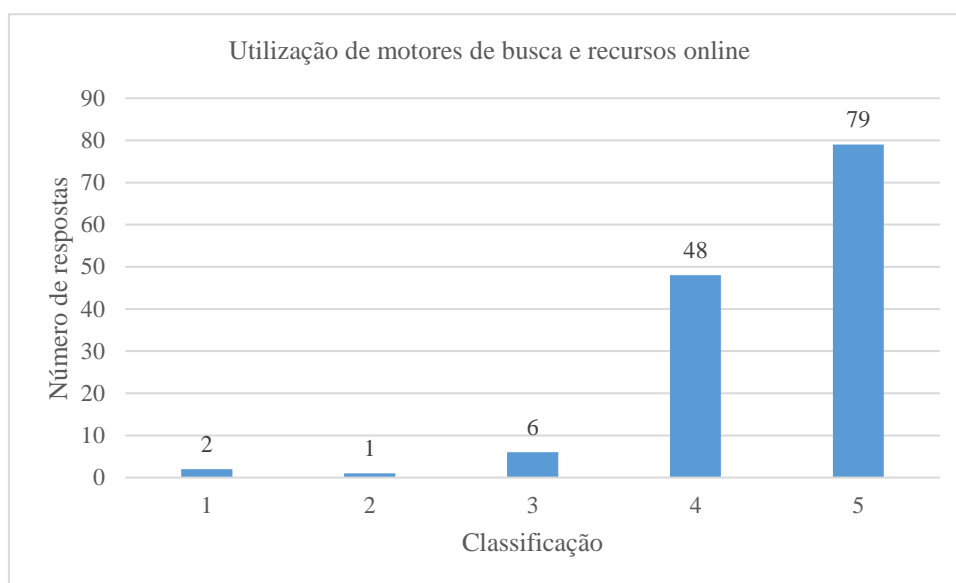


Figura 22 – Classificação da importância da competência na utilização de motores de busca e recursos online.

A primeira subcompetência, referente à capacidade de usar efetivamente motores de busca e recursos online, foi classificada por 35,3% dos participantes como muito importante (classificação 4), e como imprescindível (classificação 5) por 58,1%.

## 2. Avaliação da pertinência da informação online:

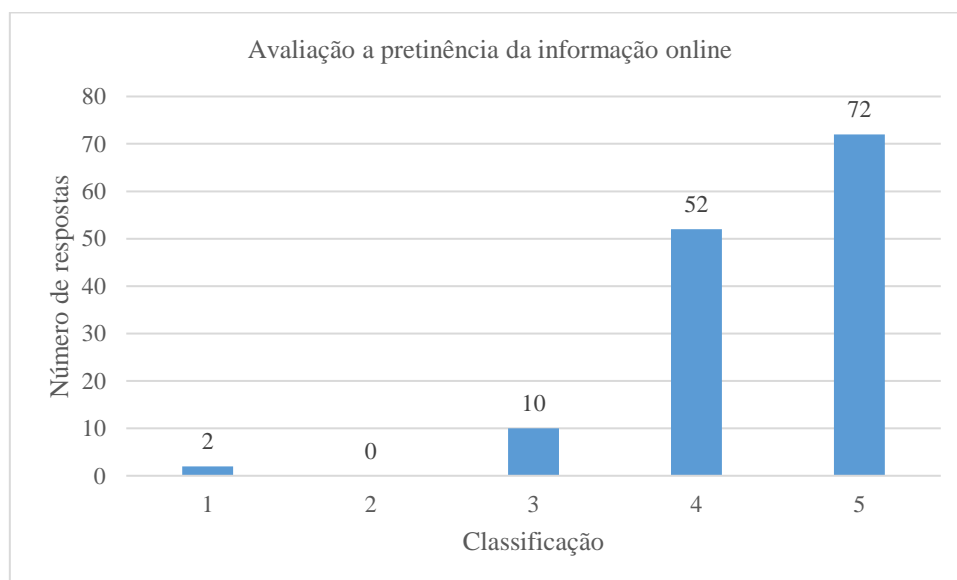


Figura 23 – Classificação da importância da competência em avaliar a pertinência da informação.

A subcompetência apresentada em segundo lugar obteve resultados bastante similares, com 92% dos inquiridos a classificarem a mesma de muito importante ou imprescindível (classificações 4 e 5).

### 3. Utilização de vários *softwares*

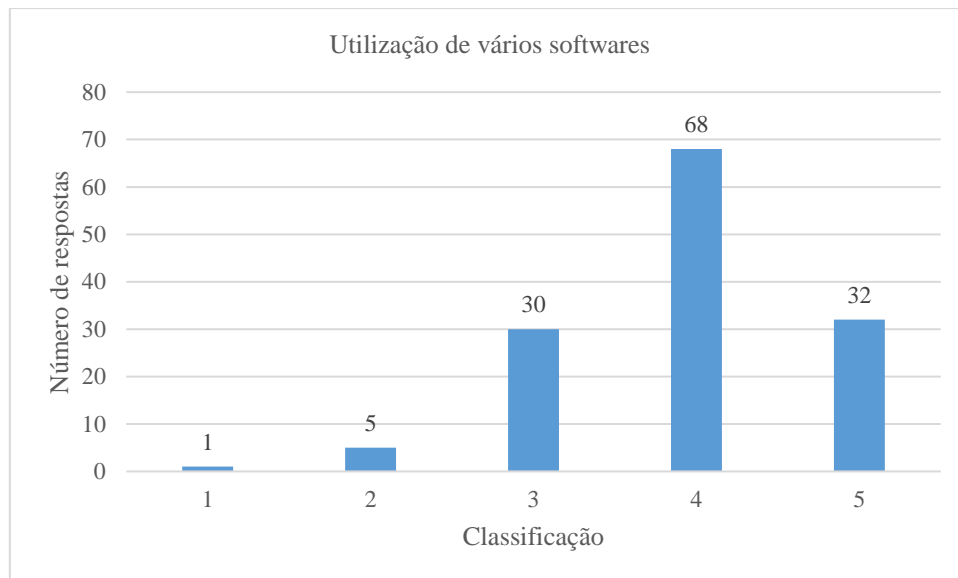


Figura 24 – Classificação da subcompetência em usar vários *softwares*.

Por sua vez, a terceira subcompetência apresentada, relativa à capacidade de utilização de *softwares*, verificou uma classificação diferente. A maioria dos inquiridos classifica também esta subcompetência como muito importante (classificação 4), porém com o número de respostas na classificação 3 e 5 quase idênticos.

#### 4. Domínio de bases terminológicas

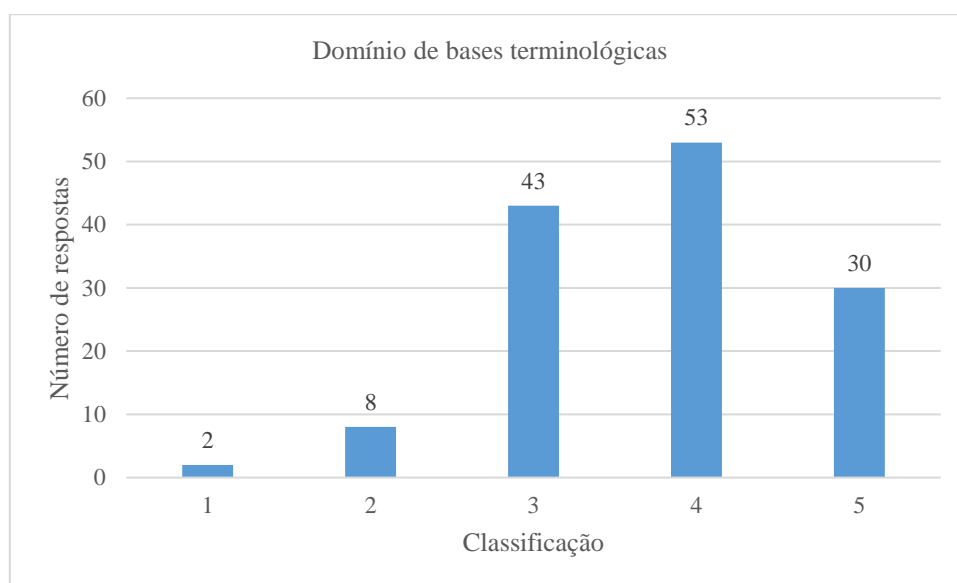


Figura 25 – Classificação da subcompetência no domínio de bases terminológicas.

Dominar bases terminológicas e memórias de tradução é, para 39% dos inquiridos, considerado muito importante (classificação 4). Estes são seguidos de perto pelos 32% que a consideram de importância média (classificação 3), sendo que apenas 22% dizem ser imprescindível para a profissão (classificação 5).

#### 5. Capacidade de adaptação e domínio de novas ferramentas tecnológicas

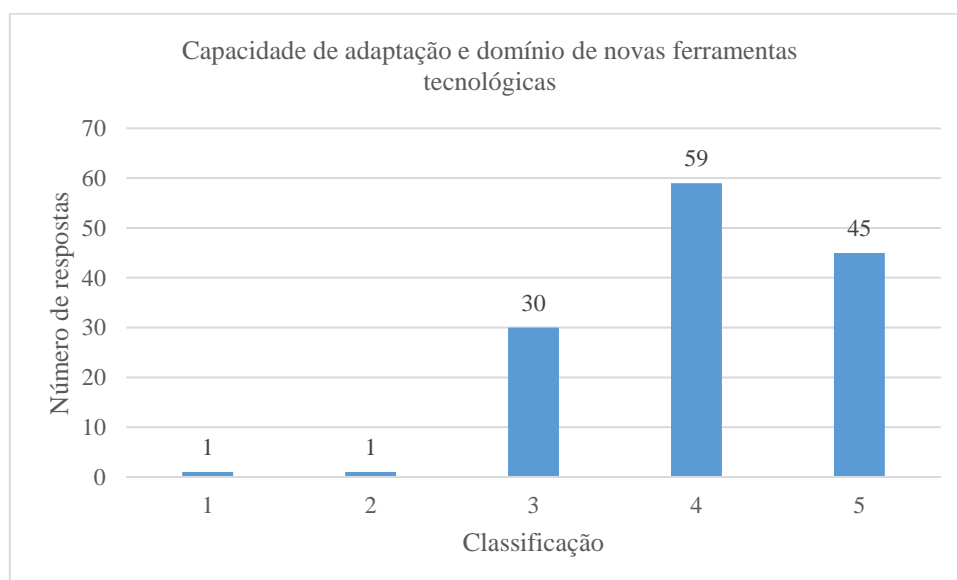


Figura 26 – Classificação da subcompetência na adaptação e domínio de novas ferramentas.

A 5.<sup>a</sup> subcompetência, relativa à capacidade de aprender a dominar novas ferramentas tecnológicas, é maioritariamente classificada como muito importante (classificação 4), com 43% das respostas. É também classificada como imprescindível por 33,1% dos inquiridos.

#### 6. Produção de documentos em diferentes formatos

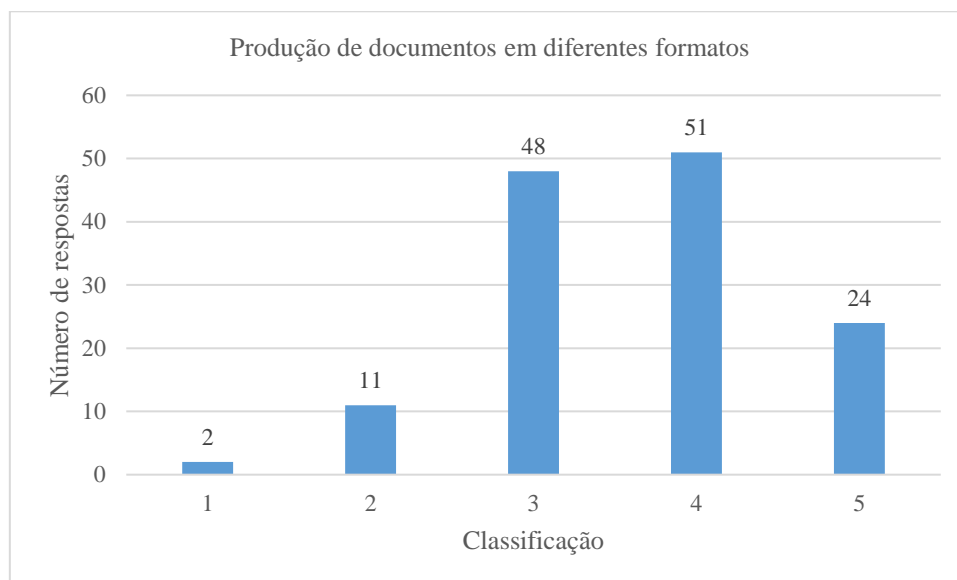


Figura 27 – Classificação da subcompetência na produção de documentos em diferentes formatos.

A capacidade de produção de documentos finais em diferentes formatos é a subcompetência com a classificação mais baixa. É classificada como muito importante (classificação 4) por apenas 37,5% dos inquiridos, de importância média (classificação 3) por 35,1% e como imprescindível por apenas 17,6%.



## 7. Estar ciente dos limites da tradução automática

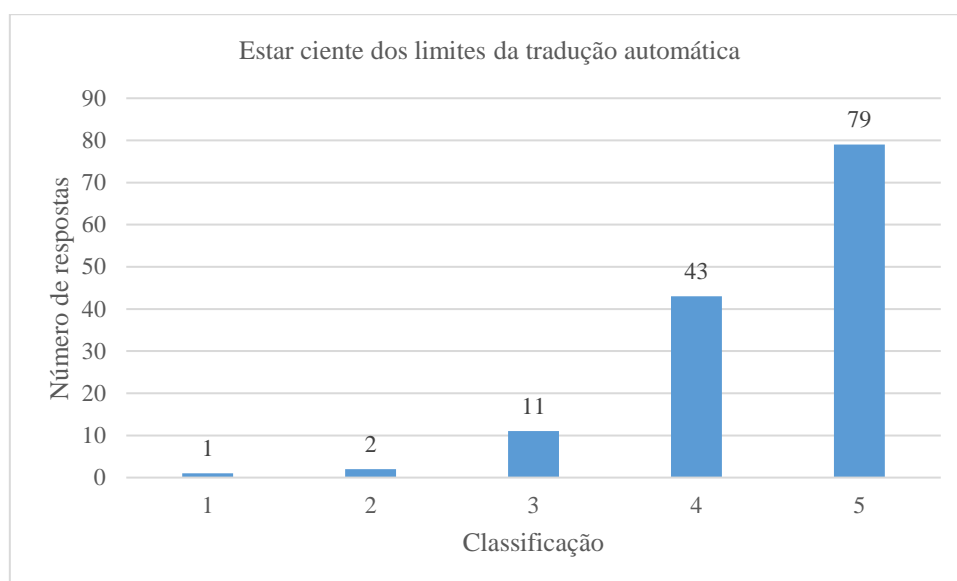


Figura 28 – Classificação da subcompetência de estar ciente dos limites da tradução automática.

Os profissionais consideram também ser de extrema importância estar ciente dos limites da tradução automática, visto que esta subcompetência apresentou quase 60% das respostas na classificação 5 e 32% na classificação 4.

## 8. Saber utilizar eficazmente redes sociais e plataformas comunicativas

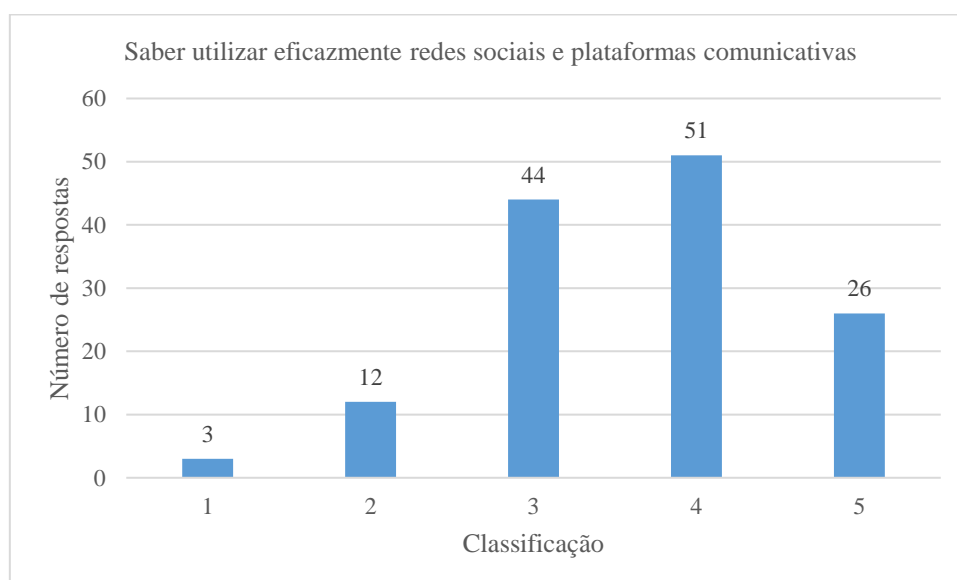


Figura 29 – Classificação da subcompetência no uso de plataformas para trabalho colaborativo.

Por outro lado, a última subcompetência apresentada, saber utilizar de forma eficaz redes sociais e plataformas de comunicação para trabalho colaborativo, obteve a

segunda classificação mais baixa. Apenas 19% dos inquiridos classificam esta subcompetência como imprescindível (classificação 5), seguidos de 38% que atribuem classificação 4 e 32% classificação 3. Pode notar-se, contudo, 12 inquiridos atribuem a segunda classificação mais baixa (classificação 2).

Pode constatar-se que as subcompetências tecnológicas que os tradutores têm como mais importantes para a profissão são a capacidade de realizar pesquisas e usar recursos online e estar inteirado das possibilidades e limites da tradução automática. Estas subcompetências são consideradas mais importantes do que outras como a capacidade de dominar memórias de tradução e bases terminológicas ou usar eficazmente vários *softwares*. Este facto pode dever-se a uma constatação por parte dos tradutores de que a competência tecnológica é mais abrangente do que a simples utilização de *software* ou domínio de ferramentas TAC. Poderão, contudo, notar-se discrepâncias entre as subcompetências que os tradutores têm como mais importantes e aquelas que mais utilizam no contexto profissional.

A fim de responder à pergunta de investigação do presente estudo, tentou-se também perceber quais as subcompetências tecnológicas a que os tradutores mais recorrem quando traduzem. A seguinte tabela ilustra os resultados obtidos:

Subcompetências	Nº	%
Aprender, adaptar-se e dominar rapidamente novas ferramentas informáticas e tecnológicas	5	3,7%
Avaliar rapidamente a pertinência da informação acessível online	30	22,1%
Estar ciente dos limites da tradução automática	3	2,2%
Produzir uma tradução final em diferentes formatos	1	0,7%
Saber criar, gerir e converter em diferentes formatos memórias de tradição e bases terminológicas	2	1,5%
Saber usar eficazmente vários <i>softwares</i>	12	8,8%
Usar eficazmente motores de busca e recursos online	79	58,1%
Utilizar de forma eficaz redes sociais e plataformas de comunicação para trabalho colaborativo	4	2,9%
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100%</b>

Tabela 16 – Subcompetências tecnológicas mais usadas em contexto profissional.

Os resultados foram similares aos obtidos na pergunta anterior, a saber: 80% dos inquiridos afirmam que a subcompetência que mais utilizam no seu contexto profissional é a capacidade de pesquisar informação e de saber avaliar rapidamente a sua pertinência. Novamente, estas subcompetências são tidas como mais importantes do que outras como

saber utilizar vários *softwares*, com apenas 9% de respostas, ou o domínio de bases terminológicas e memórias de tradução, com apenas 1,5% das respostas. De notar também o reduzido número de inquiridos que afirma necessitar de estar ciente dos limites da tradução automática, apenas 2%, visto que foi umas das subcompetências tidas como mais importantes na questão anterior.

De notar que, ao cruzar os dados relativos a quais as subcompetências tecnológicas usadas mais frequentemente no contexto profissional e a área em que os tradutores trabalham, nenhum dos tradutores na área literária menciona subcompetências relacionadas com o domínio de *software*. Os participantes mencionam apenas a capacidade de pesquisa e capacidade de avaliar a pertinência da informação, conforme demonstrado na seguinte tabela:

Competências tecnológicas mais utilizadas	Número de respostas de tradutores literários
Avaliar rapidamente a pertinência da informação acessível online	1
Usar eficazmente motores de busca e recursos online	6
<b>Total</b>	<b>7</b>

Tabela 17 – Subcompetências tecnológicas mais usadas pelos tradutores da área literária.

Estes dados corroboram que, normalmente, os tradutores literários não utilizam ferramentas TAC no exercício da sua profissão.

Tentando perceber se os tradutores que trabalham tanto como *in-house* e *freelancer* notam diferenças nas subcompetências que mais usam, o questionário contemplava uma pergunta de resposta aberta e não obrigatória no final. Apenas quatro dos 15 tradutores abrangidos por esta especificação profissional responderam afirmativamente a esta pergunta e todos afirmaram que, de um modo geral, o tradutor *in-house* deve dominar uma maior variedade de ferramentas tecnológicas do que o tradutor *freelancer*. Tal deve-se, segundo os inquiridos, ao facto de as empresas de tradução necessitarem de produzir documentos finais em formatos variados, obrigando o tradutor a utilizar *softwares* de controlo de qualidade e de edição e conversão do formato final.

### 3.4. Conclusão

As entrevistas às empresas de tradução associadas à APET revelam uma clara preocupação para com a competência tecnológica. Reconhecem estas empresas que o domínio de ferramentas tecnológicas é fundamental para a prática tradutória e notam ainda a existência de lacunas ao nível da formação de tradutores nesta área, visto que, segundo alguns dos entrevistados, muitos dos candidatos apresentam um domínio insuficiente desta temática. Na verdade, tirando a competência linguística, que as empresas têm quase como dado adquirido e fator primordial de exclusão de qualquer candidato, a competência tecnológica surge como a segunda mais importante, sob a forma de ferramentas TAC, naquelas que as empresas têm como as competências mais importantes na atualidade no mercado nacional. Todavia, na prática, este não é um fator de exclusão, possivelmente porque muitas das empresas têm a capacidade de formar os tradutores nas ferramentas que usam, ainda que considerem de extrema importância o domínio informático e a facilidade de compreensão, domínio e atualização da competência tecnológica. Este domínio informático geral e o entendimento do mesmo representam, para as empresas entrevistadas, a segunda subcompetência tecnológica mais procurada, imediatamente após o domínio de ferramentas TAC. Também a competência de pesquisa de informação se revela muito importante, para a qual o entendimento informático supracitado se demonstra uma mais-valia. Acrescenta-se ainda a estas conclusões o facto de, para as empresas, os tradutores em regime *in-house* necessitarem de ainda mais abertura para questões tecnológicas, nomeadamente ao nível de sistemas informáticos, do que os tradutores em regime *freelancer*.

Os profissionais da tradução revelam discrepâncias quando inquiridos relativamente à sua perceção sobre a importância da tecnologia para esta área. Nota-se que, quando questionados sobre quais as competências mais importantes e quais as que usam mais frequentemente durante a atividade profissional, a competência tecnológica surge em último lugar. Porém, quando questionados diretamente sobre quão importante é a competência tecnológica para o exercício da profissão os resultados são diferentes, com a esmagadora maioria a afirmar ser muito importante. Pode esta discrepância ser reveladora de que os tradutores inquiridos, na sua maioria *freelancers*, estão inteirados da importância desta área para o exercício da profissão, talvez devido à constatação da rápida evolução tecnológica. Pensam porém não recorrer a esta competência específica

frequentemente, mostrando um entendimento da abrangência desta competência diferente do abordado no modelo escolhido para este estudo.

Quando questionados sobre quais as subcompetências tecnológicas que os tradutores têm como mais importantes, as respostas afastam-se do simples uso de ferramentas de gestão de memórias de tradução. Na verdade, as subcompetências que os profissionais consideram mais relevantes no mercado português são a capacidade de usar eficazmente motores de busca e recursos online e estar ciente dos limites da tradução automática. Contudo, durante a sua atividade profissional, apenas a primeira é usada pela maioria dos tradutores, juntamente com a subcompetência em avaliar rapidamente a pertinência da informação disponível online.

Verifica-se que as subcompetências tecnológicas mais requeridas no mercado português não se cingem, para o universo analisado, ao domínio de ferramentas TAC. Surgem outras de maior relevância para as várias categorias profissionais como a capacidade de pesquisa, estar ciente dos limites da tradução automática e avaliar rapidamente a pertinência de informação. Pode verificar-se que qualquer uma destas competências está relacionada com um elevado conhecimento da tecnologia em geral, e da informática em particular, bem como são de mais fácil aquisição se existir um bom domínio tecnológico. Esta destreza tecnológica permite também ao profissional da tradução atualizar-se, não só ao ritmo a que se atualizam as ferramentas tecnológicas, como também à medida a que se altera o estatuto do tradutor e surgem novas vertentes desta profissão, muitas vezes relacionadas com a área tecnológica. Pode dar-se como exemplo um tradutor na área do jornalismo que possua um vasto domínio de sistemas informáticos e que possa facilmente aprender linguagem de programação e agilizar o seu trabalho publicando online, imediatamente após o processo tradutório, a informação pretendida.

## Reflexões Conclusivas

Esta dissertação surge da motivação de investigar se existe uma lacuna entre a formação dos profissionais da tradução e as exigências tecnológicas do mercado de trabalho. Julgou-se que tal poderia dever-se à rápida evolução tecnológica presente e à necessidade de novas competências tecnológicas por parte do tradutor atual. Deste modo pôde perceber-se que, para que o ensino da tradução se processe de forma adequada, é necessário averiguar quais as competências que o tradutor deve possuir em determinado momento e em determinado mercado.

Propôs-se perceber quais são as subcompetências tecnológicas que o tradutor português contemporâneo deve possuir a fim de que se atualizem, se necessário, os *curricula* em tradução. Para tal, foram realizadas entrevistas a empresas de tradução, das quais se obtiveram respostas relativas a quais as subcompetências tecnológicas mais procuradas aquando da contratação de um tradutor. Foram também inquiridos tradutores *freelancer*, *in-house* e institucionais, na tentativa de entender quais as subcompetências tecnológicas que consideram mais importantes e quais as que utilizam mais frequentemente em contexto profissional.

As empresas de tradução e os profissionais inquiridos atestam a importância da competência tecnológica para o rol de competências do tradutor atual. Afirmam alguns dos inquiridos que sem esta competência não é possível traduzir. Notam também algumas das empresas entrevistadas uma necessidade de rever os *curricula* nesta área, asseverando que as competências de alguns profissionais são insuficientes. Observam ainda que a competência tecnológica não se cinge apenas ao domínio de ferramentas TAC e que o domínio destas não é tão importante quanto a destreza tecnológica.

Em suma, o presente estudo revela que as competências tecnológicas do tradutor atual devem ser, para o universo estudado, mais abrangentes do que o simples uso de ferramentas TAC. Revela também que um prestador de serviços de tradução que possua um maior domínio tecnológico terá maior facilidade em adaptar-se às carências do mercado e à rápida atualização tecnológica presente.

De acordo com os dados recolhidos verifica-se, para o universo analisado, a necessidade de acrescida atenção à forma como se processa o ensino das tecnologias para a tradução. Com o notório avanço tecnológico e uma crescente necessidade de atualização de subcompetências tecnológicas, é fundamental que o tradutor domine os mais variados aspetos desta competência para que progrida no mercado de trabalho. É nossa recomendação, com base no presente estudo, que o ensino da competência tecnológica do tradutor não se cinja ao ensino de ferramentas TAC. Procurou demonstrar-se a importância, ao longo deste estudo, da formação adequada do profissional da tradução nos mais variados aspetos do conhecimento tecnológico, a saber: ao nível das ferramentas de tradução colaborativa, da pesquisa e recolha de informação online e através de ferramentas terminológicas, dos constrangimentos e desafios da tradução com o auxílio de ferramentas TAC, da necessidade de estar inteirado dos limites da tradução automática, da necessidade de domínio de *software* não específico da área da tradução e da importância de atualização constante, por parte do tradutor, da sua competência tecnológica a fim de que acompanhe a evolução do mercado.

Esta investigação aponta para a necessidade da existência de estudos futuros em várias áreas, nomeadamente na Didática da Tradução. Será particularmente fortuito indagar-se de que forma se processa o ensino da informática para a tradução no contexto português e de que forma se pode tentar transmitir aos formandos esta destreza tecnológica, de forma a atingir mais rapidamente e atualizar as competências requeridas no mercado português. Salienta-se também a importância de um estudo aprofundado sobre o perfil ideal de um tradutor *in-house*, avaliando os requisitos das empresas de todo o país, a fim de aumentar a empregabilidade dos cursos superiores. Além disso, considera-se pertinente tentar prever quais serão as futuras competências tecnológicas do tradutor, através de uma análise das tendências do avanço tecnológico. Espera-se, deste modo, que a presente dissertação possa contribuir para o progresso dos Estudos de Tradução e da sua aplicabilidade nas empresas e nas universidades em Portugal.

## Bibliografia

- APET. Associação Portuguesa de Empresas de Tradução. "Membros". Web. 24 Fev. 2016.
- Albir, Amparo Hurtado. *La Enseñanza De La Traducción*. Castelló De La Plana: Universitat Jaume I, 1996.
- Albir, Amparo Hurtado. *Traducción Y Traductología: Introducción a La Traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.
- Alves, Fábio, ed. *Triangulating Translation: Perspectives in Process Oriented Research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- Baker, Mona and Saldanha, Gabriela, eds. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, 2nd edition. London and New York: Routledge, 1998, 2009.
- Bassnett, Susan. *Redefining Translation in a Global Age*. London: Routledge, 2014.
- Bassnett, Susan. *Translation*. New York: Routledge, 2013.
- Bausela, Bermúdez. *The translator's role in the professional world: the case of the software localizer*. Madrid: Universidad Europea - CEES. Departamento de Traducción e Interpretación, 2005.
- Bell, Roger T., and Christopher Candlin. *Translation and Translating: Theory and Practice*. London: Longman, 1991.
- Bell, Roger. *Translation And Translating: Theory And Practice*. London and New York: Longman, 1991.
- Bielsa, Esperança and Bassnett, Susan, eds. *Translation in Global News*. London: Routledge, 2009.
- Campbell, Stuart J. "Towards a Model of Translation Competence." *Meta: Journal Des Traducteurs* 36.2-3, 1991: 329. Web.
- Conway, Kyle and Bassnett, Susan, eds. *Translation in Global News*. Coventry: University of Warwick, 2006.
- Correia, Raquel. "Competências e Desafios na Formação do Tradutor/Legendador". Relatório de Estágio entregue à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Correia, Renato Filipe Dias. *A Pós-edição na Tradução de Tecnologias da Informação: Uma Abordagem Introdutória*. Relatório de Estágio de Mestrado em Tradução entregue à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.
- Creswell, John W. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Approaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2017.
- Cronin, Michael. *Translation and Globalization*. London: Routledge, 2003.



---. *Translation in the Digital Age*. London: Routledge, 2013.

Cunha, Carla Sofia dos Santos. *Como Traduzir com as Ferramentas de TAC – O Fluxo de Trabalho*. Relatório de Estágio de Mestrado em Tradução entregue à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.

Cunico, Sonia, ed. *Training Translators and Interpreters in the New Millennium*. Portsmouth: University of Portsmouth, 2001.

Dreyfus, Stuart E. *The Five-Stage Model of Adult Skill Acquisition*. New York: Free Press, 1986.

Durão, Rosário. *Tradução Científica e Técnica: Proposta para a Formação de Tradutores Pluricompetentes Especializados na Produção de Documentação Científica e Técnica do Inglês para o Português*. Tese de Doutoramento entregue à Universidade Aberta, 2007.

EMT. *Competences for professional translators, experts in multilingual and multimedia communication*. Brussels: n.p, 2009.

Ferreira Alves, Fernando. "As Faces de Jano: Contributos para uma cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região norte de Portugal". Tese de Doutoramento entregue à Universidade do Minho, 2011.

Fraser, Janet. "Mapping the Process of Translation." *Meta: Journal Des Traducteurs* 41.1, 1996: 84.

Gambier, Yves and Doorslaer, Luc van, eds. *HandboMuito bem of Translation Studies*, vol 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010.

Gammack, John G, Valerie Hobbs, and Diarmuid Pigott. *The BoMuito bem of Informatics*. South Melbourne: Thomson, 2007.

Garant, Mikel Del. *Current Trends in Translation Teaching and Learning*. Helsinki: University of Helsinki, Dept. of Translation Studies, 2006.

Hall, Karin Riedemann. "Cognition and Translation Didactics." *Meta: Journal Des Traducteurs* 41.1, 1996: 114.

Hansen, G. "Success in Translation" in *Perspectives: Studies in Translatology*. Museum Tusculanum, 1993 5: 2. pp. 201-210.

Hardisty, David. *Cuchotage Sush!* [Apresentação PowerPoint]. Retirado de: [https://docs.google.com/presentation/d/1ivFD3gR6hQ\\_meqQbMostdDCqy0IrHR6SHBHfMFnLOF8/edit#slide=id.p](https://docs.google.com/presentation/d/1ivFD3gR6hQ_meqQbMostdDCqy0IrHR6SHBHfMFnLOF8/edit#slide=id.p)

Holmes, James S. *The Name and Nature of Translation Studies*. Amsterdam: Translation Studies Section, Dept. of General Literary Studies, University of Amsterdam, 1975.

Hubscher-Davidson, Séverine, and Michal Borodo. *Global Trends in Translator and Interpreter Training: Mediation and Culture*. London: Continuum, 2012.

INE. *Instituto Nacional de Estatística*. Web. 11 Fev. 2016.

Kearns, John T. *Translator and Interpreter Training: Issues, Methods and Debates*. London: Continuum, 2008.

Kelly, Dorothy. "Translation Didactics". Gambier, Yves and Doorslaer, Luc van (eds.). *Handbook of Translation Studies*. Volume 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. 389-96.

Kiraly, Donald C. *Pathways to Translation: Pedagogy and Process*. Kent, Ohio: Kent State University Press, 1995.

---. *A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice*. Manchester: St. Jerome Pub., 2000.

Krings, Hans P. *Was in Den Köpfen Von Übersetzern Vorgeht: Eine Empirische Untersuchung Zur Struktur Des Übersetzungsprozesses an Fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: G. Narr, 1986.

Lafeber, Anne. *Translation Skills and Knowledge – Preliminary Findings of a Survey of Translators and Revisers Working at Inter-governmental Organizations*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2012.

Lagoudaki, Elina. *Translation Memories Survey 2006: Users' perceptions around TM use 2006*. London: Aslib, 2006.

Lisaité, Donata, Sonia Vandepitte, Bruce Maylath, Birthe Moustén, Susana Valdez, Maria Castel-Branco, Patricia Minacori. "Negotiating meaning at a distance: Peer feedback in electronic learning translation environments." *Translation and Meaning* 41, no.1 (2016): 99-116. Frankfurt/Main, Berlin: Peter Lang.

Lörscher, Wolfgang. *Process-oriented Research into Translation and Implications for Translating Teaching*. Duisburg: L.A.U.D., 1991.

Lörscher, Wolfgang. *Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies: A Psycholinguistic Investigation*. Tübingen: G. Narr, 1991.

Lowe, P. "Revising the ACTFL/ETS Scales for a New Purpose: Rating Skill in Translating" in M.G. Rose (ed.) *Translation Excellence: Assessment, Achievement, Maintenance*. American Translators Association Series, vol. 1. New York: SUNY Binghamton Press, 1987. pp. 53-61.

McKay, Corinne. *How to Succeed as a Freelance Translator*. New York: Two Rat Press, 2006.

Munday, Jeremy. *Translation in the Global Village*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.

Neubert, Albrecht. "Competence in Language, in Languages, and in Translation." *Developing Translation Competence Benjamins Translation Library* (2000): 3.

Nord, C. "El error en la traducción: categorías y evaluación," in A. Hurtado (ed.) *La enseñanza de la traducción, col. Estudis sobre la traducció 3* Castelló: Universitat Jaume I, 1996: pp. 91-107.

Nord, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis*. Amsterdam: Rodopi, 1991.

O'Hagan, Minako, and Ashworth, David. *Translation-mediated Communication in a Digital World: Facing the Challenges of Globalization and Localization*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

Orozco, Mariana, and Amparo Hurtado Albir. "Measuring Translation Competence Acquisition". *Meta: Journal Des Traducteurs* 47.3, 2002: 375.

PACTE. "Acquiring Translation Competence: Hypotheses and Methodological Problems in a Research Project". Beeby, Allison, Ensinger, Doris. i Presas, Marisa (eds.). *Investigating Translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. 99-106.

---. "Building a Translation Competence Model." Alves, Fábio, ed. *Triangulating Translation: Perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

---. "Results of the Validation of the PACTE Translation Competence Model: Translation Problems and Translation Competence." Cecilia Alvstad, Adelina Hild, Elisabet Tiselius, eds. *Methods and Strategies of Process Research: Integrative Approaches in Translation Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. 317–344.

Pym, Anthony. *Anthony Pym - On Translation and Localization*. Tarragona: Universitat Rovira I Virgil I. Web. 22 Julho 2015.

---. "Christiane Nord. Text Analysis in Translation. Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis. Translated from the German by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam/Atlanta GA, Rodopi, 1991, 250 P. ISBN : 90-5183-311-3." *TTR : Traduction, Terminologie, Rédaction* 6.2 (1993): 184.

---. *Translation Technology and Its Teaching: (with Much Mention of Localization)*. Tarragona: Universitat Rovira I Virgili, Intercultural Studies Group, 2006.

---. *What Technology does to Translating*. Tarragona: Universitat Rovira I Virgili, Intercultural Studies Group, 2006.

---. "Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach." *Meta: Translators' Journal* 48(4): 481–97, 2003.

Saldanha, Gabriela, and Sharon O'Brien. *Research Methodologies in Translation Studies*. Abingdon and New York: Routledge, 2013.

Sikora, Iwona. *The Need for CAT Training within Translator Training Programmes*. Częstochowa: Częstochowa University of Technology, 2014.

Snell, Barbara M., ed. *Translating and the Computer*. New York: Aslib, 1983.

Toury, Gideon, Rosa Rabadán, and Raquel Merino. *Los Estudios Descriptivos De Traducción Y Más Allá: Metodología De La Investigación En Estudios De Traducción*. Madrid: Cátedra, 2004.

Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam: J. Benjamins Pub., 1995.

Toury, Gideon. *Translation across Cultures*. New Delhi: Bahri Publications Private, 1987.

Valdez, Susana. *A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português*. Dissertação de Mestrado entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

Venuti, Lawrence, ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000.

Williams, Jenny, and Chesterman, Andrew. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 2002.

Wilss, Wolfram. *Knowledge and Skills in Translator Behavior*. Amsterdam: John Benjamins Pub. 1996.

Wood, Linda A., and Rolf O. Kroger. *Doing Discourse Analysis: Methods for Studying Action in Talk and Text*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2000.

## **Anexos**

## Anexo 1 – Áreas de competência presentes no Modelo do EMT.

<i><b>TYPE OF COMPETENCE</b></i>	<i><b>DEFINITIONS / COMPONENTS</b></i>
<b>TRANSLATION SERVICE PROVISION COMPETENCE</b>	<p><b>INTERPERSONAL dimension</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Being aware of the social role of the translator</li> <li>- Knowing how to follow market requirements and job profiles (knowing how to remain aware of developments in demand)</li> <li>- Knowing how to organise approaches to clients/ potential clients (marketing)</li> <li>- Knowing how to negotiate with the client (to define deadlines, tariffs/invoicing, working conditions, access to information, contract, rights, responsibilities, translation specifications, tender specifications, etc.)</li> <li>- Knowing how to clarify the requirements, objectives and purposes of the client, recipients of the translation and other stakeholders</li> <li>- Knowing how to plan and manage one's time, stress, work, budget and ongoing training (upgrading various competences)</li> <li>- Knowing how to specify and calculate the services offered and their added value</li> <li>- Knowing how to comply with instructions, deadlines, commitments, interpersonal competences, team organisation</li> <li>- Knowing the standards applicable to the provision of a translation service</li> <li>- Knowing how to comply with professional ethics</li> <li>- Knowing how to work under pressure and with other</li> </ul>

	<p>experts, with a project head (capabilities for making contacts, for cooperation and collaboration), including in a multilingual situation</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to work in a team, including a virtual team</li> <li>- Knowing how to self-evaluate (questioning one's habits; being open to innovations; being concerned with quality; being ready to adapt to new situations/conditions) and take responsibility</li> </ul> <p><b>PRODUCTION dimension</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to create and offer a translation appropriate to the client's request, i.e. to the aim/skopos and to the translation situation</li> <li>- Knowing how to define stages and strategies for the translation of a document</li> <li>- Knowing how to define and evaluate translation problems and find appropriate solutions</li> <li>- Knowing how to justify one's translation choices and decisions</li> <li>- Mastering the appropriate metalanguage (to talk about one's work, strategies and decisions)</li> <li>- Knowing how to proofread and revise a translation (mastering techniques and strategies for proofreading and revision)</li> <li>- Knowing how to establish and monitor quality standards</li> </ul>
<b>LANGUAGE COMPETENCE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to understand grammatical, lexical and idiomatic structures as well as the graphic and typographic conventions of language A and one's other working languages (B, C)</li> <li>- Knowing how to use these same structures and conventions in A and B</li> <li>- Developing sensitivity to changes in language and developments in languages (useful for exercising creativity)</li> </ul>

<p><b>INTERCULTURAL COMPETENCE</b></p> <p>(the dual perspective – sociolinguistic and textual – is in the comparison of and contrast between discursive practices in A, B and C)</p>	<p><b>SOCIOLINGUISTIC dimension</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to recognise function and meaning in language variations (social, geographical, historical, stylistic)</li> <li>- Knowing how to identify the rules for interaction relating to a specific community, including non-verbal elements (useful knowledge for negotiation)</li> <li>- Knowing how to produce a register appropriate to a given situation, for a particular document (written) or speech (oral)</li> </ul> <p><b>TEXTUAL dimension</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to understand and analyse the macrostructure of a document and its overall coherence (including where it consists of visual and sound elements)</li> <li>- Knowing how to grasp the presuppositions, the implicit, allusions, stereotypes and intertextual nature of a document</li> <li>- Knowing how to describe and evaluate one's problems with comprehension and define strategies for resolving those problems</li> <li>- Knowing how to extract and summarise the essential information in a document (ability to summarise)</li> <li>- Knowing how to recognise and identify elements, values and references proper to the cultures represented</li> <li>- Knowing how to bring together and compare cultural elements and methods of composition.</li> <li>- Knowing how to compose a document in accordance with the conventions of the genre and rhetorical standards</li> <li>- Knowing how to draft, rephrase, restructure, condense, and post-edit rapidly and well (in languages A and B)</li> </ul>
<p><b>INFORMATION MINING COMPETENCE</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to identify one's information and documentation requirements</li> <li>- Developing strategies for documentary and terminological research (including approaching experts)</li> <li>- Knowing how to extract and process relevant information for a given task (documentary, terminological, phraseological information)</li> <li>- Developing criteria for evaluation vis-à-vis documents accessible on the internet or any other medium, i.e. knowing how to evaluate the reliability of documentary sources (critical mind)</li> <li>- Knowing how to use tools and search engines effectively (e.g. terminology software, electronic corpora, electronic dictionaries)</li> <li>- Mastering the archiving of one's own documents</li> </ul>



<b>THEMATIC COMPETENCE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to search for appropriate information to gain a better grasp of the thematic aspects of a document (cf. Information mining competence)</li> <li>- Learning to develop one's knowledge in specialist fields and applications (mastering systems of concepts, methods of reasoning, presentation, controlled language, terminology, etc.) (learning to learn)</li> <li>- Developing a spirit of curiosity, analysis and summary</li> </ul>
<b>TECHNOLOGICAL COMPETENCE</b> <b>(mastery of tools)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Knowing how to use effectively and rapidly and to integrate a range of software to assist in correction, translation, terminology, layout, documentary research (for example text processing, spell and grammar check, the internet, translation memory, terminology database, voice recognition software)</li> <li>- Knowing how to create and manage a database and files</li> <li>- Knowing how to adapt to and familiarise oneself with new tools, particularly for the translation of multimedia and audiovisual material</li> <li>- Knowing how to prepare and produce a translation in different formats and for different technical media</li> <li>- Knowing the possibilities and limits of MT</li> </ul>

## **Anexo 2 – Guião das entrevistas às empresas de tradução.**

### **Introdução**

Apresentação do projeto.

Autorização para gravação.

### **Apresentação da empresa:**

**Como caracteriza a empresa?**

**Tempo de atividade?**

**Línguas com as quais trabalha?**

**Quantos funcionários tem?**

**Qual a sua função dentro da empresa?**

### **Desenvolvimento**

**1 – Utiliza maioritariamente tradutores *in-house* ou é frequente a contratação de *freelancers*?**

**2 - Quais considera ser as competências procuradas num tradutor?**

**3 - Considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?**

**4 – Qual considera ser a competência tradutória mais importante?**

**5 – Qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegia quando procede à contratação de um tradutor?**

**6 – Considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional de tradução? Ex: um gestor de projetos deverá ter mais conhecimentos tecnológicos ou conhecimentos tecnológicos diferentes de um tradutor ou revisor?**

## As Competências Tecnológicas do Tradutor no Contexto do Mercado Português

\* Required

### O Tradutor

---

**1. Qual o par de línguas com o qual trabalha mais regularmente? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Inglês - Português
- ☐ Espanhol - Português
- ☐ Francês - Português
- ☐ Alemão - Português
- ☐ Italiano - Português
- ☐ Other: \_\_\_\_\_

**2. Qual o seu local de atividade? \***

*Mark only one oval.*

- ☐ Açores
- ☐ Aveiro
- ☐ Beja
- ☐ Braga
- ☐ Bragança
- ☐ Castelo Branco
- ☐ Coimbra
- ☐ Évora
- ☐ Faro
- ☐ Guarda
- ☐ Leiria
- ☐ Lisboa
- ☐ Madeira
- ☐ Portalegre
- ☐ Porto
- ☐ Santarém
- ☐ Setúbal
- ☐ Viano do Castelo
- ☐ Vila Real
- ☐ Viseu

**3. Indique a sua idade. \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ <20
- ☐ 20-30
- ☐ 31-40
- ☐ 41-50
- ☐ >50

**4. Há quantos anos traduz? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ <5
- ☐ 5-10
- ☐ 10-15
- ☐ 15-20
- ☐ 20-30
- ☐ 30-40
- ☐ 40-50

**5. Traduz como freelancer ou in-house? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Tradutor freelancer
- ☐ Tradutor in-house numa empresa de tradução
- ☐ Tradutor in-house institucional
- ☐ Tradutor in-house numa empresa cuja principal área de negócios não seja a tradução
- ☐ In-house e freelancer

**6. Em que área traduz com maior frequência? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Audiovisual
- ☐ Científica
- ☐ Generalista
- ☐ Literária
- ☐ Técnica
- ☐ Other: \_\_\_\_\_

**7. Que atividade relacionada com a tradução realiza com maior frequência? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Tradução
- ☐ Legendagem
- ☐ Revisão
- ☐ Gestão de projetos
- ☐ Other: \_\_\_\_\_

**8. Quais as suas habilitações literárias? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Ensino Superior (Licenciatura em Tradução)
- ☐ Ensino Superior (Licenciatura em Línguas)
- ☐ Ensino Superior (Licenciatura noutra área)
- ☐ Ensino Superior (Pós-graduação em Tradução)
- ☐ Ensino Superior (Pós-graduação em Línguas)
- ☐ Ensino Superior (Pós-graduação noutra área)
- ☐ Ensino Superior (Mestrado em Tradução)
- ☐ Ensino Superior (Mestrado em Línguas)
- ☐ Ensino Superior (Mestrado noutra área)
- ☐ Ensino Superior (Doutoramento em Tradução)
- ☐ Ensino Superior (Doutoramento em Línguas)
- ☐ Ensino Superior (Doutoramento noutra área)

**9. Caso tenha frequentado uma formação avançada em tradução, quais as competências que adquiriu ao nível da informática? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Apenas um software TAC (ex: Trados)
- ☐ Vários softwares TAC
- ☐ Um software TAC e um de legendagem (ex: Trados e Spot)
- ☐ Vários softwares TAC e de legendagem
- ☐ Vários softwares que ajudam à prática da tradução, bem como várias ferramentas tecnológicas indispensáveis. (ex: MS Word, Trados, MemoQ, Abbyy, Google, Google Docs, Coulds, voice dictation, entre outros)
- ☐ Não frequentei qualquer curso
- ☐ Other: \_\_\_\_\_

## **A Competência Tradutória**

---

10. **Classifique, por ordem de importância, as competências que considera pertinentes para o exercício da profissão.** \*

Atribua um valor a cada uma das seguintes competências, sendo 1 pouco importante e 5 muito importante.

*Mark only one oval per row.*

	1	2	3	4	5
Conhecimentos linguísticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimento das culturas das respetivas línguas de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de pesquisa de informação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Domínio de ferramentas informáticas e tecnológicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Domínio da área de especialidade com que trabalha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. **Qual das competências acima mencionadas utiliza mais frequentemente no seu contexto profissional?** \*

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Conhecimentos linguísticos
- ☐ Conhecimento das culturas das respetivas línguas de trabalho
- ☐ Capacidade de pesquisa de informação
- ☐ Domínio de ferramentas informáticas e tecnológicas
- ☐ Domínio da área de especialidade com que trabalha

## A Competência Tecnológica

---

12. **Defina o que entende por conhecimento informático.** \*

\_\_\_\_\_

13. **Quão importante considera o conhecimento informático para o exercício da profissão?** \*

Classifique, de 1 a 10.

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5
Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Extremamente importante					

14. **Porquê?** \*

\_\_\_\_\_

**15. Classifique, por ordem de importância, as competências que considera pertinentes para o exercício da profissão. \***

Atribua um valor a cada uma das seguintes competências, sendo 1 pouco importante e 5 muito importante.

*Mark only one oval per row.*

	1	2	3	4	5
Usar eficazmente motores de busca e recursos online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Avaliar rapidamente a pertinência da informação acessível online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saber usar eficazmente vários softwares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saber criar, gerir e converter em diferentes formatos memórias de tradução e bases terminológicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aprender, adaptar-se e dominar rapidamente novas ferramentas informáticas e tecnológicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Produzir uma tradução final em diferentes formatos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar ciente dos limites da tradução automática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar de forma eficaz redes sociais e plataformas de comunicação para trabalho colaborativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**16. Qual das competências acima mencionadas utiliza mais frequentemente no seu contexto profissional? \***

Selecione a opção correta.

*Mark only one oval.*

- ☐ Usar eficazmente motores de busca e recursos online
- ☐ Avaliar rapidamente a pertinência da informação acessível online
- ☐ Saber usar eficazmente vários softwares
- ☐ Saber criar, gerir e converter em diferentes formatos memórias de tradição e bases terminológicas
- ☐ Aprender, adaptar-se e dominar rapidamente novas ferramentas informáticas e tecnológicas
- ☐ Produzir uma tradução final em diferentes formatos
- ☐ Estar ciente dos limites da tradução automática
- ☐ Utilizar de forma eficaz redes sociais e plataformas de comunicação para trabalho colaborativo

**17. Nota diferenças entre as competências tecnológicas que mais usa no seu trabalho como freelancer e as que usa no seu trabalho como in-house? Se sim, explicita.**

Responda a esta pergunta apenas se tiver respondido "in-house e freelancer" na questão número 2.

---



## **Entrevistas**

## Anexo 4 – Transcrição das entrevistas

### Transcrição P\_01

P: Vou começar por uma breve apresentação do projeto para que fique a saber o que é que estou a tentar fazer. Pretendo fazer uma Dissertação na qual vou tentar compreender quais são as competências tecnológicas que o tradutor deve possuir na atualidade. Já tive alguns inquéritos online e neste momento estou a fazer entrevistas às empresas da APET.

P: A primeira pergunta que tenho para si é como caracteriza esta empresa, a \*\*\*\*\*? É uma empresa que se dedica unicamente à tradução ou tem outras atividades?

R: Tem outras atividades.

P: Que percentagem pensa que a tradução representa?

R: Diria 90%.

P: A segunda pergunta é: qual é o tempo de atividade? Ou seja, há quanto tempo é que esta empresa existe?

R: Desde 1990.

P: Muito bem. A próxima é quais as línguas com as quais trabalha maioritariamente? Se for possível fornecer-me também percentagens...

R: Inglês, francês, alemão, espanhol, italiano e romeno, mas a maioria é para do inglês. Penso não saber dar-lhe percentagens.

P: Muito bem. Quantos funcionários tem?

R: Internos, quatro.

P: E qual a sua função dentro da empresa?

R: Administrativa, gestora de projetos.

P: Agora para o desenvolvimento, a primeira pergunta é se utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou se é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: São todos *freelancers*.

P: São todos *freelancers*, Muito bem. E a nível geral, quais considera que são, atualmente, as competências mais procuradas num tradutor?

R: A experiência. Acho que nos dias de hoje engloba tudo, a competência tecnológica e a competência de tradução, para se ser mesmo um bom tradutor. Quando digo um "bom tradutor" não é traduzir o que está lá, mas sim a ideia que o cliente quer passar.

P: E considera que são procuradas diferentes tipos de competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Não.

P: Muito bem. Quarta pergunta: qual considera ser então a competência mais importante, desta vez no seio desta empresa?

R: Serem, especialmente, bons tradutores. Cumprirem com o *deadline*, hoje em dia também é fundamental.

P: Muito bem. Quinta pergunta: qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: Se tem conhecimentos em trabalhar com *CAT Tools*.

P: Muito bem. Sexta e última pergunta: considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional? Quero com isto dizer, se considera que, por exemplo, um gestor de projetos deve ter mais, menos ou conhecimentos diferentes de um tradutor ou um revisor?

R: Não, devem ter basicamente os mesmos. Um gestor de projetos necessita sempre de rever na mesma o trabalho final, portanto também tem de ter os mesmos conhecimento do que um tradutor ou revisor. Não digo obrigatoriamente ao mesmo nível, mas aproximadamente.

## Transcrição P\_02

P: Então conforme lhe disse eu estou a fazer uma dissertação na qual pretendo compreender quais são as competências tecnológicas do tradutor no contexto do mercado português. E vou começar por fazer algumas perguntas relativas a esta empresa.

P: A primeira é como caracteriza a empresa? Ou seja se é uma empresa cuja atividade é 100% tradução ou se tem outras atividades?

R: Temos... Essencialmente sim, praticamente 100% tradução, temos também revisão de textos, mas temos feito ultimamente 100% tradução, sim. Tradução e revisão.

P: A próxima pergunta é qual é o tempo de atividade da empresa?

R: Já tem... eu diria que entre 15 e 20 anos, não estou bem certo.

P: Compreendo. E quais são as línguas com as quais trabalham mais frequentemente?

R: Portanto, português, inglês, francês, português do Brasil, espanhol, italiano, alemão também.

P: Muito bem. A próxima pergunta é: quantos funcionários têm?

R: No próprio local temos dois.

P: *In-house*, dois, é isso?

R: Exato.

P: Muito bem. A última pergunta da apresentação da empresa é: qual é a sua função?

R: A minha?

P: Sim, sim.

R: Sou tradutor e revisor de textos.

P: Como se chama?

R: Rui \*\*\*\*\*.

P: Sim senhor. Então, agora no desenvolvimento queria começar por perguntar se utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou se é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: *Freelancers*, é mais frequente.

P: Muito bem. Segunda pergunta: quais considera que são... a nível geral, que competências considera que o mercado procura num tradutor?

R: Para além do conhecimento das próprias línguas com as quais trabalham, terão de ter também recursos para poder pesquisar, nomeadamente não só dicionários em formato de livro, mas também saber utilizar as ferramentas da internet e ferramentas informáticas também, nomeadamente programas de processamento de texto e, eventualmente, programas de auxílio de tradução...

P: As chamadas CAT Tools.

R: Sim, memórias de tradução e tudo isso, sim.

P: Exato. Então a próxima pergunta: considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Não, as competências terão de ser as mesmas. Não só em relação a ter experiência, bom senso, cultura geral também e saber utilizar as ferramentas que eu indiquei na pergunta anterior. Isso serve tanto para o tradutor *in-house* como para os próprios *freelancers*.

P: Muito bem, obrigado. A quarta pergunta é: qual considera, para vós enquanto empresa, que é a competência tradutória mais importante quando contratam um novo tradutor?

R: Eu diria que acima de tudo é a experiência que já têm a trabalhar em tradução.

P: Sim, senhor. E dentro da competência tecnológica, que conhecimentos privilegiam quando procedem à contratação de um tradutor? Agora mais especificamente da competência tecnológica.

R: Eu penso que acima de tudo será o domínio dos programas de processamento de texto e a utilização do computador também. Mais do que os programas de auxílio de tradução, embora esses sejam importantes, hoje em dia com os avanços tecnológicos que se têm verificado e também para poupar o máximo de tempo possível porque muitas vezes os clientes já pedem... já enviam memórias de tradução e já pedem que os textos e que os trabalhos sejam feitos com recurso a essas ferramentas.

P: Muito bem. E a última pergunta: Considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante a função do profissional da tradução. Por exemplo, se pensa que um gestor de projetos deva ter mais, menos ou conhecimentos diferentes de um tradutor, por exemplo, ou de um revisor.

R: Eu penso que o gestor de projeto deve ter pelo menos mais experiencia e deveria ter mais conhecimento, mas acima de tudo mais experiencia, embora nós aqui não tenhamos propriamente um gestor de projetos temos... enfim, nós recebemos projetos dos clientes, enviamos para os tradutores e damos as indicações todas. Ao fim ao cabo o gestor de projeto acaba por ter a última palavra, nomeadamente às decisões que se tomam e às leituras que são feitas e tudo isso, mas no fundo eu penso que as competências terão de ser mais ou menos as mesmas. Diria que o gestor de projeto tem mais responsabilidade, digamos assim, perante o cliente, do que o próprio tradutor.

### Transcrição P\_03

P: Então boa tarde, Dr. \*\*\*\*\*. Permita-me começar com uma pequena apresentação do projeto. Estou a desenvolver, no âmbito da minha dissertação de Mestrado, um estudo que visa perceber quais são as competências tecnológicas mais importantes para os tradutores no contexto do mercado português. Como tal, estou a realizar entrevistas a algumas empresas de tradução.

R: Muito bem.

P: Vamos começar com uma apresentação da empresa. A primeira pergunta que lhe quero fazer é se esta é uma empresa que se dedica 100% à tradução ou se realiza também outras atividades?

R: Sim, é de tradução. Fazemos alguns trabalhos de interpretação mas a tradução é praticamente 100%, principalmente para a área jurídica, económica e de marketing.

P: A segunda pergunta é qual é o tempo de atividade?

R: 10 anos.

P: Muito bem. E quais são as línguas com as quais trabalham maioritariamente?

R: Inglês, português e espanhol. Isto perfaz talvez 80%, sendo o inglês o principal, logo seguido do espanhol. Fazemos também alemão e italiano, mas o principal é inglês para português e espanhol para português. Não tanto, por exemplo, de por português para espanhol.

P: Sim senhor. E quantos funcionários tem?

R: Sete.

P: Sete *in-house*, Muito bem. E *freelancers*?

R: Quantos não sei. É assim, nós temos uma base de dados... haverá talvez uns seis ou sete com os quais trabalhamos todos os meses, mas todos os anos já serão uns 40 ou 50. É difícil dar um número exato.

P: A próxima pergunta é: qual a sua função dentro desta empresa?

R: Sou diretor, em geral. Mas trato muito da questão da revisão, controlo de qualidade e da gestão genérica da empresa.

P: Muito bem. Estas perguntas foram relativas à apresentação da empresa. Agora para o desenvolvimento são só mais seis. A primeira pergunta é se utiliza maioritariamente tradutores *in-house* ou se é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: Para português o que fazemos é principalmente *in-house*, para as outras línguas fazemos principalmente *freelancer*. Por exemplo, nós não temos ninguém *in-house* para fazer tradução para inglês e por isso diria que fica metade/metade.

P: 50-50, muito bem. E de um modo geral, no mercado português, quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor?

R: Em relação às empresas de tradução, penso que estão sempre à procura de tradutores com boas competências de tradução e competências linguísticas e também competências informáticas que possam revolver problemas. Não é que nós não possamos ajudar quando há algum problema, mas para um gestor de projetos numa empresa de tradução obviamente que é muito mais fácil trabalhar com um tradutor que saiba resolver todos aqueles pequenos problemas que aparecem nos projetos.

P: Muito bem. Pensa que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: O tradutor interno não precisa de ter tanta necessidade de perceber como é que se resolvem autonomamente problemas informáticos, embora seja ótimo também. Para um tradutor *freelancer*, conhecer bem as ferramentas e saber lidar com questões contabilísticas é importante. O tradutor interno tem de ter boas competências linguísticas e de tradução, o resto é ótimo mas não tão essencial.

P: Portanto, o *freelancer* deve ter mais competências informáticas, até porque está sozinho...

R: Exato, por exemplo, um tradutor interno diz-nos que tem aqui um problema como o MemoQ ou com o TRADOS, nós resolvemos imediatamente. Se for um *freelancer*, mesmo que queiramos tentar resolver através de plataformas tipo *Team Viewer*, se o tradutor não for capaz de instalar o *Team Viewer* não conseguimos fazer nada.



P: Exato. Então quando procede à contratação de um tradutor, qual a competência que mais valoriza?

R: Internamente?

P: Sim.

R: Que saiba traduzir bem e esteja disposto a aprender as ferramentas.

P: E dentro da competência tecnológica, quando procede à contratação de um tradutor, qual a que mais valoriza?

R: São as ferramentas de tradução. Porque presumo que as pessoas que têm boas competências de ferramentas de tradução também já sabem trabalhar com o *Word* e com o *Office*.

P: É fator de exclusão?

R: Não saber trabalhar com ferramentas de tradução? Para trabalhar internamente? Bem, se nunca tivesse ouvido falar de ferramentas de tradução é, sim.

P: Muito bem...

R: Só para esclarecer: não quer dizer que a pessoa tenha de saber trabalhar com a nossa ferramenta, mas pelo menos que saiba o que é uma memória de tradução. A não ser que estivéssemos à procura de alguém para uma área ou língua muito específica, agora, de inglês para português, por exemplo, há muito tradutores bons que sabem trabalhar com memórias de tradução, por isso seria difícil escolher um que não soubesse.

P: Muito bem. A última pergunta: considera que os conhecimentos tecnológicos necessários variam consoante as funções do profissional? Quero com isto perguntar se acha que, por exemplo, um gestor de projetos deve ter mais, menos ou os mesmos conhecimentos tecnológicos do que um tradutor ou revisor?

R: Um gestor de projetos tem de saber mais, em geral, do que os tradutores *freelancer* ou do que os tradutores internos. O tradutor *freelancer* e o gestor de projetos acabam por estar muito próximos porque o tradutor *freelancer* tem de gerir os seus próprios projetos porém, em relação aos tradutores internos, o gestor de projetos necessita de mais conhecimentos. Por exemplo, o tradutor interno só necessita de conhecer a nossa ferramenta de tradução, mas o gestor de projetos tem de conhecer também ferramentas

de tradução de outras empresas que trabalham connosco para poder fazer a ligação, poder prepara os documentos. Tem também de saber lidar com ferramentas de conversão de texto que o tradutor nem sempre precisa de conhecer. Como tal, o gestor de projetos tem de ter competências ainda mais aprofundadas do que um tradutor.

## Transcrição P\_04

P: Começo por uma breve apresentação do projeto. Tal como lhe disse quero tentar perceber quais são as competências tecnológicas do tradutor no contexto do mercado português. Para isso vou começar por lhe fazer algumas perguntas relativamente à empresa, à \*\*\*\*\*.

R: Sim senhor.

P: A primeira pergunta é como caracteriza a empresa, se é maioritariamente uma empresa de tradução ou se tem outras atividades?

R: É uma empresa de tradução.

P: 100% tradução?

R: Sim.

P: Muito bem. A segunda pergunta é quanto tempo de atividade tem a empresa? Quantos anos?

R: Tem sete anos.

P: Sete anos, muito bem. E quais as línguas com as quais trabalha?

R: Diria que 90% é inglês.

P: Muito bem. A quarta pergunta é: quantos funcionários tem?

R: Temos sete, neste momento.

P: Sete *in-house*?

R: Exato.

P: E *freelancers*?

R: Isso é difícil de saber. Temos uma lista de tradutores que usamos frequentemente.

P: Compreendo. E dentro da apresentação da empresa, a última pergunta: qual a sua função dentro da empresa?

R: A minha função é... são muitas, sou sócio gerente da empresa, trato do aspeto financeiro e ao mesmo tempo sou gestor de projetos e também faço traduções.

P: Um pouco de tudo.

R: Exato.

P: No desenvolvimento são mais seis perguntas e vai ser muito rápido. A primeira pergunta é se utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou se é frequente a contratação de *freelancers*?

R: Praticamente tudo *freelancers*.

P: Muito bem. Segunda pergunta é: numa perspetiva global, ou seja, no mercado português, quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor?

R: Penso que seja a capacidade de se adaptar a qualquer tipo de projeto.

P: Muito bem. Terceira pergunta: considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Não, penso que não. Simplesmente o tradutor *in-house* deve estar mais disponível para aquilo que nós necessitarmos, o que nem sempre acontece que um tradutor *freelancer*.

P: Muito bem. Quarta pergunta: qual então considera ser, se me pudesse dizer uma seria bom, a competência tradutória mais importante? Por exemplo, quando procede à contratação de um tradutor, qual é aquela competência que valoriza mais?

R: A competência... lá está, não é tanto as notas que traz ou que consegue a nível académico, mas a capacidade de trabalhar em equipa e de se adaptar a vários tipos de projeto. Acho que é isso e a atenção ao detalhe, que considero também muito importante.

P: Diga, não percebi a última parte.

R: A atenção ao detalhe também é importante.

P: Sim senhor. Quinta pergunta, e penúltima: dentro dos conhecimentos da competência tecnológica, quais privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: Simplesmente saber o básico do que é uma ferramenta de tradução e qual é o objetivo de uma ferramenta de tradução. Não costumamos contratar ninguém, ou deixar de o fazer, porque não conhece determinada ferramenta, ou outra, porque basicamente as

ferramentas funcionam todas da mesma forma e sabendo a base de funcionamento de cada uma delas, tudo o resto se torna fácil.

P: Sim senhor. E a última pergunta é se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante a função do profissional, por exemplo, se acha que um gestor de projetos deve ter mais conhecimentos tecnológicos do que um tradutor, revisor ou vice versa. Mais ou diferentes, se pensa que há aqui uma...

R: Não, normalmente convém todos terem o mesmo nível de conhecimento.

## Transcrição P\_05

P: Vou começar com uma apresentação deste projeto. Conforme lhe disse estou a tentar perceber quais são as competências tecnológicas que o tradutor deve possuir na atualidade. Isto pode trazer vantagens para a atualização da forma como se ensina tradução, contribuindo para uma eventual atualização dos *curricula* nesta área. Pode também pode levar a uma redução de custos na formação de tradutores por parte das empresas.

R: Claro.

P: Então vou começar por fazer-lhe algumas perguntas relativamente à empresa na qual trabalha que é a \*\*\*\*\*, não é?

R: Exato.

P: Exato, e a primeira pergunta é... antes de mais diga-me o seu nome novamente, por favor.

R: \*\*\*\*\*.

P: Muito bem. A primeira pergunta é: como caracteriza a sua empresa, ou seja, se a atividade principal é única e exclusivamente tradução ou se há outras atividades?

R: Sim, há também uma pequena parte de interpretação, mas é muito inferior, não é significativo comparativamente à tradução.

P: Compreendo. A segunda pergunta é o tempo de atividade, portanto, há quanto tempo é que a empresa existe?

R: Há 17 anos.

P: 17 anos. Terceira pergunta: quais as línguas com as quais trabalham mais frequentemente?

R: Mais frequentemente... o português, português europeu, português do Brasil, inglês, francês, espanhol, alemão, holandês e italiano.

P: Sim senhor. A próxima pergunta é quantos funcionários tem? Note que se não se sentir confortável não tem de responder.

R: Temos oito.

P: Oito *in-house*, sim senhor. E *freelancers*?

R: Bem, esses são alguns, não lhe sei precisar.

P: Muito bem. E a última pergunta da apresentação da empresa é qual é a sua função dentro da empresa?

R: Sou gestora de produto.

P: Gestora de?

R: Produto.

P: Muito bem, gestora de produto. Agora aqui no desenvolvimento são mais seis perguntas, vai ser muito rápido. A primeira pergunta é se utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou se é frequente a contratação de *freelancers*?

R: Não, é frequente a contratação de *freelancers*.

P: Não tem problema, é frequente a contratação de *freelancers*. E assim, de um modo geral e no mercado português da atualidade, quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor?

R: Formação...

P: Temos sempre os mínimos olímpicos, não é? ouvi esta expressão há bocado e gostei muito. Os mínimos olímpicos serão a competência linguística. À partida todos esperamos que um tradutor tenha competência linguística.

R: Obviamente, antes de mais tem de ter competência linguística, na língua de partida e na língua de chegada. Nós como empresa certificada efetivamente temos alguns requisitos mínimos; a formação é um deles, a experiência...

P: Desculpe, formação em Tradução?

R: Sim, formação superior em Tradução. A experiência, o domínio das ferramentas *CAT*, as chamadas *CAT Tools*, o cumprimento do acordado com o cliente e a qualidade do trabalho final.

P: Muito bem. A próxima pergunta é: considera que são procuradas diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Não.

P: Não, são as mesmas? sim senhor. Quarta pergunta: qual considera então, no âmbito da empresa na qual trabalha, que é a competência tradutória mais importante de todas?

R: Seria o domínio linguístico.

P: Muito bem. Agora mais especificamente dentro da competência tecnológica, quais os conhecimentos dentro desta competência privilegiam quando procedem à contratação de um tradutor?

R: Aí vai ter que me ajudar...

P: Certamente, então, dentro da competência tecnológica podemos ter vários conhecimentos, falo de *CAT Tools*, saber dominar as memórias de tradução, pesquisa de informação também costuma ser muito importante...

R: Sim, saber pesquisar é obviamente muito importante.

P: Sim, também podemos ter, por exemplo, saber identificar, de toda a informação disponível na internet, qual é que é a melhor, porque na internet vê-se muita tradução que...

R: É sempre preciso escrutinar o que é que é informação viável e o que é que não interessa.

P: Falemos das *CAT Tools*, pensa que é um dos conhecimentos...

R: Sim, hoje em dia é essencial ter o domínio pelo menos de uma ou duas.

P: Muito bem. A última pergunta então é se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional de tradução. Por exemplo se um gestor de projeto deverá ter mais conhecimentos tecnológicos, ou conhecimentos tecnológicos diferentes, do que um tradutor ou um revisor, ou vice versa.

R: Não têm de estar necessariamente ao mesmo nível, nós passamos por isso diariamente; Sempre que temos que pedir uma tradução a um tradutor que não está tão familiarizado com uma determinada ferramenta cujo uso é obrigatório, o gestor de projeto tem de ter conhecimentos a um nível que permita explicar, acompanhar e dar instruções ao tradutor de maneira a usar a ferramenta da melhor forma. O revisor normalmente tem de ter também um nível de conhecimento e de domínio da ferramenta superior ao do tradutor. Portanto não, não estariam necessariamente todos ao mesmo nível.



## **Transcrição P\_06**

P: Vou começar pela apresentação do projeto. Conforme lhe disse estou a escrever uma Dissertação de Mestrado em Tradução para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Esta Dissertação visa perceber quais são as competências tecnológicas que os tradutores devem possuir na atualidade, no contexto do mercado português.

R: Muito bem.

P: As primeiras perguntas que lhe quero fazer são sobre a apresentação da empresa, é rápido.

R: Sem problema.

P: Então a primeira pergunta é como caracteriza a empresa? É uma empresa que se dedica 100% à tradução ou tem outras atividades?

R: Não, é uma empresa exclusivamente de traduções técnicas.

P: Muito bem. E há quanto tempo é que a empresa existe?

R: Sete ou oito anos, não consigo precisar neste momento. Atenção, sete ou oito anos nestes moldes...

P: Compreendo, sete ou oito anos como empresa de tradução.

R: Exato.

P: Muito bem. Quais são as línguas com as quais trabalham maioritariamente?

R: São demasiadas para...

P: Sim, mas as principais.

R: Então será o português, português do Brasil, inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. São as principais.

P: A próxima pergunta é: quantos funcionários tem?

R: Prefiro não responder a essa pergunta...

P: Compreendo. A próxima pergunta é: qual a sua função dentro da empresa?

R: Tenho várias funções, sou gestora de projetos e vender manager.

P: Muito bem. Agora já não há mais perguntas sensíveis. São só mais seis perguntas de desenvolvimento, tudo rápido.

R: Muito bem.

P: A primeira é: usam maioritariamente tradutores *in-house* ou é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: Segunda opção.

P: Muito bem, obrigado. Outra pergunta: quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor na atualidade? Ou seja, que o mercado mais requer.

R: Isso é muito geral...

P: Sim, pode dizer-me que é a competência linguística...

R: Isso é o que nós consideramos o mínimo olímpico.

P: Pois, um dado adquirido.

R: Exatamente. Portanto, a partir daí eu diria que seria a rapidez com que consegue desempenhar uma função corretamente, seguindo as condições propostas. A facilidade e disponibilidade para aprendizagem de novas ferramentas. Acho que essencialmente será à volta disso.

P: Muito bem, perfeito. Terceira pergunta: consideram que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Não. Penso que se procuram as mesmas.

P: Muito bem. Agora dentro desta empresa: quando contratam um tradutor, qual a competência mais importante para vós?

R: Bem, sem os mínimos olímpicos não vale a pena seguir para outros!

P: Muito bem, mas se tivermos este como dado adquirido, qual será o próximo?

R: Diria que é a desenvoltura. Saber lidar com problemas, geri-los e solucionar-los de uma forma rápida e sem prejudicar o trabalho.

P: Só um segundo...

R: É chamado o "desenrascanço", sabe?

P: Muito bem. A próxima pergunta, e penúltima, é: qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegiam quando procedem à contratação de um tradutor?

R: Estamos a falar do conhecimento das *CAT Tools*?

P: De todo o conhecimento tecnológico. Podemos falar de *CAT Tools*, capacidade de pesquisa de informação, saber lidar com bases terminológicas, perceber qual a informação pertinente de toda a disponível online...

R: Acho que não damos preferência a uma só coisa, não dá para compartimentar. Tudo é passível de ser aprendido, portanto...

P: Sim senhor. Então a última pergunta: pensa que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional? quero com isto perguntar se considera que, por exemplo, um gestor de projetos, por exemplo, deve ter mais, menos ou os mesmos conhecimentos tecnológicos do que um tradutor ou revisor...

R: Eu não diria que um gestor de projetos deve ter mais, mas sim outros. Todos devem ter as mesmas bases, por assim dizer, mas depois há funções que requerem conhecimentos diferentes, como é o caso do gestor de projetos. Este faz um tipo de trabalho que requer outras competências tecnológicas que não são necessárias a um tradutor ou revisor.

## Transcrição P\_07

P: Vou começar por fazer cinco perguntas relativamente à empresa com a qual estou a falar, está bem?

R: Sim senhor.

P: A primeira pergunta é: como caracteriza esta empresa, uma empresa que se dedica apenas á tradução ou tem também outras atividades?

R: É 100% uma empresa de tradução.

P: Ótimo, 100% tradução. A segunda pergunta é: há quanto tempo existe, ou seja, qual é o tempo de atividade da empresa?

R: A empresa vai fazer este ano 20 anos.

P: 20 anos, os meus parabéns. A próxima pergunta é: quais as línguas com as quais trabalham mais frequentemente?

R: Alemão, inglês... essencialmente esses dois idiomas.

P: Sim senhor. Quantos funcionários tem?

R: Neste momento 10.

P: 10, sim senhor. E *freelancers*? Consegue dizer-me quantos são?

R: Aí temos uma base de dados e...

P: Compreendo, compreendo. E a última: qual a sua função dentro da empresa?

R: Gerente.

P: Gerente. Como se chama, já agora?

R: \*\*\*\* \*\*\*\*\*.

P: Agora para o desenvolvimento são mais seis perguntas e é muito rápido. A primeira é se utiliza maioritariamente tradutores *in-hosue* ou se é frequente a contratação de *freelancers*?

R: Nós como damos muita importância à qualidade, temos departamento de revisão e vários revisores. Trabalhamos com *freelancers* apenas quando há picos de trabalho porque não podemos estar a contratar pessoas e no mês seguinte terminar os contratos. A empresa faz, digamos que, utilização de tradutores *freelance* quando há picos de trabalho para colmatar as necessidades da empresa. Utilizamos quer tradutores *in-house* quer tradutores *freelance*, mas optamos sempre por tradutores *in-house*. O nosso enfoque é na qualidade!

P: Sim senhor. A próxima pergunta: assim de um aspeto geral, quais considera que são as competências mais procuradas, no mercado português, num tradutor?

R: Bem, um tradutor tem de ter um domínio quer da língua de partida quer da língua de chegada, ter uma grande cultura geral, tem de dominar muito bem as ferramentas de tradução, vulgo *CAT* e hoje em dia nós notamos que a maior parte dos tradutores não dominam as ferramentas que utilizam.

P: Sim senhor.

R: As mais conhecidas são o *Studio* mas existem outras. Nós, por exemplo, trabalhamos com cerca de cinco ferramentas e a maior parte dos tradutores tem um grande problema a esse nível.

P: Sim senhor. Terceira pergunta então: considera que são procuradas diferentes competências num tradutor *in-house* e num *freelancer* ou são as mesmas?

R: Não, basicamente são as mesmas porque a exigência é a mesma.

P: Muito bem. Quarta pergunta: para si, quando procede à contratação de um tradutor, qual destas todas é a competência tradutória mais importante?

R: Acho que são todas.

P: Não há nenhuma que...

R: Ou o tradutor é muito completo a esse nível ou terá muitas dificuldades em progredir na sua carreira. É obvio que ninguém nasce ensinado e precisa de algum tempo de adaptação para, digamos, se aperfeiçoar ou aperfeiçoar as suas competências nas diversas áreas. Mas digamos que, quer o domínio dos *CAT*, dos programas de tradução, quer o domínio dos idiomas é muito importante. É difícil dizer-lhe o que é mais importante. Se o tradutor tem uma lacuna numa destas competências terá sempre dificuldades.

P: Certíssimo. Já me respondeu se calhar um bocado à próxima pergunta que é: então qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegia quando procede à contratação de um tradutor, para si serão então as *CAT Tools*?

R: Sim, essas são uma condição *sine qua non*. Se bem que a maior parte dos tradutores domina apenas a mais conhecida que é o *Studio*. Se conseguir dominar essa já não é mau porque elas têm, na sua generalidade, um princípio de funcionamento idêntico. A filosofia por detrás é igual e quem dominar uma consegue dominar as outras. Se bem que é preciso algum tempo de aprendizagem porque todas elas são diferentes e requerem um determinado período de adaptação.

P: Muito bem.

R: Já que me está a falar em termos tecnológicos, será importante que o tradutor domine a forma como faz pesquisas...

P: Exatamente.

R: Há pessoas que não sabem fazer pesquisas na internet e isso é fundamental, tecnologicamente falando.

P: E também escolher, dentro das pesquisas que se faz, qual é a informação que realmente é importante e boa de se reter porque também se vê muita informação que não é importante.

R: Foi isso que disse, saber orientar a sua pesquisa.

P: Exatamente.

R: Não basta ter só uma vasta cultura geral, que também é importante, dominar bem os idiomas com que trabalha, mas ter também alguma destreza, algum bom-senso e saber como fazer as pesquisas de uma forma adequada. Hoje em dia o tempo é dinheiro e se o tradutor fizer bem pesquisas claro que não vai ficar a perder.

P: Claro. Então a última pergunta é se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante a função do profissional de tradução. Se são diferentes ou, por exemplo, se um gestor de projetos deve ter os mesmos conhecimentos que um tradutor ou um revisor, ou se deverão ter conhecimentos diferentes, ou mais, ou menos?

R: Basicamente são os mesmos. Eles têm de dominar as mesmas áreas e têm de poder responder às exigências de cada problema.

## Transcrição P\_08

P: Então a apresentação do projeto já está feita, não é?

R: Sim.

P: Vou começar com as perguntas relativas à apresentação da empresa. A primeira pergunta é: como caracteriza a empresa? Se é uma empresa 100% ligada à tradução ou se tem também outras atividades?

R: Vou começar então por apresentar a empresa. A \*\*\*\*\* é uma empresa portuguesa que presta vários tipos de serviços linguísticos, não sendo só a tradução. Portanto, temos serviços de tradução e associados, portanto, revisão, mas para além disso também prestamos serviços de interpretação, transcrição, locução, de *copywriting*, e marketing digital, entre outros. Portanto, estes são aqueles em que nos focamos mais atualmente, mas temos mais serviços, sempre ligados à área da comunicação. É uma empresa relativamente recente, constituída por uma equipa jovem e no fundo o que pretendemos fazer é prestar os nossos serviços segundo a qualidade que se espera de grandes empresas internacionais, conseguindo responder às exigências desses clientes, tentando sempre que esses serviços sejam prestados com dinamismo e com criatividade, que hoje em dia é uma ferramenta essencial.

P: Muito bem, muito obrigado. Então a segunda pergunta que é: há quanto tempo é que esta empresa existe?

R: Portanto, a empresa, como eu disse, é uma empresa recente. Nós abrimos as portas no dia \*\* de \*\*\*\* de 2012. Na altura era só uma empresa e neste momento já somos um grupo de empresas. Temos três empresas de momento, sendo que em \*\*\*\*\* é a sede, e depois temos uma empresa no \*\*\*\*\* e outra em \*\*\*\*\*.

P: Quais as línguas com as quais trabalham mais frequentemente?

R: Aqui há duas coisas que é importante referir. A primeira é que nós prestamos serviços em várias línguas mas temos um grupo de línguas em que os nossos tradutores internos se especializam. Essas línguas são o inglês, o espanhol, o francês, o alemão e, obviamente, o português, tanto na variante europeia como na variante do Brasil.



P: Muito bem. Agora a última pergunta da apresentação que é: qual é a sua função dentro da empresa?

R: Neste momento estou a desempenhar o cargo de *Vendor Manager*. É no fundo a pessoa que está responsável pelo recrutamento e pela gestão de todos os recursos externos. Portanto, tudo o que seja colaboradores *freelancer* ou agências de tradução, o recrutamento e a gestão desses contactos passa por mim.

P: Sim senhor. Seguidamente as perguntas de desenvolvimento, que são seis. A primeira é se utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou se é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: Como eu tinha dito anteriormente nós temos aquele grupo de línguas que fazemos internamente e depois fazemos também trabalhos para cerca de 70 línguas diferentes. O que acontece é que, devido ao nosso volume de trabalho e aos pedidos dos vários clientes, porque depois cada cliente tem pedidos diferentes para pares de línguas diferentes e para áreas de especialização diferentes, nós recorremos muito a *freelancers* que constam da nossa base de dados. Nos pares de línguas em que nos especializamos fazemos internamente, dentro do possível, até porque há clientes que têm requisitos muito específicos e volumes de trabalho contínuos, e nesses casos convém assegurar sempre os mesmos recursos, portanto normalmente se for nos idiomas que dominamos internamente preferimos assegurar esse serviço internamente. De qualquer forma, mesmo para estes idiomas podemos enviar para fora, dependendo dos picos de trabalho que temos. Penso que usamos os dois recursos de forma quase igual.

P: Muito bem, muito obrigado. A próxima é: de um modo geral, e na atualidade, quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor?

R: Relativamente a esta pergunta eu estabeleci uma espécie de lista daquilo a que costumamos ter em atenção no recrutamento. A primeira será, obviamente, e por questões de formalidade, as habilitações literárias. Hoje em dia, segundo as normas internacionais de qualidade, é necessário que um tradutor tenha ou um curso superior na área da Tradução, ou um curso superior noutra área qualquer e um determinado número de anos de experiência, ou simplesmente um número ainda maior de experiência. Esse é o primeiro elemento a termos em conta. De seguida, e também importante, é o facto de o tradutor ser nativo na língua de chegada, ou seja, da língua para a qual traduz e, sendo nativos, têm de ter um excelente domínio da língua de origem. Depois é importante

também referir as competências tecnológicas; as ferramentas de tradução assistida por computador, não é?! E a experiência comprovada em pelo menos uma área temática, ou seja, convém que... eu costumo usar aquela história de uma pessoa que tenta aprender 70 instrumentos nunca vai tocar nenhum, ou seja, convém sempre que um tradutor se especialize numa, duas ou três áreas temáticas, portanto, engenharia, medicina ou *software* e que aprofunde os seus conhecimentos nesse sentido. Depois, e isto já são questões mais práticas, valorizamos muito a resposta rápida aos emails, e a disponibilidade para responder a eventuais perguntas depois de o projeto ser entregue. Por último, e muito importante, é cumprir prazos. Nem sempre é possível mas diria que é um elemento fundamental.

P: Sim senhor. A próxima é se considera que há diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Isto depende muito da realidade da empresa. Penso que em ambas as realidades o elemento mais importante é o produto final, portanto, aquilo que apresentamos ao cliente. A forma como os trabalhos são desenvolvidos podem variar. Espera-se que um *freelancer* tenha as mesmas competências técnicas e a capacidade de ser polivalente de um tradutor *in-house*, e vice versa. No nosso caso os tradutores internos também fazem gestão de projetos, o que exige uma capacidade de organização e uma gestão de pressão muito maior. No entanto, o cenário ideal seria que o tradutor *freelancer*, tendo de gerir os seus próprios projetos, também tenha essa capacidade de gestão de stress e dos próprios projetos. Na nossa opinião, penso que um tradutor interno deve ter a capacidade de ser muito mais polivalente porque tem também de gerir projetos, tem as suas traduções, tem superiores que supervisionam o seu trabalho, portanto trabalham por objetivos e por isso acho que um tradutor interno acaba por ter um bocadinho mais de peso. Nunca desconsiderando, obviamente, o trabalho dos *freelancers*.

P: Claro. Então a próxima: se tivesse de escolher uma competência, qual seria, para si, a competência mais importante»

R: Esta pergunta é muito difícil. O processo de tradução não se faz de um só elemento. Eu escolheria, possivelmente, a atenção ao detalhe porque considero que é muito importante ter sempre em atenção a consistência. É um dos aspetos que considero mais fundamentais à tradução. Não posso no entanto deixar de mencionar o profissionalismo,

naquela questão do respeito dos prazos, e as aptidões linguísticas. Mas se calhar a atenção ao detalhe seria a principal.

P: Ouvi falar no outro dia nos mínimos olímpicos. Nós já temos como dado adquirido que o tradutor deve dominar muito bem as línguas...

R: Claro. Nem vamos por esses em questão, já deveriam estar assegurados.

P: Claro. Então a próxima: qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: Normalmente, com o nosso processo de recrutamento, damos prioridade a pessoas que, dentro de outros elementos, consigam trabalhar os programas, com que trabalhamos e com os quais os nossos clientes trabalham ou exigem. Sei que as *CAT Tools*, como se costuma dizer, não são um elemento obrigatório, mas hoje em dia, no mercado atual, é muito importante o domínio de pelo menos algumas.

P: Sim senhor. Então a próxima e última é se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional de tradução, ou seja, se o gestor de projetos deve ter mais, menos ou conhecimentos tecnológicos diferentes de um tradutor, de um revisor.

R: Penso que os conhecimentos tecnológicos podem variar entre uma função e outra mas não devem ser isolados. Ou seja, considero que um gestor de projetos tem que ter mais conhecimentos tecnológicos porque faz mais sentido que, para além do *software* que utilizam de gestão de projetos, também dominem o *software* que é utilizado para a tradução nos projetos que vão entregar aos clientes. Se houver uma falha, ou alguma situação urgente, o gestor de projeto tem de a saber resolver e portanto tem de dominar esse *software*. É obvio que o tradutor deve dominar as suas ferramentas de trabalho, mas considero que o gestor de projetos deve ter um conhecimento maior a nível tecnológico.

## Transcrição P\_09

P: Vou então começar por fazer algumas relativamente a esta empresa, à \*\*\*\*\* \*\*\*\*\*.  
A primeira pergunta é como caracteriza esta empresa, se é uma empresa que se dedica 100% à tradução ou se tem outras atividades.

R: Tradução e interpretação, exclusivamente.

P: Certo. A próxima é...

R: Espere... quero com isto dizer que no nosso objeto social estão também atividades de eventos turísticos, mas se fizemos um em toda a nossa existência é muito.

P: Muito bem, compreendo, não é significativo. A próxima pergunta é o tempo de atividade. Há quanto tempo é que a empresa está aberta?

R: Há 30 anos.

P: Muito bem. A próxima pergunta é: quais as línguas com as quais trabalha mais frequentemente?

R: Mais frequentemente, inglês, espanhol, alemão e ultimamente têm-nos pedido línguas eslavas e chinês também, mas o dominante é o inglês, sem dúvida.

P: Muito bem. Sabe dizer-me que percentagem ocupará o inglês?

R: Talvez 70%, mas nas duas variantes; português - inglês, inglês - português.

P: Certo, retroversão também. Próxima pergunta: quantos funcionários têm?

R: Funcionários efetivos são 2.

P: E *freelancers*?

R: Isso já não lhe sei dizer. Sabe, temos um grupo de *freelancers* que subcontratamos mais frequentemente, mas o total não sei precisar.

P: Muito bem. A última pergunta é: qual a sua função dentro da empresa?

R: Eu sou gerente.

P: Como se chama, já agora?

R: \*\*\*\*\* \*\*\*\*\*.

P: São mais seis perguntas, vai ser muito rápido. A primeira é: utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: Não, *freelancers*, só.

P: 100% *freelancers*?

R: Sim.

P: Muito bem.

R: Temos um revisor *in-house*, mas tradutores só *freelancers*.

P: Muito bem. Segunda pergunta: qual considera, de uma forma global e na atualidade, qual considera que é a competência que o mercado mais procura num tradutor?

R: Domínio absoluto da língua e do tema, e depois rapidez e experiência.

P: Rapidez, disse?

R: Sim, os nossos clientes, por exemplo, pedem-nos tudo para um prazo muito curto.

P: Terceira pergunta: considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Eu não tenho tradutores *in-house*, por isso não sei, mas estava a referir-se a clientes? se os clientes procuram ou se a empresa procura?

P: Não, se pensa que o mercado requer diferentes competências diferentes de um *freelancer* e de um *in-house*.

R: Não sei exatamente. Penso que o mercado prefere recorrer a empresas de tradução porque tem o controlo de qualidade. Simplesmente, muitas vezes, quando se põe o fator preço, os tradutores independentes são mais baratos.

P: Sim, senhor. Quarta pergunta: qual considera então, se tivesse de recrutar um tradutor interno ou mesmo quando procura um *freelancer*, qual é a competência tradutória que valoriza mais?

R: Domínio da língua.

P: Muito bem...

R: Perdão, das duas línguas, de partida e de chegada.

P: Quinta pergunta, e já especificamente dentro da competência tecnológica: qual dos conhecimentos desta competência privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: Portanto, não contando com experiência, tem de ter uma *CAT Tool*.

P: Muito bem, é fundamental. Sexta e última: considera que os conhecimentos tecnológicos necessários variam consoante as funções do profissional da tradução? Por exemplo, pensa que um gestor de projetos deve ter mais conhecimentos tecnológicos, ou diferentes, de um tradutor ou revisor?

R: Deve ter diferentes, deve ter um conhecimento mais abrangente, não só a nível tecnológico, mas depois toda a parte de gestão. Tem tudo a ver com a gestão do trabalho e gestão dos prazos, preços e clientes.

## Transcrição P\_10

P: Vamos começar por uma breve apresentação da empresa. A primeira pergunta é como caracteriza esta empresa a \*\*\*\*\*, se é uma empresa que se dedica 100% a tradução ou se tem outras atividades.

R: A \*\*\*\*\* é uma empresa de tradução e interpretação.

P: Então é 100% tradução e interpretação, não tem outras atividades?

R: Não, localização, mas isso poderá ser considerado parte da tradução.

P: Então qual é o tempo de atividade? Esta é a segunda pergunta.

R: O tempo de atividade?

P: Sim, há quantos anos existe a empresa?

R: Há 30.

P: Muito bem, 30 anos. Quais as línguas com as quais trabalham mais frequentemente?

R: Todas. Mais frequentemente é inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, português do Brasil, o nosso português também. Nós trabalhamos com todas as línguas e para todas as línguas.

P: Sim senhor. A próxima pergunta é: quantos funcionários têm?

R: No total somos cerca de 20.

P: 20, Muito bem. E *freelancers*?

R: Isso não faço ideia, mas como são muitas línguas, são muitos.

P: Muito bem. E como se chama e qual a sua função dentro da empresa?

R: O meu nome é \*\*\*\*\* e a minha função é gestora de recursos.

P: Pronto, a primeira parte está feita. Vamos à parte do desenvolvimento, são mais seis perguntas, é rápido. A primeira pergunta é se utilizam maioritariamente *tradutores in-house* ou se é frequente a contratação de *freelancers*?

R: Temos apenas três ou quatro tradutores *in-house*, os restantes são todos *freelancers*. Dado que trabalhamos com todas as línguas também era impossível termos todos aqui.

P: Muito bem, na maioria são *freelancers*.

R: Sim, maioritariamente são *freelancers*. Nós só trabalhamos com tradutores nativos e portanto...

P: Compreendo. A segunda pergunta: de um modo geral, e no contexto do mercado nacional, quais pensa que são as competências mais procuradas no tradutor atual?

R: Portanto, eu vou dizer-lhe, como gestora, o que procuro num tradutor. Terá de ter no mínimo uma licenciatura, seja no que for, porque também temos tradutores especialistas. Deve dominar de dominar, aspeto ao qual damos agora muita importância, ferramentas de tradução. Estas são mais necessárias...

P: As ferramentas TAC ou CAT?

R: Exato. A experiência também é importante, bem como o tipo de formação que tem e o conhecimento das línguas, como é óbvio. Depois tem de ter mais a nível informático, convém dominar as ferramentas de tradução.

P: Sim senhor. Terceira pergunta: pensa que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: Peço desculpa...

P: Se pensa que as competências que se procuram num tradutor *in-house* e num *freelancer* são diferentes.

R: São iguais.

P: Quarta pergunta: agora especificamente para vós, se tivesse que escolher uma competência tradutória que considera mais importante quando procede à contratação de um tradutor, qual seria?

R: Experiência. É que repare, eu contacto com muitas pessoas que nunca fizeram tradução, portanto... como lhe disse, por vezes, especialistas e etc. também são necessários...

P: Sim, a experiência pode ser na área...



R: É isso, pode ser numa área qualquer. Nós temos tradutores de medicina, etc. cuja primeira formação não é a tradução.

P: Sim senhor. Quinta e penúltima pergunta, e agora já dentro da competência tecnológica mais especificamente: quais os conhecimentos desta competência privilegiam quando procedem à contratação de um tradutor?

R: Dependendo dos casos e consoante o projeto para o qual necessitamos. Está a falar-me das ferramentas, correto?

P: Das ferramentas tecnológicas, não só das de tradução, há vários conhecimentos tecnológicos que...

R: Pois, é isso que lhe digo, depende porque há projetos nos quais a pessoa tem de ser muito desembaraçada e saber consultar, por exemplo, coisas da união europeia e etc. tem de se saber manobrar muito bem e utilizar bem fontes. Saber pesquisar também é uma mais valia.

P: Certo. A última pergunta é se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional da tradução. Por exemplo, se considera que um gestor de projetos deve ter mais ou menos conhecimentos tecnológicos, ou até conhecimentos tecnológicos diferentes, do que um tradutor ou um revisor.

R: Depende, de regra geral o gestor de projetos também tem de ter conhecimento para quando distribui o trabalho conseguir saber consultar e aceder ao projeto caso ele venha numa determinada ferramenta.

## Transcrição P\_11

P: Então vou começar por uma breve apresentação do projeto. Como lhe disse estou a tentar perceber quais são as competências tecnológicas que o tradutor deve dominar no contexto do mercado português. A primeira fase da entrevista é sobre a apresentação da empresa. A primeira pergunta é: como caracteriza esta empresa, se é uma empresa que se dedica 100% à tradução ou se tem outras atividades?

R: O nosso negócio principal é a tradução.

P: Sim senhor, muito obrigado. A segunda pergunta é qual o tempo de atividade.

R: Desde '98.

P: 1998, muito bem, já há alguns anos.

R: Serão 18 anos.

P: Mais uma pergunta: quais são as línguas com que trabalham com maior frequência?

R: Maioritariamente inglês, alemão e espanhol.

P: Muito bem. A maior parte para português?

R: Também fazemos retroversão, embora o grosso seja para português.

P: Muito bem. Outra pergunta é: quantos funcionários têm?

R: Quatro.

P: A última pergunta é: qual a sua função dentro da empresa?

R: Sócia gerente.

P: Certíssimo. Agora o desenvolvimento, vamos tentar ser breves. Utilizam maioritariamente tradutores *in-house* ou é mais frequente a contratação de *freelancers*?

R: É mais frequente *in-house*, mas também alguns *freelancers*.

P: Sabe dizer-me quantos *freelancers*?

R: Não lhe sei dizer, temos uma lista com os *freelancers* que usamos mais frequentemente onde procuramos consoante as necessidades dos projetos.

P: Certíssimo. A próxima é: quais considera que são as competência mais procuradas num tradutor no mercado português?

R: Naturalmente, em primeiro lugar, as competências linguísticas, sobretudo na língua para a qual traduz. Sem essa nada feito. Há, claramente, outros fatores a ter em conta, nomeadamente os conhecimentos que referiu e nos quais centra o estudo. As ferramentas de que dispõe, capacidade de trabalhar com *CAT Tools*, memórias de tradução e também alguma competência em formatar, apresentar documentos cuidados, etc. Muitas vezes temos como origem um PDF ou outro tipo de formatos não editáveis e depois é necessário produzir um documento aceitável.

P: Claro. Muito obrigado. Considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer* ou pensa que são as mesmas?

R: Essa pergunta é um bocado difícil de responder porque dependerá de muitas coisas e, especificamente, de empresa para empresa. Mas à partida *in-house* deverá ser alguém mais abrangente que possa lidar com outro tipo de coisas. Nós sabemos que determinado tradutor está mais especializado em X, outro em Y e quando atribuímos os trabalhos temos em conta essas especificidades de cada um. O *in-house*, no fundo, tem de poder socorrer todos os fogos.

P: Exato. E ajudar os colegas, se necessário.

R: Lá está, maior flexibilidade e abrangência de competências.

P: Certíssimo. Então a competência tradutória que considera mais importante será a competência linguística, não é?

R: Sim, naturalmente.

P: E, dentro da competência tecnológica, quais são os conhecimentos que privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: No nosso caso seria o uso da nossa ferramenta. Esse é o fator mais importante por razões óbvias. Para nós é fundamental que os tradutores disponham e dominem a ferramenta.

P: E a última pergunta: considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional? Por exemplo, acha que um gestor de projetos deva ter mais, menos ou conhecimentos diferentes de um tradutor ou revisor.

R: Idealmente todos deverão ter todos. No fundo todos vão passar por lá.

## Transcrição P\_12

R: Deixe-me fazer uma pergunta, as respostas que quer da minha parte são relativamente à minha empresa ou relativamente ao sector?

P: Ambos. Vou começar por lhe fazer algumas perguntas de apresentação da sua empresa e posteriormente vou fazer perguntas sobre a empresa e sobre a sua opinião sobre o mercado.

R: Muito bem.

P: Ótimo. Então, já lhe expliquei em que consiste este projeto, não já?

R: Já sim.

P: Nesse caso começo por lhe perguntar como caracteriza esta empresa, se se dedica 100% à tradução ou se tem outras atividades.

R: Sim, a empresa tem outras atividades, nomeadamente a área da informática, consultoria informática e serviços técnicos de informática. Mas o nosso grosso é a tradução técnica.

P: Sabe dizer-me percentagens?

R: Julgo que cerca de 80 a 85% do volume de faturação é da área da tradução e o restante é informática.

P: Muito bem. Se me permite perguntar...

R: Pergunte tudo, não se preocupe.

P: Certo, obrigado. Quantos anos tem a empresa?

R: É uma empresa muito jovem. Desde \* de \*\*\*\*\* de 2009.

P: 2009, muito bem. Quais são as línguas com as quais mais trabalham?

R: De inglês, espanhol ou alemão para português ou brasileiro. Isto será talvez 99%. Quer as restantes percentagens?

P: Julgo não ser necessário, importam-me aquelas que têm mais volume de trabalho.

R: Ainda bem porque eu também não sei!

P: Compreendo!

R: É que depende dos anos. Houve um ou dois anos que fizemos muito espanhol, o resto tem sido inglês. Este ano, por exemplo, temos feito muito brasileiro.

P: Muito bem. Quantos funcionários tem?

R: Neste momento? hoje? ou até ao final do mês? há uma diferença.

P: Então?

R: Fizemos candidaturas este ano e vamos finalizar os contratos no final do mês.

P: Então para os motivos deste estudo penso que será melhor dizer-me quantos serão no final do mês.

R: No final do mês seremos 17.

P: Muito bem. E qual é a sua função dentro da empresa?

R: Faço de tudo. Neste momento tudo menos traduzir.

P: Pois, compreendo, a empresa não se gere sozinha.

R: Exato. Sou sócio gerente, faço toda a gestão administrativa, apoio aos tradutores na minha área de eleição, que é a informática, faço apoio aos gestores de projeto, contacto diretamente com os clientes, acompanho os clientes para saber o nível de satisfação de cada um. As reclamações, de regra geral, também são da minha responsabilidade.

P: Mais era complicado. Costumam usar mais tradutores *in-house* ou *freelancers*?

R: Estamos a falar, talvez, de 99% *in-house*. Já temos uma equipa consideravelmente grande, pelo que tentamos fazer tudo *in-house*. Para estes pares de línguas que lhe falei anteriormente é muito raro recorrermos a tradutores *freelancer*. Só o fazemos quando são necessárias retroversões ou para pares de línguas com que não trabalhamos regularmente. Contudo não é nosso costume, só o fazemos quando os clientes pedem o favor. Quando dizem, por exemplo: "temos aqui um trabalho de inglês para português, mas também precisamos para espanhol..." só situações desse género.

P: Muito bem. E de um modo geral, quais considera que são as competências mais procuradas num tradutor?

R: Eu diria que a atitude é a primeira coisa a ter em conta. Ou seja, acima do tradutor está a pessoa. Portanto, para mim, neste momento, o que interessa é que as pessoas de uma equipa tenham atitude, que sejam proactivas. Têm imensas ferramentas, imensas formações que podem ter e ler. Ou seja, podem aprender nos tempos livres ou podem não fazer nada, é uma opção de cada um. De regra geral o ideal é que mostrem uma atitude positiva e proactiva neste sentido.

Em termos de competências específicas da área, gostava muito que dominassem uma ferramenta de tradução, seja ela qual for, não me interessa qual. Nós trabalhamos aqui com o TRADOS, mas qualquer tradutor que trabalhe com uma ferramenta rapidamente se adapta àquelas com que trabalhamos aqui.

P: Exato.

R: Tenho notado que os tradutores que saem das faculdades, ou seja, que têm um ou dois anos de experiência, não têm essas competências, não sabem usar uma ferramenta de tradução minimamente. Noto que há algumas faculdades onde isso não acontece... umas faculdades têm umas mais-valias e outras têm outras. Dou-me bem com todas, mas isto é algo que tenho notado. Há faculdades onde eles têm perfeita noção que só têm três ou quatro aulas com ferramentas de tradução, que não utilizam memórias de tradução e que só abrem projetos e traduzem diretamente no ficheiro. Isso não faz sentido nenhum no mercado em que nos encontramos Hoje em dia é impensável não usar uma ferramenta. Portanto, há muito essa lacuna

P: Entendo.

R: Outra qualidade muito importante num tradutor é o domínio do Português. Tenho notado que com o passar do tempo a qualidade do português nos tradutores tem vindo a decrescer drasticamente. Não sei se é uma questão de ensino secundário, se não, mas a verdade é que, muitas vezes, o português é francamente mau. Digo-lhe que 80% das pessoas que vêm fazer testes cometem erros ortográficos o que, para mim, é impensável.

P: Claro, talvez fosse necessário apertar as regras no que respeita à escrita no ensino secundário e superior. É impensável que um tradutor dê erros ortográficos.

R: É mesmo isso, é muito grave. Para mais, quando fazem testes de tradução, nós não fazemos o registo das horas que a pessoa está a fazer o teste, portanto podem fazer num dia, em dois, podem voltar as vezes que quiserem, podem até usar o corretor ortográfico

do Word. Portanto, há uma série de fatores que deveriam levar a que as pessoas não errassem tanto nesse campo.

P: Certo.

R: Ah! também é importante seguir instruções, é outra das coisas que usamos nos testes. Se calhar estou a dizer-lhe coisas muito gerais, mas são essas as mais importantes.

P: Sim, mas é mesmo isso que pretendo. E diga-me, considera que se procuram diferentes competências num tradutor *in-house* e num tradutor *freelancer*?

R: De regra geral não. Na realidade também não procuro muito *freelancers*, nós exportamos muito poucas traduções. Temos um círculo muito fechado de tradutores *freelancers*, que serão uns 15 ou 20, portanto o meu critério para os tradutores *freelancer* não é muito exigente, até porque a maior parte deles eu conheço pessoalmente. Agora, se me perguntar se eu fosse procurar algum tradutor *freelancer*... aí consideraria em primeiro lugar a responsabilidade. Nós damos um prazo de um projeto e exigimos que seja cumprido. E disponibilidade também, se eu precisar de entrar em contacto com ele, ele tem de atender o telefone e responder rapidamente aos e-mails.

Num tradutor *in-house* é completamente diferente porque trabalham todos na mesma sala. Se há um email que é enviado a um tradutor e ele não responde nos cinco minutos seguintes ele levanta-se e vai lá perguntar, não há essa exigência... A exigência é mais a nível técnico, ou seja, não errar. Os documentos são revistos pelo revisor, que aponta todos os erros. Claro que depois se espera que o tradutor não volte a cometer os mesmos erros.

P: Aprender com os erros...

R: Sim, aprender, melhorar e adaptar-se são as qualidades que mais espero de um tradutor *in-house*.

P: Certíssimo. Então, de todas elas, qual considera ser a competência tradutória mais importante?

R: Para mim, eu separo desta forma, há uma série de competências que toda a gente consegue adquirir, com mais ou menos facilidade, ao fim de algum tempo. Nesse aspeto falo de competências técnicas, embora eu ache que quando se sai da faculdade já se devia ter essa competência, porque é muito fácil de adquirir. O mesmo acontece talvez ao nível

da especialidade; um tradutor que nunca fez traduções da indústria automóvel certamente que não vai conhecer muitos dos termos, mas com a prática acaba por dominar muito bem. Contudo, a competência linguística, que para mim é uma das mais importantes, ou já a tem, ou não é agora que a vai ganhar, pelo menos em tempo útil. Uma pessoa que não domine bem o português não é em meia dúzia de semanas que vai dominar. Portanto essa é uma das mais importantes para mim.

P: Muito bem.

R: Depois dessa é também a pesquisa. Um tradutor é um bom pesquisador. Repare, eu venho da área da informática e a tradução e a informática, embora sejam completamente diferentes, têm algumas coisas em comum: são duas áreas que trabalham em qualquer área e dificilmente sobrevivem uma sem a outra. Ou seja, no caso da informática, se tiver de desenvolver um *software* para a indústria médica, eu não sou médico na realidade. O mesmo se passa na tradução, posso ter de traduzir um manual de um carro e não sou mecânico. Ou seja, um bom tradutor vai sempre deparar-se com coisas que não domina, o que faz com que a capacidade de pesquisa tenha de ser muito boa.

P: Talvez já tenha respondido um pouco à próxima pergunta que é: qual dos conhecimentos da competência tecnológica privilegia quando procede à contratação de um tradutor?

R: Bom... é claro que saber mexer com um computador e uma *CAT Tool* é excelente, mas não é eliminatório, se não eu eliminava 99% dos tradutores que aqui aparecem. Agora uma capacidade tecnológica de pesquisa... não sei se isso se considera uma capacidade tecnológica?!

P: Sim, é uma das sub-competências.

R: Então será essa. Essa e a capacidade datilográfica.

P: Compreendo.

R: Pois, é importante. Também não será eliminatória, mas um tradutor consegue ser mais produtivo se conseguir escrever mais rapidamente ou, pelo menos, assertivamente.

P: Compreendo. E a última pergunta... foi rápido, está a ver?



R: Não foi que eu falo muito!

P: E ainda bem! Bem, na última pergunta quero perceber se considera que os conhecimentos tecnológicos variam consoante as funções do profissional de tradução? por exemplo se um gestor de projetos deverá ter mais conhecimentos tecnológicos ou conhecimentos tecnológicos diferentes de um tradutor ou revisor?

R: Bom, aí temos de abordar duas hipóteses. Cada um tem as suas competências, um gestor de projetos deverá saber trabalhar com um computador de uma forma excelente. Ou seja, tem de saber manobrar o computador de forma rápida, enviar e-mails, ter capacidade de escrita rápida, saber pesquisar de forma eficiente e ter uma forma de escrita que seja perceptível para poder falar com os clientes de forma que eles compreendam o que quer dizer. Um tradutor, contudo, diria que tem de ser um bom criativo, ou seja, tem um *source* e tem de perceber perfeitamente de que se trata e, seguidamente, fazer uma boa tradução. Depois depende de cliente para cliente e de tradução para tradução. Já um revisor tem, acima de tudo, de ser uma pessoa que não seja influenciável. Ou seja, um revisor, quando está a rever já tem a tradução feita e, ao ler as duas versões, vai partir do princípio que o que está a ler tem lógica. Tem, contudo, de se conseguir abstrair e não ser influenciado pelo que está escrito na versão de chegada a fim de conseguir rever de forma eficaz... Está a perceber o que quero dizer?

P: Claro, percebo perfeitamente.

R: Perdoe-me a expressão, mas tem de ser mais "picuinhas" que um tradutor e estar muito atento a eventuais expressões e erros. Dou-lhe este exemplo, uma vez tive uma excelente tradutora e um dia pedi-lhe para fazer a revisão de um texto. Acontece que ela fez tantas alterações que àquilo que estava escrito que acabou por se focar mais na consistência de todas as expressões do que propriamente nos requisitos do cliente. Por isso lhe digo que, esta senhora, por exemplo, é sem dúvida uma excelente tradutora, mas não é uma boa revisora. Então sim, as competências são, claramente, diferentes.

P: Percebo.

R: Mas atenção que no seio de uma empresa as competências acabam muitas vezes por se uniformizar. A formação é muitas vezes dada da mesma forma e os funcionários

acabam, por se entreatujadar, acabando por partilhar determinadas competências, muitas vezes específicas de uma determinada função.